

A close-up, slightly blurred image of the American and British flags. The American flag's stars and stripes are visible on the left, while the Union Jack is on the right. The text is overlaid on the right side of the image.

Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica

Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2014 Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*
Todos os direitos reservados. Impresso nos EUA
*As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário,
são extraídas da versão da Bíblia de
João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.*

Índice

3 Duas Nações Que Mudaram o Mundo

6 O Compromisso de Deus com Abraão e Seus Descendentes

22 O Que é uma Aliança Bíblica?

23 Como Deus Planejou o Futuro de Israel

24 Será Que Deus Mantém Sua Palavra?

25 Como Jacó tornou-se herdeiro de Abraão

27 A Era de Ouro de Israel

38 Justiça para Todos

39 Comércio Internacional: Uma Fonte de Riquezas Para Salomão

40 Aliança de Deus com Davi

44 Do Império ao Exílio

57 Todos os Israelitas Foram Deportados?

60 Todos os Israelitas são Judeus?

61 Os Misteriosos Citas Surgem na História

70 Celtas e Citas Ligados Por Descobertas Arqueológicas

71 O Nome e a Sociedade Celta

72 A Geografia do Comércio Céltico-Cita

74 As Profecias do Reassentamento de Israel no Noroeste da Europa

76 As Conexões Linguísticas do Nome

78 A Grã-Bretanha e os Estados Unidos Herdaram a Primogenitura de José

93 A Bíblia Na História Britânica e Norte-Americana

94 Benjamin Disraeli: O Maestro do Império

96 Os Defensores do Anglo-Israelismo

98 Da Punição ao Destino

114 O Cumprimento Dual na Profecia Bíblica

115 “Nos Tornámos-nos...Orgulhosos Demais para Orar ao Deus que nos Criou”

115 “Eu temo pelo meu país quando penso que Deus é justo e que Sua justiça não dormita para sempre.

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC).

Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referenciada com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ACF – Almeida Corrigida Fiel

BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje

NVI – Nova Versão Internacional

Duas Nações Que Mudaram o Mundo

“Eis que as nações são consideradas por ele como a gota de um balde, e como o pó miúdo das balanças; eis que ele levanta as ilhas como a uma coisa pequeníssima . . . A quem, pois, fareis semelhante a Deus, ou com que o comparareis?”
(Isaías 40:15, 18).

Esta é uma história fascinante—a ascensão inédita do povo de língua inglesa às suas posições dominantes de poder e influência sobre o mundo moderno.

A História mostra que sua ascensão à grandeza teve início na tumultuada Reforma Protestante. Ao se separar de Roma e afrontada com a hostilidade reunida de ambas a igreja continental e o império espanhol, assim a nação mais poderosa do mundo, a Inglaterra começou a buscar além-mar segurança e comércio.

Exploradores foram enviados por todo o mundo durante o reinado da Rainha Elizabeth I (1558-1603). Isso levou ao estabelecimento de colônias que, mais tarde, deram origem aos Estados Unidos da América e à Comunidade Britânica.

Os historiadores chamaram estes países de “impérios revolucionários”. Eles não eram tiranias despóticas como outros países ou impérios mais antigos, nos quais todos estavam sujeitos a soberanos dominadores.

Cada colônia tinha seu próprio parlamento ou câmara da assembléia para a qual os eleitores enviavam os representantes eleitos. As pessoas podiam possuir terras, praticar sua religião e até levar seu governo à justiça, enquanto os jornais eram livres para criticar as autoridades. Os livros eram publicados livremente. As idéias inovadoras desabrocharam naquelas



O famoso Big Ben de Londres e a Estátua da Liberdade de Nova Iorque são símbolos do poder da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos e de suas grandes contribuições para a civilização.

que se tornaram as nações mais politicamente estáveis da história moderna.

Essas novas idéias levaram à formação gradual de uma grande associação de nações, o Império Britânico e a Comunidade de Nações, e a república mais bem sucedida do mundo, os Estados Unidos da América.

Por que a história tem sido tão benevolente e economicamente generosa para com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos? [Note: *A Grã-Bretanha é a combinação da Inglaterra, Escócia e o País de Gales*]. Por que eles têm sido abençoados tão favoravelmente sobre as nações que os precederam na história? A resposta encontra-se no entendimento e cumprimento da profecia bíblica.

Por mais surpreendente que pareça, ambas foram destinadas segundo profecia bíblica a se tornarem superpotências. Uma deveria preceder a

Seria coerente crer que Deus, ao revelar os eventos que levariam ao retorno do Messias nos últimos dias, simplesmente negligenciasse os Estados Unidos e o Império Britânico?

outra no status de grande potência. Ambas dominariam os assuntos internacionais a seu próprio tempo. Elas seriam inclusive requisitadas para salvar outras nações das forças do despotismo. Acima de tudo, elas tornariam possível às nações de língua inglesa a liberdade democrática e religiosa.

Em duas guerras mundiais a Comunidade Britânica e os Estados Unidos salvaram virtualmente todo o mundo civilizado da concentração de poderes com intenção de dominar o mundo. Sem elas nosso mundo seria completamente diferente em vários aspectos.

O clima que encorajou a liberdade de expressão levou à Revolução Industrial, que mudou o mundo. No século entre o final das Guerras Napoleônicas e o início da Primeira Guerra Mundial (1815-1914), as habilidades e os recursos monetários britânicos desenvolveram as economias de suas colônias (um quarto da população mundial) e contribuíram para o desenvolvimento do inexperiente Estados Unidos e das nações recém-independentes da América do Sul. Após a Segunda Guerra Mundial, a prosperidade e generosidade econômica dos Estados Unidos—através do Plano Marshall—novamente impulsionou a Europa e o Japão.

Hoje, o declínio da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos está deixando um vácuo em redor do globo. A dissolução do Império Britânico já tem trazido à superfície conflitos étnicos há muito mantidos sob controle pelo colonialismo. As guerras no Oriente Médio, na África, no sul da Ásia e no Pacífico são o resultado direto da descolonização e têm tornado o mundo mais complexo e instável.

A potência norte-americana pareceu ter liderado prosperamente com esses problemas. Mas a posição internacional propriamente dita dos Estados Unidos está em declínio. Por longo tempo na vanguarda do progresso, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos estão enfrentando dilemas

complexos aparentemente insolúveis e crescentes, tanto internos como externamente. Entretanto, outras potências, no oriente e no ocidente, exercitam seus músculos, preparando-se para desafiar o status da superpotência norte-americana.

Por mais de quatrocentos anos a Inglaterra e as nações originadas por ela têm desempenhado um papel crucial no mundo. Juntos, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos têm dominado o cenário mundial por dois séculos, durante um tempo em que importantes profecias bíblicas, referentes ao tempo do fim, estão sendo cumpridas diante dos nossos olhos.

Chegamos agora a algumas perguntas vitais. Por que as bênçãos econômicas—e ideais democráticos—são tão evidentes nas nações de língua inglesa? Quem são os povos britânico e norte-americano? Como estas duas grandes potências—os Estados Unidos e as nações abrangidas pela maior parte do antigo Império Britânico—se encaixam na profecia bíblica?

Os povos britânico e norte-americano são ignorados nas páginas de nossa Bíblia enquanto nações menos poderosas são específica e frequentemente mencionadas? Seria coerente crer que Deus, ao revelar os eventos que levariam ao retorno do Messias nos últimos dias, simplesmente negligenciasse os Estados Unidos e o Império Britânico?

Ou seria possível que a maioria das pessoas, inclusive muitos estudantes da Bíblia, simplesmente falhassem em entender as profecias que predizem exatamente a ascensão dessas nações e o que acontecerá no fim dos tempos?

A leitura das páginas desta publicação o levará a uma incrível viagem pela história antiga e moderna. Você encontrará povos dos quais, talvez, jamais tenha ouvido falar, e visitará terras que ainda não viu. Este conhecimento é uma chave vital para compreender nosso mundo e época.

Esta viagem também o lembrará que o grande Deus, para o qual “as nações são como a gota de um balde” e “como o pó miúdo das balanças” (Isaías 40:15), é sempre fiel às Suas promessas.

Por que o nosso mundo é tão incerto?

Teremos de viver na ignorância do nosso futuro? Podemos descobrir uma fonte de informações sobre onde este mundo está indo?

Para saber mais sobre a Profecia Bíblica, peça ou baixe nosso livro gratuito:

Você Pode Entender a Profecia Bíblica

www.revistaboanova.org



O Compromisso de Deus com Abraão e Seus Descendentes

“... Em ti serão benditas todas as famílias da terra”.
(Gênesis 12:3).

Para entender algumas das maravilhosas e inspiradoras profecias, temos de embarcar em um estudo que tem início há quatro mil anos—quando Deus começou a trabalhar com um homem chamado Abraão. Ele foi um personagem notável. Deus fez promessas surpreendentes a ele que continuavam afetando não somente seus descendentes, mas também o mundo inteiro.

A história de sua descendência também é notável. Abrange em grande parte o que conhecemos como o Antigo Testamento. Esta é uma história repleta de grandes temas—não apenas a ascensão e queda de grandes homens e mulheres, mas também de reinos e impérios.

A história dos descendentes de Abraão tem sua parcela de voltas e reviravoltas e altos e baixos e mais alguns mistérios.

Os livros do Antigo Testamento descrevem a descendência de Abraão—tornando-se uma nação poderosa—o reino israelita—e entrando num relacionamento especial de aliança com Deus. Composta de doze tribos, ou grupos de famílias, a nação ganhou proeminência por um tempo.

Entretanto, logo os israelitas se dividiram em dois reinos rivais. Quando o maior deles, que conservou o nome Israel (composto de dez das doze tribos), rejeitou sua associação com Deus e pôs em marcha um dos maiores mistérios da história quando seus habitantes foram forçosamente exilados de sua antiga pátria.

O menor, o do sul, o reino de Judá—formado pelas duas tribos restantes e remanescentes doutra—falhou em aprender a lição de seus parentes do



Imagens de uma elegante caixa incrustada que foi escavada em Ur, atual Iraque, retrata a vida cotidiana no tempo de Abraão.

norte. Seus cidadãos igualmente rejeitaram a Deus e foram levados cativos. Entretanto, eles retiveram, em grande parte, sua identidade e permaneceram visíveis através da história como uma raça pequena e frequentemente perseguida, o povo judeu.

Mas o que aconteceu às dez tribos de Israel cujos inimigos removeram-nos à força de sua terra? O Império Assírio os capturou e os exilou de sua pátria, o Oriente Médio, no século oito a.C. Mas os livros clássicos de história não fazem menção deles hoje em dia. O mundo lembra-se deles apenas como as *dez tribos perdidas de Israel*.

Deus, todavia, tinha feito uma aliança—um *compromisso divino*—com todas as doze tribos. Ele prometeu que elas *sempre* seriam Seu povo e Ele *sempre* seria seu Deus. Podemos confiar que Ele manterá Sua palavra? Como isso será possível se as dez tribos perdidas desapareceram, como muitos supõem?

Somando-se ao quebra-cabeça, a profecia bíblica nos diz repetidas vezes que esses israelitas supostamente *perdidos* estão destinados a reaparecerem no cenário mundial em um papel proeminente, imediatamente após o retorno de Jesus—após seu livramento de um “tempo de tribulação” que poderia fazer parecer pequeno o seu sofrimento anterior. Os antigos profetas até falam da restauração dos israelitas à sua pátria original sob o governo do Messias, após aquele tempo de tribulação.

Observe esta promessa que Jesus fez aos Seus apóstolos: “Digo-lhes a verdade: por ocasião da regeneração de todas as coisas, quando o Filho do homem se assentar em seu trono glorioso, vocês que me seguiram também se assentarão em doze tronos, *para julgar as doze tribos de Israel*” (Mateus 19:28, NVI, grifo do autor).

Jesus falou sério ao dizer isso? Se estes descendentes de Israel estão destinados a ter um papel no futuro que Deus profetizou para o mundo, onde estão eles agora? Como podemos identificá-los entre os povos do mundo atual? E por que este conhecimento é tão importante para nós?

Conforme prosseguimos com este estudo revelador, você aprenderá o quanto Deus está comprometido em ajustar os aspectos cruciais do nosso mundo. Você não pode se dar ao luxo de continuar ignorando este incrível conhecimento.

Se esta informação sobre as tribos perdidas forem simplesmente de valor histórico e arqueológico, então será de fato somente de interesse para aqueles que são fascinados por história. Mas é muito mais importante que isso.

É a *chave mestra* para compreender toda a profecia bíblica. E explica por que tantas profecias falam de uma restauração vindoura de *todas as tribos de Israel* como um reino reunificado, e por que essas profecias são tão ressaltadas nas páginas das Escrituras Sagradas.

Através da compreensão desta incrível história é possível aprender muito sobre o que Deus espera de todos os que O servem. Que Deus possa conceder-lhe o discernimento espiritual para entender esta história maravilhosa e prestar atenção aos ensinamentos que você está para descobrir.

Uma história de relacionamentos e acordos

A nossa história começa com uma série de promessas extraordinárias que Deus deu a um homem chamado Abraão há milhares de anos.

“Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa do seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei,” Deus disse a Abrão. “Farei de você um *grande povo*, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e *você será uma bênção*. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e *por meio de você todos os povos da terra serão abençoados*” (Gênesis 12:1-3, NVI).

Assim como vamos aprender neste livro, Deus sempre é fiel em Suas promessas. Os preparativos para o seu relacionamento com a antiga Israel tiveram início séculos antes de Seu povo tornar-se uma nação. Ele iniciou Seus planos para Israel como um grupo de tribos—ou famílias estendidas—quando estabeleceu um relacionamento com Abrão. Mais tarde Ele mudou o nome de Abrão, que significa “pai exaltado” para *Abraão*, que significa “pai de uma multidão” (Gênesis 17:5).

A promessa de Deus a Abraão não foi limitada a uma pequena e antiga nação do Oriente Médio. Ela estende-se para o futuro e não está limitada às fronteiras nacionais. Deus designou esta promessa para trazer bênçãos a todas as nações.

Observe novamente a promessa de Deus para ele: “E far-te-ei *uma grande nação*, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e *em ti serão benditas todas as famílias da terra*” (Gênesis 12:2-3).

Que compromisso fantástico! Com estas promessas, Deus iniciou um projeto admirável, designado para beneficiar “todas as famílias da terra” quando for consumado. A história e as profecias dessa nação, nascida de Abraão, são importantes não somente para seu próprio povo, mas para os povos de todas as nações.

Posteriormente, Deus passou adiante essas promessas de Abraão para seu filho Isaque, seu neto Jacó e depois para os doze filhos de Jacó—de quem vieram as doze tribos de Israel. Deus deu mais detalhes às gerações sucessoras sobre o Seu propósito para Israel e como Ele pretendia cumprir Seu grande plano para eles.

Este compromisso assumido pelo Criador da humanidade é o elo que une as várias partes das Escrituras. Ele aumenta o significado e fornece estrutura à Bíblia. Até a missão de Cristo é uma continuação desta promessa.

Quase oitocentos anos após Israel ter desaparecido como nação, o apóstolo Paulo descreveu os gentios (não israelitas) que estão “sem Cristo” como “separados da comunidade de Israel, e *estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo*” (Efésios 2:12).

Esta é uma linguagem forte, mas ela ressalta a importância do compromisso de Deus com Abraão e Paulo reconheceu que Israel, incluindo as dez tribos perdidas, continuava existindo. Se Paulo estivesse falando somente sobre os judeus, as tribos contidas no reino do sul, ele teria falado de Judá, não de Israel (ver “Todos os Israelitas São Judeus?” p. 60).

Em seguida, Paulo esclarece Seu significado. “Em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito, a saber, que os gentios são coerdeiros, membros do mesmo corpo, e *coparticipantes da promessa* em Cristo Jesus por meio do evangelho” (Efésios 3:5-6, ARA).

Como todos os povos podem participar das promessas que Deus fez a Abraão através de Jesus? Paulo explica, “E, se sois de Cristo, então, sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa” (Gálatas 3:29).

Isto significa que Deus tem de enxertar todos que se tornam Seus servos na família de Abraão, e Deus *comprometeu-se* a uma série de alianças para realizar isso (Romanos 11:13-27). (Ver “O que é uma Aliança Bíblica?” p. 22).

A promessa de Deus a Abraão não foi limitada a uma pequena e antiga nação do Oriente Médio. Ela estende-se para o futuro e não está limitada às fronteiras nacionais. Desde o início, Deus designou esta promessa para trazer bênçãos a *todas as nações*. Este é o Seu propósito. É isto que Ele realizará.

Por que Deus escolheu Abraão?

Por que Deus escolheu Abraão para ser Seu servo e, através dele, trazer a antiga Israel à existência como nação? O que Deus tinha em mente, e por que chamou a Abraão para servi-Lo naquela determinada época da história?

Após o Dilúvio dos tempos de Noé, os habitantes da Terra, uma vez mais, começaram a se desviar de Deus. Na época de Abraão, todos os povos tinham se corrompido novamente.

Deus então pôs em marcha um aspecto importante de Seu plano para oferecer a salvação para a humanidade. A escolha de Abraão foi um passo decisivo no plano de longo prazo de Deus para trazer todas as nações de volta para Ele. O restante da Bíblia é tecido em torno de Seu plano para reconciliar a humanidade Consigo mesmo.

Você deve lembrar que logo antes do Dilúvio “Ao ver como a terra se corrompera, pois toda a humanidade havia corrompido a sua conduta, Deus disse a Noé: ‘Darei fim a todos os seres humanos, porque a terra encheu-se de violência por causa deles. Eu os destruirei com a terra’” (Gênesis 6:12-13, NVI).

Assim, logo após o Dilúvio, quando a humanidade começou novamente a se opor à direção de Deus, a Torre de Babel tornou-se o símbolo dessa rebelião (Gênesis 11:1-9). No contexto desta rebelião, e com a fundação do sistema de estado soberano de governo humano, que acompanhou esta rebelião, Deus iniciou uma nova fase em Seu plano para levar todas as nações

a adorá-Lo. Ele decidiu escolher *um homem fiel* e tornar seus descendentes em um grupo de nações influentes, escolhidas para o propósito explícito de *ensinar e ilustrar* Seus valores e modo de vida.

Uma parte deste plano envolve o desejo que Deus tem de que todas as nações reconheçam a diferença total entre estes dois caminhos de vida conflitantes. Ele quer que cada pessoa aprenda que somente o Seu caminho pode trazer consistentemente bênçãos verdadeiras e duradouras a todas as pessoas.

Escolhidos para servir

Deus criou todos os povos da terra “de um só sangue” (Atos 17:26, ACF). A história dos israelitas é sobre uma única família que o Criador Deus escolheu dentre todos os povos da Terra para o Seu serviço.

Embora os israelitas fossem um povo escolhido, de forma alguma deveriam ser considerados um povo *superior*—tanto na antiguidade como agora. O apóstolo Pedro explicou posteriormente que “*Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que O teme e faz o que é justo lhe é aceitável*” (Atos 10:34-35, ARA). Isso sempre foi verdadeiro.

Alguns podem supor que Deus escolheu trabalhar com Abraão e seus descendentes por que, de alguma forma, eles eram mais importantes ou naturalmente melhores que as outras pessoas. *Mas absolutamente este não era o caso.* Deus intencionalmente escolheu lidar com um pequeno grupo de pessoas que não tinha proeminência internacional.

Observe o que Deus disse à antiga Israel: “O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, *pois vós éreis menos em número do que todos os povos*, mas porque o SENHOR vos amava; e, para guardar o juramento que jurara a vossos pais, . . . Saberás, pois, que o SENHOR, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda o concerto e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos” (Deuteronômio 7:7-9; comparar 1 Coríntios 1:26-29).

Deus escolheu Abraão para uma tarefa específica. Mas Ele também testou Abraão para ver se ele Lhe seria fiel. Abraão passou nesses testes. Então, Deus começou a usá-lo porque ele *acreditava e confiava* em seu Criador.

“Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça” (Romanos 4:3; comparar Gênesis 15:6).

Deus moldou a antiga Israel, sob a Sua cuidadosa orientação, das doze tribos relacionadas ou famílias estendidas, cujos ancestrais eram Abraão, seu filho Isaque e o filho de Isaque, Jacó.

As famílias estendidas de Abraão cresceram, formando uma multidão ainda maior, os descendentes dos doze filhos de Jacó. Deus os constituiu uma nação e fez uma aliança com eles. Juntos, eles ficaram conhecidos como “Israel” ou “os filhos de Israel”.

E *Israel* foi outro nome dado a Jacó. Quando Deus começou a trabalhar diretamente com Jacó ele o nomeou Israel, que significa “aquele que prevalece com Deus” ou “um príncipe com Deus” (Gênesis 32:24-30).

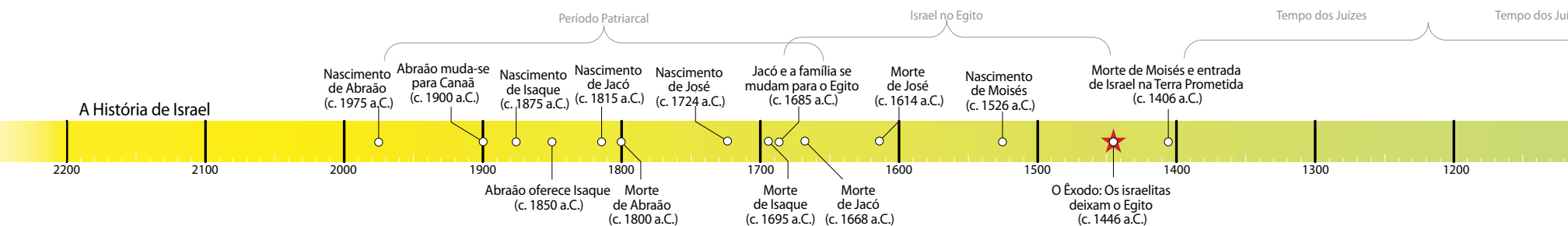
Os descendentes de Israel também seriam conhecidos como “a semente de Abraão”, “a Casa de Isaque”, “a Casa de Jacó” ou simplesmente “Jacó”—e pelos nomes individuais das tribos, de Rubem, Simeão, Levi, Judá, Zebulom, Issacar, Dã, Gade, Aser, Naftali, Benjamim e José.

Mais tarde, o patriarca Jacó adotou Efraim e Manassés, seus netos através de seu filho José, como seus próprios filhos quanto a sua herança. Consequentemente, a nação de Israel tem sido mencionada, historicamente, como sendo composta tanto de doze ou treze tribos, dependendo se os descendentes de José são contados como uma tribo (José) ou duas (Efraim e Manassés).

Promessas de importância histórica

Conforme Deus trabalhava com Abraão, Ele expandia a série de compromissos pactuais entre eles. Esses compromissos eram baseados numa importantíssima série de promessas e profecias magnânimas jamais dadas por Deus a um ser humano. Os profetas posteriores de Israel, os apóstolos de Jesus e o próprio Jesus, todos consideraram essas promessas como a fundação de seu trabalho (Atos 3:13, 25).

Observe novamente o que Deus disse ao patriarca Abraão: “E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e *tu serás uma bênção*. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti *serão benditas todas as famílias da terra*” (Gênesis 12:2-3; veja também Gênesis 18:18; 22:18; 26:4; 28:14).



A bênção mais importante, disponibilizada a todas as nações, através da “semente” de Abraão, mais tarde aprendemos dos apóstolos que seria a bênção da vida eterna por meio de Jesus Cristo (Atos 3:25-26; Gálatas 3:7-8, 16, 29). Através de Sua mãe, Maria, Jesus nasceu como judeu, da tribo de Judá, um descendente de Abraão (Hebreus 7:14). Seu sacrifício abre a porta para pessoas de todas as nações desfrutarem um relacionamento com o Deus de Abraão.

Quando pessoas de qualquer raça ou origem entram num relacionamento pactual com Cristo, elas, também, tornam-se descendentes de Abraão. Como Paulo escreveu em Gálatas 3:28-29: “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa”.

Assim, desde o início da interação de Deus com Abraão, fica cada vez mais claro que o objetivo de Deus é tornar a salvação acessível a todos. O restante da Bíblia revela muitos mais detalhes de como Deus executará este plano. Mas encontramos seu fundamento no livro de Gênesis nas promessas que Deus deu a Abraão.

A Bíblia revela muitos aspectos do plano mestre de Deus para a salvação da humanidade. A dimensão espiritual de Sua promessa a Abraão é apenas uma parte da história. Como seres físicos nós interagimos em um mundo físico. Por esta razão, Deus sempre atinge Seus alvos espirituais através de meios físicos, como dar e tirar bênçãos físicas—usando o princípio de recompensas por bom comportamento e punição pelo pecado.

Por exemplo, precisamos refletir por que Deus prometeu fazer de Abraão uma “grande nação” (Gênesis 12:2). Hoje em dia, muitos estudantes da Bíblia não conseguem entender a importância desta grandiosa promessa física. Geralmente, os críticos da Bíblia zombam disso porque acham que o povo de Israel nunca foi mais do que um par de reinos insignificantes na ponta oriental do Mar Mediterrâneo. Mas eles estão errados. Deus não mente (Tito 1:2). Ele mantém Suas promessas. Logo veremos *por que* e *como* Deus tem cumprido esta promessa específica de grandeza nacional a Abraão.

Promessas de grandes bênçãos nacionais e materiais

Nos capítulos 12 a 22 de Gênesis, *sete passagens* descrevem as promessas que Deus deu e reconfirmou a Abraão. No relato inicial (Gênesis 12:1-3) Deus disse a Abraão para deixar sua pátria e família. Esta foi a primeira condição que Abraão tinha de atender antes que pudesse receber a promessa.

Quando Abraão obedeceu prontamente, Deus então prometeu abençoá-lo e tornar seu nome grande. Sua descendência também se tornaria grande. (Como veremos, os resultados desta promessa seriam classificados entre os maiores atos da história do mundo);

Alguns versículos depois, Deus apareceu a Abraão e prometeu a seus descendentes a terra de Canaã (versículo 7). As promessas de Deus inequi-

vocamente incluíam coisas materiais—terra física e possessões.

O capítulo treze de Gênesis fornece mais detalhes sobre as promessas. Após o relato da disposição de Abraão em dar o campo fértil adjacente ao Rio Jordão ao seu sobrinho Ló (versículos 5-13), Deus, em contrapartida, prometeu toda a terra de Canaã a Abraão *para sempre* (versículos 14-17), indicando que os aspectos *temporal* e *eterno* de Sua promessa estavam intimamente relacionados.

Apesar de Abraão ainda não ter filhos, Deus também prometeu que seus descendentes seriam contados “*como o pó da terra*”; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, também a descendência [de Abraão] será contada” (versículo 16). O imenso escopo desta promessa—a expansão quase ilimitada dos descendentes de Abraão—não deve ser tomado como de pouca importância. Conforme veremos, ela tem implicações colossais.

Aproximadamente uma década mais tarde, Deus apareceu novamente a Abraão em uma visão. Apesar de que ele ainda não tinha filhos, outra vez, Deus lhe prometeu um herdeiro—e este herdeiro, disse Deus, seria “gerado de ti” (Gênesis 15:4).

Uma incrível multidão de pessoas viriam daquele herdeiro, Isaque. “Então, [Deus] levou [Abraão] fora e disse: Olha, agora, para os céus e conta as estrelas, se as podes contar . . . Assim será a tua semente” (versículo 5). Como respondeu Abraão? “E *creu* ele no SENHOR, e foi-lhe imputado isto por justiça” (versículo 6).



O fiel Abraão obedeceu a Deus, deixando sua terra natal e viajando para uma terra que Deus prometeu que pertenceria a ele e à sua descendência para sempre.

A certeza de Abraão de que Deus manteria Sua promessa—mesmo num futuro distante—foi uma das razões pelas qual Deus o amou. Deus o escolheu para ser não apenas o pai de diversas nações poderosas, mas também o “pai de *todos os que creem*” (Romanos 4:11). Deus estava trabalhando em um duplo papel para o fiel Abraão.

Alguns versículos depois, Deus lhe prometeu, além de inumeráveis descendentes, todo o território que se estendia “desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates” (Gênesis 15:18). Este espaço de território cobria muito mais terra que a terra incluída por Deus em Sua promessa original da terra de Canaã (Gênesis 12:6-7; 17:8; 24:7).

Deus expande Suas promessas

Conforme Abraão ia demonstrando sua fidelidade, Deus aumentava o escopo de Suas promessas a ele. Finalmente, elas envolveram muito mais do que Deus tinha revelado inicialmente. A descrição mais detalhada das maravilhosas promessas de Deus a Abraão aparece em Gênesis 17.



“Sendo, pois, Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o SENHOR a Abrão,

“Olha, agora, para os céus,” disse Deus a Abrão, “e conta as estrelas . . . Assim será a tua semente.”

e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda em minha presença e sê perfeito. E porei a minha aliança entre mim e ti, e te multiplicarei grandissimamente . . . Quanto a mim, eis o meu concerto contigo é, e serás o pai de uma multidão de nações.

“E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por *pai da multidão de nações te tenho posto*. E te farei *frutificar grandissimamente* e de ti farei *nações*, e *reis* sairão de ti. E estabelecerei o meu concerto entre mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações, por concerto perpétuo, para te ser a ti por Deus e à tua semente depois de ti. E te darei a ti e à tua semente depois de ti a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã em perpétua possessão, e ser-lhes-ei o seu Deus” (Gênesis 17:1-8).

Como declarado anteriormente sobre esta promessa, a bênção de Deus ainda era condicional e baseada na obediência e no compromisso de Abraão em amadurecer espiritualmente. Aqui Deus, mais uma vez, vem lembrar-lhe disso, dizendo, “Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda em minha presença e sê perfeito” (versículo 1; comparar Mateus 5:48).

Uma “grande nação” é ampliada em “muitas nações”

Lembre-se que uma parte importante da promessa de Deus era multiplicar grandemente os descendentes de Abraão. Aqui Deus enfatizou esta realidade ainda por acontecer, mudando o nome do patriarca. Até este momento, ele era conhecido como Abrão. Neste momento, Deus disse-lhe: “E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai da multidão de nações te tenho posto” (Gênesis 17:5). Como mencionado anteriormente, Abrão significa “pai exaltado”, nas *Abraão* significa “pai de uma multidão”.

Deus aprofundou com mais detalhes este aspecto de Sua promessa: “E te farei *frutificar grandissimamente* e de ti farei *nações*, e *reis* sairão de ti” (versículo 6; ver também versículos 15-16).

Deus continuou: “E te darei a ti e à tua semente depois de ti, a terra de tuas peregrinações, *toda a terra de Canaã em perpétua possessão* e ser-lhes-ei o seu Deus . . . Tu, porém, guardarás o meu concerto, tu, e a tua semente depois de ti, nas suas gerações” (versículos 8-9). O relato em Gênesis 17 demonstra o compromisso de Deus para com Abraão como um “*concerto perpétuo*” (versículos 7, 13, 19), um *pacto firmado*, obrigando Deus a dar perpetuamente aos descendentes do patriarca a terra de Canaã (versículo 8). O compromisso de Deus a Abraão era de grande importância e de amplo alcance.

O *sexto* relato da promessa de Deus a Abraão aparece em Gênesis 18, num cenário imediatamente anterior à destruição das cidades infestadas de pecado, Sodoma e Gomorra. Os convidados angelicais de Abraão—mensageiros com notícias sobre a punição divina que estava para ocorrer nas duas cidades—reconfirmaram o nascimento, em breve, de um filho a Abraão, com 99 anos de idade, e sua esposa, Sara, dez anos mais nova (versículos 10-14).

Como Deus prometeu que não “ocultaria” de Abraão Suas intenções (Gênesis 18:17; Amós 3:7), os anjos, que visitavam o patriarca idoso, confirmaram as promessas de que ele iria “certamente tornar-se uma grande e poderosa nação”—uma aliança física, material e nacional abrangente. Eles também reconfirmaram a promessa messiânica de que “nele serão benditas todas as nações da terra” (Gênesis 18:18).

Esta promessa foi cumprida quase um ano após este encontro, quando Sara deu à luz a Isaque (Gênesis 21:1-3). Primeiramente, Abraão demonstrou ser fiel a Deus. Agora, milagrosamente, Deus confirmava a fidelidade de Seu compromisso com Abraão.

O grande teste de Abraão

O clímax destes *sete* relatos das promessas de Deus aparece em Gênesis 22. Aqui encontramos um dos mais significantes eventos na Bíblia. Esse é o desfecho da promessa que Deus fez a Abraão.

Neste relato, a disposição de Abraão em sacrificar Isaque prenuncia o evento fundamental do plano de Deus para oferecer salvação a todos—a

disposição de Deus em oferecer Seu único Filho, Jesus Cristo, como um sacrifício (João 3:16-17).

Anteriormente, notamos que as promessas de Deus eram dependentes da obediência constante de Abraão (Gênesis 12:1; 17:9). Mas após os eventos de Gênesis 22 Deus mudou Sua aliança com Abraão, elevando-a a um novo nível—e por uma boa causa.

Deus disse a Abraão para trazer Isaque, o filho da promessa (Romanos 9:9), e sacrificá-lo como uma oferta queimada no Monte Moriá (Gênesis 22:2). O principal teste de fé de Abraão havia chegado.

Nesta altura de sua vida Abraão tinha aprendido a confiar em Deus implicitamente. Ele tinha experimentado a sabedoria, a verdade e a fidelidade de Deus. Ele continuou fazendo conforme era instruído, até ser milagrosamente interrompido no exato momento em que mataria seu filho (versículos 9-11).

Podemos aprender diversas e profundas lições deste incidente. Primeiro, Deus—seja no passado ou hoje em dia—nunca admitiu que O adorassem com sacrifícios humanos.

Segundo, Deus proibiu a Israel de seguir a prática pagã de oferecer os filhos primogênitos como sacrifícios a ídolos. O sacrifício humano fazia parte da cultura da sociedade mesopotâmica de onde Abraão foi chamado, assim como também das nações ao seu redor. Mas Deus certificou-se de que seu servo fiel *não* iria realmente imolar seu filho, embora Abraão não soubesse de antemão o que Deus tinha em mente.

No versículo seguinte, as palavras de Deus revelam o que realmente Ele queria descobrir sobre Abraão: “agora *sei que temes a Deus* e não me negaste o teu filho, o teu único” (versículo 12). Por estar disposto a obedecer ao Deus vivente, Abraão provou que renunciaria àquilo que era mais precioso para ele, seu único herdeiro (versículo 16; comparar João 3:16). Deus não queria o filho de Abraão como sacrifício. Mas queria realmente saber se Abraão *confiava* nEle o bastante para fazer a escolha mais difícil que Deus colocaria diante dele. Abraão passou no teste.

Terceiro, o comportamento de Abraão demonstrou que ele era um homem qualificado para o papel de “pai de todos os que creem” (Romanos 4:11-22; Gálatas 3:9; Hebreus 11:17-19)—e que era um fundador adequado da família de descendentes incontáveis que poderia se tornar o povo de Deus (Gênesis 18:19).

Contudo, Deus não podia completar o plano que iniciara através de Abraão sem tocar no problema do pecado humano, e este problema iria, mais tarde, requerer o sacrifício do Redentor da humanidade—Jesus, o Messias, o Cordeiro de Deus (João 1:29).

O compromisso de Deus torna-se incondicional

A esta altura, as promessas de Deus a Abraão—materiais e espirituais—tornaram-se incondicionais. Suas palavras, “Por mim mesmo, jurei!” (Gênesis 22:16), mostram que o cumprimento da promessa não dependia

mais de Abraão. Agora, o cumprimento da promessa dependeria exclusivamente do próprio Deus. Ele *se comprometeu incondicionalmente* a cumprir a promessa feita a Abraão e aos seus descendentes.

Deus coloca sua honestidade e integridade em jogo nestes compromissos. Ele *comprometeu-Se incondicionalmente* a realizar minuciosamente todas as Suas promessas.

Pelo fato de entendermos a natureza incondicional das promessas de Deus, temos uma ideia melhor do que procurar na história do passado acerca dos descendentes da antiga Israel. E como Deus não pode anular Sua promessa a Abraão, pois Ele não vai quebrar Sua palavra (Números 23:19), cada particularidade de Suas promessas torna-se um guia em nossa busca pela identidade das dez tribos perdidas de Israel após seu exílio.

Gênesis 22 conclui com Deus reafirmando os elementos centrais de Seu compromisso com Abraão: “Que deveras te abençoarei e *grandissimamente multiplicarei* a tua semente como as estrelas dos céus e como a areia que *está* na praia do mar; e a tua semente possuirá a porta dos seus inimigos” (versículo 17). Estas bênçãos físicas, materiais e nacionais continuam como indícios para a identidade dos descendentes modernos de Abraão.

Deus continuou, “E em tua *Semente* serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à Minha voz” (versículo 18).

O apóstolo Paulo, ao comentar este versículo muitos séculos depois em Gálatas 3:16, explicou que esta bênção prometida refere-se a Jesus Cristo: “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua posteridade [em grego: *Semente*]. Não diz: E às posteridades, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua posteridade, que é Cristo”. Através de Cristo, como a Posteridade [*Semente*] de Abraão, Deus tornaria a salvação acessível a toda à humanidade (comparar João 3:16).

Promessas renovadas a Isaque, filho de Abraão

Deus renovou Suas promessas a Abraão nas gerações seguintes. Ele reconfirmou Sua aliança com Isaque, filho do patriarca, (Gênesis 26:1-5) e com seu neto Jacó (Gênesis 27:26-29; 28:1-4, 10-14; 35:9-12).

Através de Jacó, Deus transferiu os aspectos nacionais e materiais de Suas promessas aos descendentes bisnetos de Abraão, Efraim e Manassés, os filhos de José (Gênesis 48:1-22).

O fato de a Bíblia registrar em detalhes como essas promessas de bênçãos passaram de uma geração a outra é mais uma prova de que a aliança de Deus com Abraão incluía aspectos físicos, materiais e nacionais, além das importantíssimas profecias messiânicas.

A promessa de Deus a Isaque, “à tua semente darei *todas estas terras*” (Gênesis 26:3-4), contém grandes bênçãos materiais. Deus também lhe prometeu inumeráveis descendentes, como fez com Abraão, dizendo que seus descendentes iriam se “multiplicar como as estrelas dos céus” (versículo 4).

Em um primeiro momento, esta promessa seria cumprida na época em que milhões de israelitas alcançaram o Monte Sinai sob a liderança de Moi-

sés e, mais tarde, no tempo de Salomão (Deuteronômio 1:10; 1 Reis 4:20-21). Mas até Moisés estava ciente de que as bênçãos de se tornarem grandes multidões seriam multiplicadas muitas vezes, além do que já tinha ocorrido em sua época (Deuteronômio 1:11).

Jacó recebe o direito de primogenitura e a bênção

Normalmente, as bênçãos físicas passadas para Isaque teriam sido destinadas ao filho primogênito, Esaú (Gênesis 25:21-26). Entretanto, Jacó, o mais novo dos irmãos gêmeos, persuadiu Esaú a vender seu direito de primogenitura por um prato de guisado (versículo 29-34).

O que era o direito de primogenitura, e por que isto era importante? *A Enciclopédia Padrão Internacional da Bíblia (The International Standard Bible Encyclopedia)* explica que o direito de primogenitura era “o direito pertencente naturalmente ao filho primogênito . . . Tal pessoa tornava-se enfim o chefe da família, a linhagem seria continuada através dele. Como primogênito ele herdava uma porção dobrada das propriedades do pai . . . O primogênito era responsável por . . . exercer autoridade sobre toda a casa” (1979, Vol. 1, “Primogenitura”, pp. 515-516).

Para conseguir as bênçãos do direito à primogenitura de seu pai, Jacó buscou enganar Isaque, já cego e idoso, levando-o a crer que ele era Esaú (Gênesis 27:18-27). Porém, Jacó não tinha nem ideia de que essa fraude era desnecessária. Pois, antes mesmo dos nascimentos de Jacó e Esaú, Deus já havia revelado que Jacó seria o mais forte dos dois e que Esaú iria, no final, se tornar submisso a Jacó (Gênesis 25:23).

Mas Deus permitiu a Jacó receber a promessa de direito à primogenitura, para ser o patriarca da família e receber o melhor da herança familiar de seu pai sem precisar de sua interferência para mudar a circunstância. Mais tarde, Ele ensinaria Jacó a parar de confiar em seus próprios artifícios enganosos.

Agora, veja a bênção que Isaque proferiu sobre Jacó: “Assim, pois, te dê Deus do orvalho dos céus, e *das gorduras da terra*, e abundância de trigo e de mosto. *Sirvam-te povos, e nações se encurvem a ti*; sê senhor de teus irmãos, e os filhos da tua mãe se encurvem a ti; malditos sejam os que te amaldiçoarem, e benditos sejam os que te abençoarem” (Gênesis 27:28-29). Estas não eram palavras vãs. Isaque estava passando oficialmente para Jacó as esplêndidas promessas que Deus fizera a Abraão.

Posteriormente, através de um sonho, Deus confirmou a Jacó que ele iria certamente receber a promessa do direito de primogenitura. Deus então revelou a Jacó que seus descendentes, contados “como o pó da terra”, iriam “estender-se ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul”—*em todas as direções do Oriente Médio* (Gênesis 28:12-14). Nos próximos capítulos veremos como esta profecia tem sido cumprida de forma espantosa.

As duas identidades nacionais de José

Em Gênesis 35 encontramos outro lado da promessa do direito de primogenitura. Aqui Deus prometeu a Jacó que “*ma nação e multidão de nações*”

sairiam dele (versículo 11). O conhecimento deste aspecto da herança de Israel é essencial se queremos entender as profecias fundamentais. A promessa ao direito de primogenitura seria cumprida em *duas entidades nacionais separadas*.

Em Gênesis 48, Jacó repassou esta parte da promessa de Deus a Abraão e a Isaque para os filhos de José, Efraim e Manassés. Ao mesmo tempo, Jacó colocou *seu próprio nome* nestes dois netos (versículo 16). Consequentemente, muitas referências futuras a “Jacó” ou “Israel” nos livros proféticos da Bíblia se referem principalmente a estes dois ramos dos descendentes de Jacó.

As bênçãos de Jacó incluíam *terreno—território*



As bênçãos de Jacó incluíam terreno—território nacional—que os descendentes de seus dois netos herdariam em “possessão perpétua”. Eles também se multiplicariam em “uma multidão de povos.”

nacional—que os descendentes de seus dois netos herdariam em “possessão perpétua”. Eles também se multiplicariam em “*uma multidão de povos*” (versículo 4). Aqui, pela segunda vez, vemos a promessa extraordinária de que os descendentes de Jacó—especificamente aqueles originados de Efraim e Manassés—cresceriam em “*uma multidão de nações*” e em *uma única* grande nação, respectivamente (versículo 19).

Nem todas as dimensões das promessas, entretanto, iriam para José e seus descendentes. Judá receberia uma promessa com uma importante dimensão espiritual. Através de Jacó Deus deu a profecia que “O cetro não se arredará de Judá” (Gênesis 49:10). Essa profecia apontava tanto para a dinastia do futuro rei de Israel, Davi, como para o papel de Jesus, também da tribo de Judá e um descendente de Davi, como o Messias (Lucas 1:32; Hebreus 7:14; Apocalipse 5:5). Cristo está destinado a governar a terra como Rei dos Reis (Apocalipse 11:15; 17:14; 19:16).

Em contraste, a promessa ao direito de primogenitura de *grandeza física, material e nacional* não foi para Judá, mas para José, ignorando o filho primogênito, Rúben. Observe as circunstâncias que encaminharam esta grande promessa às mãos de José:

“[Rúben] era o primogênito, mas, porque profanara a cama de seu pai, deu-se a sua primogenitura aos filhos de José, filho de Israel; para assim não ser contado na genealogia da primogenitura. Porque Judá foi poderoso entre seus irmãos, e dele provém o príncipe; porém a primogenitura foi de José”

(1 Crônicas 5:1-2). Com a promessa do direito de primogenitura, os descendentes de José—Efraim e Manassés—receberiam as bênçãos de riqueza, poder e proeminência nacional.

Bênçãos para os descendentes de José

Talvez, a mais reveladora das passagens bíblicas sobre o direito de primogenitura, esteja em Gênesis 49. Aqui encontramos Jacó abençoando e profetizando sobre cada um dos descendentes de seus filhos “*nos derradeiros dias*” (versículo 1, ARC) [*nos últimos dias*]. Note que as bênçãos que Jacó pronuncia sobre os descendentes de José *para os últimos dias* são monumentais.

“José é como uma planta perto de uma fonte; ela dá *muita fruta*, e os seus



Esta passagem profética nos diz que os descendentes de José desfrutarão da bênção de safras prósperas, vastos rebanhos de animais e recursos naturais extensivos, tais como excelentes árvores produtoras de madeira e minerais valiosos extraídos do seu solo. Todas estas bênçãos serão deles “nos últimos dias”.

galhos sobem pelo muro. Os inimigos o atacam com violência e o perseguem com os seus arcos e flechas. Porém o seu arco ficou firme, e os seus braços continuaram fortes *pelo poder de Deus, o Poderoso de Jacó*, pelo nome do Pastor, a Rocha de Israel.

“O Deus do seu pai ajudará José, o *Todo-Poderoso* *lhe dará bênçãos*—bênçãos do alto céu, bênçãos de águas que ficam debaixo da terra, bênçãos de muitos animais e muitos filhos, bênçãos de cereais e de flores, bênçãos de montanhas antigas, coisas deliciosas dos montes eternos. Que todas essas bênçãos estejam sobre a cabeça de José, sobre a testa daquele que foi escolhido entre os seus irmãos” (Gênesis 49:22-26, BLH).

Esta passagem profética nos diz que os descendentes de José “nos últimos dias” viverão em uma terra produtiva, bem irrigada e frutífera. Eles serão um povo que expande grandemente seu território e influência—política, militar, econômica e cultural—um povo cujos “galhos sobem pelo muro,” ou *além*

de suas fronteiras naturais. Eles serão um povo que, oportunamente, será atacado por outras nações, mas geralmente sairá vitorioso. Seus triunfos, às vezes, parecerão “milagrosos” ou “providenciais” porque o Deus Todo Poderoso é seu ajudador e a sua fonte de bênçãos.

Eles serão um povo que vive em um clima surpreendentemente favorável o qual ampara facilmente sua constante expansão populacional. Eles desfrutarão da bênção de safras prósperas, vastos rebanhos de animais e recursos naturais extensivos, tais como excelentes árvores produtoras de madeira e minerais valiosos extraídos do seu solo.

Em outras palavras, podemos esperar que eles possuam as melhores bênçãos e recursos da terra. Todas essas bênçãos serão deles “nos derradeiros dias” [nos últimos dias] (Gênesis 49:1).



Fotos: iStockphoto

Onde podemos encontrar os descendentes de José, as tribos perdidas de Efraim e Manassés? Esta lista de bênçãos exclui a maioria das nações do mundo como competidores. Para encontrá-los devemos nos perguntar: quais nações possuem essas bênçãos em nosso mundo? Deus prometeu todas essas bênçãos aos descendentes de José “nos últimos dias”. Já que Deus não mente, podemos confiar que Ele vai manter Suas promessas.

O que nos mostra as evidências? Como veremos, a evidência é predominantemente a favor de Deus. Se cremos nas promessas e em seu cumprimento por Deus, nossa perspectiva em relação ao mundo será bem diferente da perspectiva daqueles que permanecem ignorantes quanto a este conhecimento.

Em quase 3.700 anos, desde que Deus deu essas promessas, poucas nações podem dizer que receberam bênçãos semelhantes a estas. E menos ainda podem reivindicar o tipo de grandeza econômica e proeminência nacional—como o status de superpotência—prometidos aos filhos de José, Efraim e Manassés, “nos últimos dias”.

Dois candidatos, entretanto, satisfazem perfeitamente o critério exato dessas profecias: os Estados Unidos da América e a Comunidade Britânica. Como é que esta conclusão se entrelaça com a evidência que encontramos? Para responder a esta pergunta, embarcaremos em um estudo das evidências históricas das tribos de Israel, desde seu início como nação até os dias de hoje.

O Que é uma Aliança Bíblica?

No Antigo Testamento, a palavra *aliança* vem do hebraico *berit*. Significa “aliança; liga; confederação”. Esta palavra provavelmente é derivada de uma raiz acadiana que significa ‘agrilhoar’, que tem paralelos na língua hitita, egípcia, assíria e aramaica. *Berit* é usada mais de 280 vezes e em todo o Antigo Testamento” (*Dicionário Expositivo Completo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento de Vine*, 1985, “Aliança”).

As alianças de Deus contêm dois componentes especialmente importantes: *termos e duração*. Embora os seres humanos possam fazer alianças ou acordos, através dos seus próprios dispositivos, as alianças de Deus com as pessoas são geralmente *unilaterais*. Somente Ele determina os termos e as condições; os seres humanos escolhem se os aceitam.

Por exemplo, depois de Deus definir claramente os aspectos da aliança que fez com a nação de Israel, que incluía bênçãos ao honrá-la e consequências ao ignorá-la (Levítico 26; Deuteronômio 28-30), ambas as partes—Deus e o povo de Israel—concordaram.

Através deste processo Deus e Israel entraram em um *relacionamento* de aliança, um compromisso vinculativo para honrar e cumprir seus respectivos papéis.

Um segundo conceito importante para entendermos sobre a aliança de Deus com Israel é a sua contínua relevância em nossos dias. Ao reafirmar a aliança com a geração de israelitas que estavam prontos para entrar na Terra Prometida, Moisés explicou que eles estavam fazendo isso “para que [Deus] hoje te confirme por seu povo, e ele te seja a ti por Deus, como te tem dito e como jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó. *E não somente convosco* faço este concerto e este juramento, mas com aquele que hoje está aqui em pé conosco perante o SENHOR, nosso Deus, e *com aquele que hoje não está aqui conosco*” (Deuteronômio 29:13-15). A aliança é declaradamente aplicada também aos descendentes de Israel.

Compreendendo a natureza contínua da aliança, o rei Davi, na chegada da Arca da Aliança em Jerusalém, escreveu: “Rendei graças ao SENHOR, invocai o seu nome, fazei conhecidos, entre os povos, os seus feitos. Cantai-lhe, cantai-lhe salmos; narraí todas as suas maravilhas . . . Ele é o SENHOR, nosso Deus; os seus juízos permeiam toda a terra. Lembra-se perpetuamente da sua aliança, da palavra que empenhou para mil gerações; da aliança que fez com Abraão e do juramento que fez a Isaque; o qual confirmou a Jacó por decreto e a Israel, por *aliança perpétua*” (1 Crônicas 16:8-9, 14-17).

As alianças são simplesmente acordos entre duas ou mais partes. Deus mesmo elaborou a aliança que fez com Abraão e seus descendentes. Quando Deus faz uma aliança, Ele sempre cumpre o que assumiu em seus termos.

Como Deus Planejou o Futuro de Israel

Muitas pessoas estão familiarizadas com a história de que Deus milagrosamente libertou o povo de Israel da escravidão no Egito e tornou-o uma nação. Ele realizou muitos outros milagres para conseguir isso. Não tão familiares, no entanto, são os outros milagres que demonstram que Deus supervisionou pessoalmente o cumprimento das promessas que Ele tinha feito a Abraão.

Os nascimentos miraculosos de Isaque e de Jacó, filho e neto de Abraão, também constituem marcos importantes. Foi por meio deles que Deus deu às doze tribos de Israel as promessas que Ele fez a Abraão.

Por estes milagres Deus demonstrou que a nação de Israel nunca poderia ter existido sem a Sua intervenção.

Considere o nascimento do filho de Abraão, Isaque. A esposa de Abraão, Sara, continuou sem filhos legítimos por décadas. No entanto, Deus interveio e, milagrosamente, deu a Abraão e a Sara um filho quando ela estava numa idade bem avançada para ter uma gravidez normal.

Mais tarde, Isaque, vinte anos depois ele e sua esposa, Rebeca, também não tiveram filhos. Finalmente, quando Isaque tinha cerca de sessenta anos, ele orou por sua esposa estéril. E Rebeca milagrosamente concebeu e deu à luz a gêmeos, Esaú e Jacó (Gênesis 25:21, 26).

Qual a lição importante que podemos aprender com esses milagres? Deus mostrou aos descendentes de Abraão que poderiam ter sucesso no chamado e na missão que Ele lhes deu somente se contassem com a ajuda divina.

Os escritores da Bíblia já registraram muitas coisas para que todos os povos possam aprender com o exemplo de Israel. De Abraão Deus milagrosamente formou uma nação para ser exemplo a todas as outras nações dos benefícios advindos ao obedecê-Lo e das tragédias advindas ao desobedecê-Lo. Israel tem sido exemplo de ambos. Sua parte no grande plano de Deus está muito longe do final. O melhor momento de Israel ainda está por vir.

Será Que Deus Mantém Sua Palavra?

Deus manterá as Suas promessas e compromissos, mesmo quando os seres humanos não consigam cumprir as deles? O caráter e os valores de Deus nunca mudam. Portanto, Ele nunca poderia abandonar Suas promessas à antiga Israel. Pela boca de um de seus profetas, Deus exclamou a Israel: “Porque eu, o SENHOR, não mudo; *por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos*. Desde os dias de vossos pais, vos desviastes dos meus estatutos e não os guardastes; tornai vós para mim, e Eu tornarei para vós . . .” (Malaquias 3:6-7).

Através do profeta Jeremias, Deus prometeu que Israel seria uma nação e continuaria a existir enquanto o sol, a lua e as estrelas continuassem a brilhar (Jeremias 31:35-36). Ele promete proteger e guiar o destino de todos os descendentes da antiga Israel, até que—including os judeus conhecidos e aqueles dentre as dez tribos perdidas—sejam *restaurados como uma nação* na volta de Cristo.

Deus fez maravilhosas promessas—algumas para indivíduos, outras para nações e outras para toda a humanidade. Se Ele abandonasse qualquer promessa e compromisso com Abraão, Isaque, Jacó e seus descendentes, os israelitas, como é que nós poderíamos acreditar que Ele cumprirá o que nos prometeu?

Nossa fé se baseia na premissa de que Deus quer dizer o que Ele diz. Pelo fato de Ele ser fiel a *todos* os Seus compromissos é que temos uma base sólida para confiar que Ele cumprirá as Suas promessas.

Vemos, então, que as promessas de Deus à antiga Israel são de *vital importância* para nós em particular. A veracidade da própria Bíblia entraria em colapso se Deus não cumprisse Seus compromissos com esse povo exilado. Esta é outra razão para estudar o assunto. Ou essas chamadas tribos perdidas ainda existem ou Deus não foi fiel às Suas promessas.

Ao confirmar o envolvimento contínuo de Deus no passado, presente e futuro dos filhos de Israel, nós corroboramos Seu compromisso inabalável em manter a Sua palavra. Essa confirmação nos dá uma base firme para nossa fé que Deus vai cumprir o que nos tem prometido.

Ao cumprir Suas promessas a todas as tribos de Israel, Deus também, no retorno de Cristo, provará aos escarnecedores e incrédulos que Ele é digno de confiança. Ele vai demonstrar a *todas as nações* que Ele está por trás de cada palavra que falou aos Seus profetas. Ele vai confirmar que tem o poder de dirigir a história como bem desejar. Como disse Jesus sobre Deus: “A tua palavra é a verdade” (João 17:17).

Como Jacó tornou-se herdeiro de Abraão

Deus escolheu Jacó, o segundo dos gêmeos nascidos de Isaque, para receber a herança da primogenitura que normalmente é reservada ao primogênito. A este lhe outorgou o direito de se tornar patriarca da família após a morte de Isaque (Gênesis 25:29-34). A bênção da primogenitura fez de Jacó o herdeiro direto de Abraão e o destinatário dos compromissos divinos assumidos com a Abraão e sua posteridade.

Na época que Jacó recebeu a bênção, ele ainda não havia se comprometido a viver pela fé em Deus. Embora Deus o tivesse designado como herdeiro das bênçãos de Abraão, pouco antes de seu nascimento (versículo 23), Jacó e sua mãe estavam ambos fracos na fé e recorreram às falcatruas para obter a bênção de Isaque (Gênesis 27). Isto fez com que seu irmão passasse a odiá-lo.

Esaú ficou possesso de raiva e procurou matá-lo (versículo 41). A mãe ouviu falar sobre planos de Esaú, então pediu a Isaque para enviar Jacó

“Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra.”

para ficar com parentes distantes, assim ele estaria seguro (versículos 42-46).

Então Isaque e Rebeca enviaram a Jacó de volta à família de Rebeca no norte da Mesopotâmia. Aparentemente, a única razão mencionada para enviá-lo a casa de sua família era que queriam que Jacó encontrasse uma esposa entre os parentes de sua mãe. Isso era verdade, mas Rebeca também estava tentando impedir que Esaú matasse a Jacó.

No entanto, antes de enviar Jacó para longe, Isaque chamou seu filho ambiciosíssimo e astuto e abençoou-o novamente. Isaque aparentemente perdoou o mau comportamento de seu filho enganador e, desta vez, voluntariamente repetiu sua bênção original. Por esta altura Isaque provavelmente tinha lembrado e reconhecido que Deus havia escolhido Jacó como herdeiro, antes mesmo de seu nascimento.

Então Isaque repetiu alguns pontos da aliança da promessa que Deus havia feito a ele e a Abraão (Gênesis 28:1-5). Ao fazer isso abertamente Isaque anunciou a toda família que Jacó era realmente o herdeiro da responsabilidade primordial da eterna relação da família com Deus (Gênesis 17:19).

Deus estava se certificando de que ninguém se esquecesse de Suas promessas a Abraão. Elas foram passadas formalmente de uma geração a outra.

Isaque passou as promessas-chaves da aliança para Jacó: “Que o Deus todo-poderoso o abençoe, faça-o prolífero e multiplique os seus descendentes, para que você se torne uma *comunidade de povos*. Que ele dê a você e a seus descendentes a *bênção de Abraão*, para que você tome posse da terra na qual vive como estrangeiro, a terra dada por Deus a Abraão” (Gênesis 28:3-4, NVI).

Então, Jacó fugiu de casa às pressas, possuindo tanto a promessa da primogenitura como uma bênção especial. Mas sua vida de repente virou de cabeça para baixo. O que significa tudo isso? Será que seu avô e Deus Pai realmente o apoiariam também?

Jacó deve ter pensado nas histórias que ouvira enquanto crescia sobre os encontros de sua família com esse impressionante Ser divino. Será que o mesmo grande Deus honraria o que ele tinha conseguido através do engano, mesmo tendo-lhe prometido antes de seu nascimento?

Então, Jacó fugiu de casa às pressas, possuindo tanto a promessa da primogenitura como uma bênção especial. Mas sua vida de repente virou de cabeça para baixo. O que significa tudo isso? Será que seu avô e Deus Pai realmente o apoiariam também?

Foi neste momento de sua vida que Deus pessoalmente fez uma revelação a Jacó. “Chegando [Jacó] a determinado lugar, parou para pernoitar, porque o sol já se havia posto. Tomando uma das pedras dali, usou-a como travesseiro e deitou-se. E teve um sonho no qual viu uma escada apoiada na terra; o seu topo alcançava os céus, e os anjos de Deus subiam e desciam por ela.

“Ao lado dele estava o SENHOR, que lhe disse: Eu sou o SENHOR, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaque. Darei a você e a seus descendentes a terra na qual você está deitado. Seus descendentes serão como o pó da terra, e se espalharão para o Oeste e para o Leste, para o Norte e para o Sul. *Todos os povos da terra serão abençoados por meio de você e da sua descendência. Estou com você e cuidarei de você, aonde quer que vá*; e eu o trarei de volta a esta terra. Não o deixarei enquanto não fizer o que lhe prometi.

“Quando Jacó acordou do sono, disse: ‘Sem dúvida o SENHOR está neste lugar, mas eu não sabia!’. Teve medo e disse: ‘Temível é este lugar! Não é outro, senão a casa de Deus; esta é a porta dos céus’. Na manhã seguinte, Jacó pegou a pedra que tinha usado como travesseiro, colocou-a em pé como coluna e derramou óleo sobre o seu topo. E deu o nome de Betel àquele lugar . . .” (Gênesis 28:11-19, NVI). Jacó agora sabia com certeza que ele era o herdeiro, confirmado oficialmente, das promessas feitas a Abraão.

A Era de Ouro de Israel

*“E dominava Salomão sobre todos os reinos desde o rio Eufrates até à terra dos filisteus, e até ao termo do Egito”
(1 Reis 4:21).*

A aliança pela qual a antiga Israel se tornaria “o povo de Deus” (Juízes 20:2) foi feita no Monte Sinai, logo após os israelitas terem sido libertados da escravidão egípcia. A aliança de Deus com a nação foi baseada em Suas promessas e na aliança com Abraão (Êxodo 2:23-24; 33:1). Nela Deus definiu o relacionamento que queria com os descendentes de Jacó, nesse momento a inexperiente nação de Israel se dirigia para a Terra Prometida.

Deus ofereceu esta aliança a Israel como um manifesto unilateral das oportunidades que Ele estava oferecendo aos descendentes de Abraão, e uma explicação sem ambiguidade das obrigações dos israelitas para com Ele. A parte deles ao fazer esta aliança era somente a de aceitar ou rejeitar a oferta de Deus e depois, após aceitá-la, cumprir com o compromisso que firmaram.

“Eu ouvi a voz das palavras deste povo, que te disseram; em tudo falaram eles bem. Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!”

Deus concedeu-lhes a mesma oportunidade que havia dado a Abraão, ou seja, concordar de andar em Sua presença irrepreensivelmente. Ele constantemente lembrava-os: “Porque eu sou o SENHOR, que vos faço subir da terra do Egito, para que eu seja vosso Deus, e para que *sejais santos*; porque eu sou santo” (Levítico 11:45). A eficácia do relacionamento dependia de sua atenção constante em viver e comportar-se como um povo *santo*—separado.

Quando os filhos de Israel ouviram os termos da aliança de Deus, eles tiveram duas opções distintas. Eles podiam aceitar o papel de viver como *povo santo de Deus*—Seus representantes diante das nações (Deuteronômio 4:6)—ou podiam aceitar as consequências de se recusar a cooperar.

Naquela época, a perspectiva de sua sobrevivência sem a ajuda de Deus era desanimadora. Deus acabara de libertá-los da crueldade da escravidão egípcia. Eles não tinham pátria, e nenhuma outra nação estava inclinada a aceitá-los como habitantes. Eles se encontraram em uma terra de ninguém, em um ambiente hostil e rancoroso.

Deus, sabiamente, tornou a opção de se tornarem Seu povo santo atraente demais para ser recusada. Mas Ele não os forçou a esta posição sem seu pronto consentimento. Eles tinham de fazer uma escolha.

Ele falou-lhes do Monte Sinai e revelou-lhes Seus Dez Mandamentos— Sua definição básica de santidade. Os Mandamentos, juntamente com os estatutos e sentenças que Deus revelara a Moisés, tornaram-se “o Livro do Aliança”. Moisés então “pegou o Livro do Aliança e leu aos ouvidos do povo, e eles disseram: Tudo o que o Senhor tem falado faremos, e obedeceremos” (Êxodo 24:7; compare com o versículo 3).

Apesar da aliança, os israelitas da geração que Deus acabara de libertar da escravidão egípcia ainda estavam incertos e desconfiados da intenção de Deus. Eles disseram a Moisés: “vimos que Deus fala com o homem e que o homem fica vivo. Agora, pois, por que morreríamos? Pois este grande fogo nos consumiria; se ainda mais ouvíssemos a voz do SENHOR, nosso Deus, morreríamos. Porque, quem há, de toda a carne, que ouviu a voz do Deus vivente falando do meio do fogo, como nós, e ficou vivo?” (Deuteronômio 5:24-26).

Os israelitas temeram ficar muito próximos de Deus. Eles não confiavam nEle. Eles careciam da fé de Abraão. Então, disseram a Moisés, “Chega-te tu e ouve tudo o que disser o SENHOR, nosso Deus; e tu nos dirás tudo o que te disser o SENHOR, nosso Deus, e o ouviremos e o faremos” (versículo 27). Eles não estavam prontos para um relacionamento genuinamente íntimo e pessoal com Deus.

Por que a Nova Aliança seria necessária

Naturalmente, Deus conhecia seus corações melhor do que eles. Ele entendia que a aliança que estava fazendo com eles possuía um grande ponto fraco: *Não havia provisão nesta para mudar o coração humano.* Isso teria que esperar até a primeira vinda do Messias, até que Jesus Cristo pudesse ser morto como o Cordeiro de Deus sacrificial (Hebreus 9:26).

Observe a resposta de Deus à declaração dos israelitas de que O obedeceriam: “Eu ouvi a voz das palavras deste povo, que te disseram; em tudo falaram eles bem. *Quem dera que eles tivessem tal coração* que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!” (Deuteronômio 5:28-29).

Mas eles não tinham tal coração. Deus não incluiu um novo coração, capacitado pelo Seu Espírito, como parte da promessa do direito de primogenitura. Essa bênção viria mais tarde, como parte da *promessa real* que Deus deu a Judá, e Ele iria cumpri-la após a morte de Cristo (Isaías 53:11-12; Jeremias 31:31-33; Hebreus 8:3-12).

Observe o que Pedro disse séculos mais tarde quando Deus finalmente tornou o Espírito Santo acessível a todo o Seu povo naquela Festa de Pentecostes, depois da morte de Cristo. Ele exclamou: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e *recebereis o dom do Espírito Santo*. Porque a *promessa* vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar” (Atos 2:1, 38-39).

Visto que Deus não lhes deu o Espírito Santo, as pessoas da antiga

Israel nunca foram totalmente capazes de viver de acordo com as leis de Deus e, portanto, tornarem-se um povo verdadeiramente santo. Sua natureza humana e as influências dos outros povos ao seu redor iriam desviá-los constantemente.

Até mesmo a geração que Deus tirou do Egito, através de grandes milagres, morreu na região despovoada do deserto do Oriente Médio, por causa de sua constante incredulidade, teimosia, queixas e desobediência. Deus não permitiu àquela geração herdar a terra que Ele havia prometido aos descendentes de Abraão. Aquelas pessoas estavam relutantes em refletir a santidade que Ele desejava.

Todavia, Deus manteve Sua promessa a Abraão e deu a terra da promessa a seus filhos sob a liderança de Josué. “Serviu, pois, Israel ao SENHOR todos os dias de Josué e todos os dias dos anciãos que ainda viveram muito depois de Josué e que sabiam toda a obra que o SENHOR tinha feito a Israel” (Josué 24:31).

Aqui se encontra uma importante lição. Somente por que uma geração do Seu povo era desobediente não significava que Deus iria desistir do que prometeu a seus filhos. Eles também são herdeiros de Sua promessa a Abraão.

Deus pode, por algum tempo, reter ou adiar as bênçãos que prometeu. Mas Ele eventualmente lhes daria. Ele sempre mantém Sua palavra. Por essa razão podemos estar certos de que Deus cumprirá as profecias bíblicas a respeito dos filhos de Israel nos últimos dias.



O território de Israel expandiu muito durante o governo do Rei Davi, e sua influência se estendeu ainda mais sob o seu filho e sucessor, Salomão.

Israel torna-se um reino

Nos séculos seguintes, Deus enviou profetas e juizes para liderar o povo e para lhes ensinar Seus caminhos e resolver suas divergências. Mas muitas vezes eles viravam as costas para Ele (Salmo 78:56-57). Eles não conseguiam corresponder às expectativas do compromisso de ser um povo santo. A Bíblia resume a era dos juizes nestas palavras: “Naqueles dias, não havia rei em Israel, porém cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos” (Juizes 21:25).

Contudo, durante aquela era, e mais tarde, Deus ouvia suas orações em tempos de crise e lutava suas batalhas quando clamavam por Sua misericórdia (Salmo 106:39-45). “Porém o SENHOR teve misericórdia deles, e se compadeceu deles, e tornou para eles, *por amor do seu aliança com Abraão, Isaque e Jacó*; e não os quis destruir e não os lançou ainda da sua presença” (2 Reis 13:23).



Alguns críticos da Bíblia têm exagerado tanto a ponto de questionar a existência de personagens bíblicas como o rei Davi. Esta inscrição, encontrada na cidade bíblica de Dã e se referindo à dinastia fundada por Davi, silenciou muitos cétricos convictos.

... Agora, pois, ouve a sua voz, porém protesta-lhe solenemente e declara-lhe qual será o costume do rei que houver de reinar sobre ele” (1 Samuel 8:4-9).

Deus honrou o pedido deles e instruiu Samuel a ungir Saul—aparentemente um dos mais vistosos homens de Israel—como seu rei (1 Samuel 10:17-24). Deus estava disposto a preparar e apoiar o rei de Israel se ele se comportasse corretamente. Mas Saul tornou-se arrogante, teimoso e obstinado. Fisicamente, ele parecia ser tudo o que o povo poderia querer de um rei, mas seu coração não era reto perante Deus. Assim, Deus decidiu substituí-lo.

Mil anos depois, Paulo explicou assim: “E, quando este foi retirado, lhes levantou como rei a Davi, ao qual também deu testemunho e disse: Achei

a Davi, filho de Jessé, varão conforme o meu coração, que executará toda a minha vontade. Da descendência deste, *conforme a promessa*, levantou Deus a Jesus para Salvador de Israel” (Atos 13:22-23).

O início da era de ouro de Israel

A história da ascensão de Israel a uma era de ouro durante o reinado de Davi e seu filho Salomão, e depois sua desintegração em dois reinos separados, é uma história tanto de triunfo como de tragédia mordaz.

Juntos estes eventos ressaltaram a fidelidade de Deus às Suas promessas e a tragédia da fraqueza humana. E também realçaram a necessidade de uma grande mudança no espírito humano e o retorno de Cristo como o único rei perfeito do mundo.

Durante o reinado de Davi e Salomão, Deus cumpriu Sua promessa de que os descendentes de Abraão governariam um vasto território no Oriente Médio, do Egito ao Rio Eufrates. Israel tornou-se uma nação imponente.

Mas, por causa dos pecados de Salomão e seus sucessores, como também das transgressões do próprio povo, Israel perdeu tudo nas décadas posteriores à morte de Salomão. Eis como aconteceu.

Davi tornou-se monarca das tribos de Israel em duas etapas. Primeiro, a tribo de Judá o ungiu rei em Hebrom (2 Samuel 2:3-4). Daquela cidade Davi reinou por aproximadamente sete anos antes de as outras tribos fazerem aliança com ele e aceitá-lo também como rei. Assim começou um período de unidade em Israel (2 Samuel 5:1-5; 1 Crônicas 11:3).

Como rei, Davi herdou um exército grande e dinâmico. Quase trezentos e cinquenta mil guerreiros armados das tribos de Israel estiveram presentes à sua cerimônia de coroação (1 Crônicas 12:23-40). Logo ele começou a dominar os vizinhos hostis que há anos incomodavam os israelitas.

Davi reinou um total de quarenta anos, trinta e três dos quais em Jerusalém, cidade que ele conquistou dos jebuseus e tornou capital de Israel. Seu governo deu início a ascensão de Israel à preeminência militar e econômica no Oriente Médio. Os historiadores modernos tendem a ignorar o registro bíblico e a subestimar imensamente o tamanho e a extensão dos reinos de Davi e Salomão.

Como explica o dicionário bíblico *New Unger's Bible Dictionary*: “A tendência dos estudiosos no passado tinha sido a de dar pouco crédito aos dados bíblicos do poder e glória de Salomão... A arqueologia provou a ampla extensão do império davídico-salomônico conforme apresentado nos livros de Reis. O principal fundo histórico do período davídico-salomônico também foi comprovado.

“A glória de Salomão costumava ser frequentemente rejeitada como um ‘exagero semítico’ ou um conto romântico. Até foi argumentado que um domínio tão vasto não poderia ter existido entre os grandes impérios como Egito, o Reino Hitita, Assíria e Babilônia. Os monumentos, entretanto, têm mostrado que durante o período de 1100 a 900 a.C. os grandes impérios ao redor de Israel estavam em declínio ou temporariamente inativos,

assim Salomão pôde governar com o esplendor atribuído a ele na Bíblia” (1988, “Salomão”).

A chave para o sucesso de Davi

Qual era a chave para o sucesso militar e político de Davi? Encontramos a resposta revelada no primeiro desafio militar que ele enfrentou após consolidar todas as tribos de Israel sob sua liderança.

“Ouvindo, pois, os filisteus que Davi fora ungido rei sobre Israel, subiram todos para prender a Davi; ouvindo-o, desceu Davi à fortaleza. Mas vieram os filisteus e se estenderam pelo vale dos Refains.

“Davi consultou ao SENHOR, dizendo: Subirei contra os filisteus? Entregar-mos-ás nas mãos? Respondeu-lhe o SENHOR: Sobe, porque, certamente, entregarei os filisteus nas tuas mãos. Então, veio Davi a Baal-Perazim e os derrotou ali; e disse: *Rompeu o SENHOR as fileiras inimigas diante de mim, como quem rompe águas*” (2 Samuel 5:17-20, ARA).

Davi não precisou sair em busca de problemas. Eles vieram até ele. Mas

Qual era a chave para o sucesso militar e político de Davi? Encontramos a resposta revelada no primeiro desafio militar que ele enfrentou após consolidar todas as tribos de Israel sob sua liderança.

quando chegaram Deus lhe deu a vitória. Conforme o tempo passava, seus inimigos formavam alianças entre si para derrotar o reino—mas falhavam em entender que esse reino foi estabelecido *por Deus*. Davi foi vitorioso até contra alianças de vizinhos hostis. “E Davi foi se tornando cada vez mais poderoso, pois o SENHOR dos Exércitos estava com ele” (1 Crônicas 11:9, NVI).

O sucesso de Davi era obra de Deus. Ele tornou-se o monarca mais poderoso do Oriente Médio naquela época. Contudo, ele não construiu monumentos em honra a si próprio como era costume de praticamente todos os outros reis da antiguidade. Por essa razão, já que seus feitos estão registrados somente na Bíblia, a maioria dos historiadores se recusa a reconhecer a proeminência de Israel sob o domínio de Davi e de seu filho e sucessor, Salomão.

Os críticos da Bíblia sugerem que há pouca evidência arqueológica para apoiar as reivindicações bíblicas da grandeza de Israel sob o domínio de Davi e Salomão. No entanto, a falta de evidência é perfeitamente compreensível à luz da história de Israel e da região.

Os exércitos batalharam e invadiram a área inúmeras vezes através dos séculos. Somente Jerusalém foi conquistada mais de vinte vezes, várias das quais envolveram sua total destruição. Os registros em pergaminho e papiros dos tempos antigos em Israel há muito se tornaram pó. Mas apesar de tais evidências específicas serem raras, de nenhuma maneira são inexistentes. À luz da perfeita exatidão da Bíblia em inúmeras áreas, não temos

razão para questionar suas afirmativas acerca de Israel sob o domínio de Davi e Salomão. (Para mais informação acerca da precisão da Bíblia, você pode pedir ou baixar da internet o nosso livro *A Bíblia Merece Confiança?*)

Salomão herda um império

O Rei Salomão herdou de seu pai, Davi, um imenso, poderoso e próspero império no Oriente Médio. “Porque [Salomão] dominava sobre tudo quanto havia da banda de cá do rio Eufrates, de Tífsa [provavelmente a moderna Dibseh, onde o norte da Síria faz fronteira com o sul da Turquia] até Gaza [a cidade filistéia na costa mediterrânea], sobre todos os reis da banda de cá do rio; e tinha paz de todas as bandas em roda dele” (1 Reis 4:24).

Naquela época, o povo de Judá e Israel “era tão numeroso como os grãos de areia da praia do mar; eles comiam, bebiam e eram muito felizes. E Salomão governava todos os reinos, desde o Eufrates até a terra dos filisteus, chegando até a fronteira do Egito. Esses reinos traziam tributos [impostos] e foram submissos a Salomão durante toda a sua vida” (versículos 20-21, NVI).

Duas outras potências do Oriente Médio, Egito e Tiro (norte de Israel, na costa no atual Líbano) optaram em se tornar aliadas de Davi e Salomão, ao invés de atacarem Israel e se arriscarem a serem conquistadas. Estas duas potências expandiram grandemente o escopo do poder comercial e político de Israel, embora durante o reinado de Salomão suas influências culturais e religiosas também contribuiriam para o eventual colapso de Israel.

A aliança de Salomão com Hirão de Tiro provavelmente é a principal razão da importância histórica e do poder e influência de Israel terem sido obscurecidos na história ocidental. Os historiadores modernos, ao descreverem a influência universal do Império Fenício, centralizaram-no ao redor de Tiro e tendem a omitir que, sem dúvida, Salomão foi o poder da região mediterrânea oriental na época.



Conforme registrado em 1 Reis 9:15, Salomão fortificou as cidades de Hazor, Gezer e Megido como centros administrativos e militares para o seu império crescer. Os portões defensivos similares das cidades, como o descrito acima em Megido, foram escavados em todos os três locais—evidência que apoia fortemente o registro bíblico.

Israel e o Império Fenício

A Bíblia revela que a história de Israel e da Fenícia foi muito mais entrelaçada do que a maioria dos historiadores tem reconhecido. Em geral, elas prosperaram juntas nos bons tempos e sofreram juntas durante os maus tempos. Elas tinham inimigos comuns. E ascenderam ao poder internacional juntas, e, mais tarde, foram conquistadas pelo Império Assírio mais ou menos na mesma época.

O povo da área costeira ao redor de Tiro e Sidon compartilhava de um alfabeto e quase a mesma linguagem semítica com Israel. A não ser pelas pequenas diferenças culturais e dialéticas, as línguas pareciam ser idênticas.

O relacionamento especial de Israel com o Rei Hirão de Tiro começou durante o reinado de Davi (1 Crônicas 14:1) e continuou depois do reinado de Salomão. Os historiadores reconhecem Tiro como a principal cidade dos poderosos fenícios.

A *Enciclopédia Encarta* 1999 diz que os fenícios “tornaram-se os comerciantes e navegadores mais notáveis da antiguidade. As frotas das cidades costeiras viajaram por toda parte do Mediterrâneo e até no Oceano Atlântico, e outras nações concorreram para empregar navios e tripulações fenícias em suas esquadras . . . as cidades-reinos fundaram várias colônias, notavelmente *Utica e Cartago* no norte da África, nas ilhas de Rodes e Chipre no Mar Mediterrâneo, e *Tarshish* no sul da Espanha. Tiro era a líder das cidades fenícias antes de ser subjugada, mais uma vez, pela Assíria durante o século VIII a.C.” (“Fenícia”).

Salomão expandiu muitíssimo a sociedade de Israel com Hirão. Parece que uma aliança de parentesco foi realizada formalmente entre os dois governantes, um “tratado de fraternidade” (Amós 1:9, NVI). Como veremos, aquele relacionamento demonstraria ser um dos erros mais trágicos de Salomão. Mas temporariamente ele aumentou grandemente a prosperidade de ambos os reinos, e foi esta sociedade que atingiu fama internacional como o Império Fenício.

Ao avaliar o poder e o prestígio dos poderosos fenícios, os historiadores tendem a não olhar além das cidades marítimas na costa do atual Líbano. Eles falham em reconhecer a sociedade que existiu entre Hirão de Tiro, e Davi e Salomão de Israel. Consequentemente, eles falham em ver que Davi e Salomão, não Hirão, eram os governantes dominantes da sociedade comercial que se tornou conhecida no mundo exterior como *Fenícia*.

A contribuição de Israel ao poder fenício

Em seu livro *Lebanon Yesterday and Today* (“*Líbano Ontem e Hoje*”, sem título no Brasil), John Christopher descreve sucintamente a região que os historiadores consideram como a antiga Fenícia. “Quando a Fenícia estava no auge de seu poder, por volta de 1000 a.C. [durante o reinado de Davi e Salomão], as principais cidades-estados eram, de sul a norte, Tiro, Sidon, Biblos e Aradus (situada em uma ilha distante da costa síria além da fronteira libanesa)” (1966, p.43).

Mas antigamente a palavra *Fenícia*, às vezes, referia-se a muito mais que apenas essas poucas cidades costeiras. Incluía até mesmo grande parte da área *interior* da “terra de Canaã” que era o território da antiga Israel. Esta importante informação quase sempre é omitida nos registros históricos da antiga Fenícia.

Christopher explica: “Durante o terceiro milênio [a.C.], Biblos e a costa libanesa em geral eram frequentemente referidas como a *terra de Canaã*, e seus habitantes como cananitas. Algum tempo depois apareceram os termos mais familiares, Fenícia e fenícios. A Fenícia ocasionalmente se referia à região litoral da *terra muito mais extensa de Canaã que estendia-se bastante ao interior*” (p.41, ênfase do editor).

Do ponto de vista das cidades do litoral fenício, uma aliança de cooperação com Israel era uma necessidade geopolítica. Militarmente, Israel era a vizinha mais poderosa das cidades, poderosa demais para ser ignorada por Hirão de Tiro.

As conquistas de Davi das cidades de Edom, Moabe e Amon (atual Jordânia) e Arme (atual Síria) proporcionaram a Israel o controle sobre a maioria das principais rotas comerciais internas. Tiro e Sidon controlavam o comércio marítimo da região mediterrânea. A vulnerabilidade das cidades-portos fenícias era a quase total dependência do comércio para sua sobrevivência.

Israel era totalmente autossuficiente, produzindo grandes quantidades de produtos agrícolas de exportação como vinho, azeite de oliva e trigo. Mas a área costeira fenícia ao redor de Tiro e Sidon era montanhosa, restando pouca terra para a produção agrícola.

As cidades-portos de Tiro e Sidon compartilharam trabalhadores com Israel para a arrecadação de materiais para o templo de Israel (1 Reis 5:8-11, 18). Salomão até recrutou uma força de trabalho de trinta mil homens para trabalhar no Líbano para adquirir a madeira de lei destinada à construção do templo (versículos 13-14).

As cidades-portos fenícias também davam a Israel acesso direto aos vastos mercados internacionais através de seu controle marítimo do Mar Mediterrâneo. Os historiadores têm registros dos fenícios aventurando-se



Os poderosos navios comerciais da Fenícia, chamados de “navios de Tarsis” na Bíblia, atravessavam facilmente o Mar Mediterrâneo e provavelmente partes do Oceano Atlântico. As alianças entre a Fenícia e Israel mostrou-se altamente rentável para ambos os reinos.

no Oceano Atlântico pelo menos até as Ilhas Britânicas, e alguns acreditam que eles viajavam muito mais além disso. Então, isso significa que Israel tinha o mesmo acesso a essas áreas.

As Escrituras até mencionam que duas tribos israelitas, Aser e Dã, haviam desenvolvido suas próprias habilidades marítimas muito antes dos dias de Davi e Salomão de Israel e do rei Hirão de Tiro (Juízes 5:17). Salomão construiu sua própria frota de navios e colocou-a na cidade-porto de Israel, Eziom-Geber (1 Reis 9:26), providenciando acesso econômico à África oriental e à Ásia pelos mares Vermelho e Arábico.



A Bíblia registra que as alianças entre a Fenícia e Israel foram benéficas para ambos as nações. Os fenícios providenciavam desde mão de obra altamente qualificada e também materiais de construção, como o valoroso cedro do Líbano, principalmente para os projetos de construção mais importantes de Davi e Salomão.

maior do que os historiadores recentes têm compreendido. Durante essa época, provavelmente, alguns comerciantes de Israel se fixaram nas Ilhas Britânicas, estabelecendo pequenas colônias. Embora as informações históricas sobre este período sejam esparsas, muitas tradições antigas indicam que foi isso que aconteceu.

Por que Deus deu um império a Israel

Nos dias de Moisés, quando Israel veio a existir como nação, Deus explicou Seu propósito para fazer dos israelitas um povo influente e poderoso. Ele disse-lhes: “agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre

todos os povos; porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo” (Êxodo 19:5-6, ACF).

Embora os israelitas tivessem seus próprios navegadores experientes, os fenícios também os supriam com “marinheiros, conhecedores do mar, para trabalharem com os servos de Salomão,” em suas aventuras marítimas comerciais (versículos 27-28). Para mais detalhes, leia “Comércio Internacional: Uma Fonte da Riqueza de Salomão”, página 39.

Israel, sob o domínio de Davi e Salomão, era um sócio pleno na grandeza e fama internacional da Fenícia. A influência comercial e a política internacional de Salomão era bem

Deus pretendia usar Israel como uma *nação modelo*. Ele mandou Moisés dizer-lhes: “Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, que eu vos mando . . . Guardai-os, pois, e fazei-os, porque esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento *perante os olhos dos povos* que ouvirão todos estes estatutos e dirão: Só este grande povo é gente sábia e inteligente” (Deuteronômio 4:2-6).

Deus queria que Israel fosse um exemplo para ensinar a outras nações os benefícios de obedecê-Lo—guardar fielmente Suas leis. Quando Deus estabeleceu Israel como uma grande nação Ele deu a Salomão uma *sabedoria* que excedia o entendimento dos outros governantes da região. Salomão ganhou fama internacional por sua sabedoria (1 Reis 4:29-34), e seus súditos ficaram aparentemente em paz em suas terras (ver “Com Justiça para Todos,” página 38).

Deus pretendia que a sabedoria de Seu caminho de vida e Suas leis estivessem disponíveis às outras nações. Ele deu a Israel uma oportunidade magnífica para enriquecer ou abençoar espiritualmente “todas as famílias da Terra,” como tinha prometido a Abraão.

Mas nem Salomão nem o povo que ele liderou mantiveram seus olhos nesse objetivo. Os benefícios materiais de prosperidade, riqueza e fama se tornaram seu principal foco. Eles perderam a visão da razão de sua existência como nação.

Novamente, o problema era a natureza humana. Salomão rendeu-se progressivamente à sua fraqueza até que, no fim de sua vida, abandonou o grande Deus que tinha lhe dado um império. No próximo capítulo aprenderemos como isso aconteceu e suas consequências.

Você pode encontrar uma fonte comprovada de padrões e valores duradouros?

Deus revelou há muito tempo no Monte Sinai o âmago de seus padrões—os Dez Mandamentos. Mas o que os diferencia das regras e diretrizes feitas por homens? O que revelam sobre a natureza de Deus próprio?

Faça o download ou peça o nosso livro gratuito **Os Dez Mandamentos** para descobrir as respostas a estas perguntas e muito mais!



www.revistaboanova.org

Justiça para Todos

Durante a idade de ouro, sob o comando de Davi e Salomão, o empenho de Israel para promover a equidade e a justiça para seus cidadãos rivaliza com os esforços atuais para alcançar esses ideais nobres. Ambos os reis eram conhecidos por administrar com justiça o seu povo (2 Samuel 8:15; 1 Crônicas 18:14; 1 Reis 3:3). Como uma nação modelo, Israel atraiu líderes internacionais que pretendiam ver pessoalmente a sua prosperidade e cultura. Um desses dignitários foi a rainha de Sabá.

Depois de testar Salomão com perguntas, foi ver pessoalmente os seus projetos de construção e observar a cultura israelita, então a famosa rainha disse a Salomão: “Foi verdade a palavra que ouvi na minha terra, das tuas coisas e da tua sabedoria. E eu não cria naquelas palavras, até que vim, e os meus olhos o viram; eis que me não disseram metade; sobrepujaste em sabedoria e bens a fama que ouvi.

“Bem-aventurados os teus homens, bem-aventurados estes teus servos que estão sempre diante de ti, que ouvem a tua sabedoria! Bendito seja o SENHOR, teu Deus, que teve agrado em ti, para te pôr

Os estrangeiros deveriam ter os mesmos direitos que os nativos. Os juízes e magistrados tinham de aplicar as leis com imparcialidade . . . Quando Israel descansou no sábado do sétimo dia, aos estrangeiros na terra também deveriam ser permitidos descansar (Êxodo 20:10).

no trono de Israel; porque o SENHOR ama a Israel para sempre; por isso, te estabeleceu rei, para fazeres juízo e justiça” (1 Reis 10:6-9; comparar 2 Crônicas 9:1-8).

A felicidade e a paz prosperaram em uma atmosfera de justiça e equidade para todos, independentemente de sua raça ou origem. Como parte de instruções do Sua aliança, Deus disse aos israelitas para tratar justamente todas as pessoas que residissem dentro dos limites de sua nação. Ele disse especificamente: “Uma mesma lei haja para o natural e para o estrangeiro que peregrinar entre vós” (Êxodo 12:49). Ao expor este princípio, Deus acrescentou: “O estrangeiro não afligirás, nem o oprimirás; pois estrangeiros fostes na terra do Egito” (Êxodo 22:21).

Os estrangeiros deveriam ter os mesmos direitos que os nativos. Os juízes e magistrados tinham de aplicar as leis com imparcialidade. A oportunidade de adorar a Deus em Seus Dias Santos deveria estar disponível também aos estrangeiros, se assim o desejassem (Êxodo 12:48, Levítico 16:29). Quando Israel descansou no sábado do sétimo dia, aos estrangeiros na terra também deveriam

ser permitidos descansar (Êxodo 20:10).

Assim como os israelitas nativos, os estrangeiros eram bem-vindos para oferecer sacrifícios a Deus (Números 15:14). As leis de saúde se aplicariam igualmente aos nativos e aos estrangeiros (Levítico 17:15), e Deus instruiu os israelitas a ajudar os pobres e estrangeiros entre eles (Levítico 19:10; 23:22; 25:35). Em suma, Deus disse a Israel para amar os estrangeiros e tratá-los como se fossem nativos (Levítico 19:34).

Deus quis que o direito e o privilégio de adorá-lo e de viver em Sua nação modelo estivesse disponível a todos. “Justiça para todos” era a expectativa óbvia de Deus.

Comércio Internacional: Uma Fonte de Riquezas Para Salomão

Salomão construiu muitos navios mercantes tripulados por marinheiros israelitas e fenícios. A riqueza acumulada por este comércio marítimo é surpreendente, mesmo para os padrões modernos.

Até onde as frotas viajaram para acumular tanta riqueza? Nós não sabemos, mas as Escrituras nos dizem que, às vezes, os marinheiros precisavam três anos para fazer uma viagem de ida e volta porque a distância era muito grande. Eles traziam de volta produtos valiosos como ouro, prata e marfim, juntamente com curiosidades exóticas, como macacos e pavões (1 Reis 10:22).

Mais de dois milênios depois Fernão de Magalhães navegou ao redor do mundo, em uma viagem que também levou três anos. As frotas de Salomão e dos fenícios podem ter navegado muito longe e em outros oceanos. As Escrituras registram que os marinheiros do rei Hirão eram “conhecedores do mar” (1 Reis 9:27, ARA).

Pelo fato de ter uma frota internacional de navios, uma aliança com os fenícios e o controle das principais rotas comerciais do interior do Oriente Médio, Salomão estava engajado em empreendimentos próprios de importação e exportação.

Salomão estava engajado em empreendimentos próprios de importação e exportação. Por exemplo: “Os cavalos de Salomão eram importados do Egito e da Cilícia, onde os fornecedores do rei os compravam. Importavam do Egito um carro

por sete quilos e duzentos gramas de prata, e um cavalo por um quilo e oitocentos gramas, e os exportavam para todos os reis dos hititas e dos arameus” (1 Reis 10:28-29, NVI).

Os registros na Bíblia sobre as receitas anuais de Salomão alcançam o montante de 23 mil quilos de ouro, sem contar o ouro que recebia de presente e tributos (2 Crônicas 9:13-14). Por ter acesso a essa imensa riqueza, Salomão construiu um magnífico templo para Deus e um complexo palaciano para si em Jerusalém.

Ele cobriu as paredes internas e até mesmo o piso do templo com ouro puro. As imagens de dois querubins, cada um com quase oito metros de largura com asas estendidas, cobriam o propiciatório sobre a Arca da Aliança. Os artesãos revestiram-nos de ouro puro. Os artesãos fizeram o menorá com sete hastes, a mesa para os pães da proposição, pias, panelas, castiçais, os aparadores de lâmpada, bacias e incensários de ouro maciço (2 Crônicas 3-4).

Salomão tinha um grande trono de marfim revestido de ouro. Ele forneceu centenas de escudos de ouro a seus guardas cerimoniais, os maiores feitos com cerca de dois quilos e meio de ouro batido. O serviço de jantar em seu palácio dispunha de copos e pratos ouro puro. As Escrituras registram que nada era feito de prata no tempo de Salomão, pois a prata era considerada muito comum (1 Reis 10:21). Literalmente, esta foi a era dourada de Israel.

Aliança de Deus com Davi

A história de Davi, segundo rei de Israel, contém todos os elementos de uma emocionante história de aventura. Em seus 71 anos de idade, da pobreza a riqueza, Davi passou de oitavo filho de uma família média, ligado ao trabalho de cuidar das ovelhas da família, para líder governante da nação. Ele lutou com animais selvagens para mantê-los afastados de suas ovelhas, correu para livrar sua vida de Saul e liderou soldados em batalha; tudo isso é mais aventura do que alguém poderia querer.

No entanto, Davi tinha um lado criativo. Ele era poeta, músico e compositor. Nós encontramos muitas de suas obras no livro de Salmos. Em seu zelo por Deus ele adquiriu materiais para a construção de um templo, uma estrutura formal padronizada para o culto em Israel através de seus sacerdotes e músicos. No entanto, ele teve sua cota de fraquezas—pecados, falhas e disputas familiares.

Por mais emocionante que nos pareçam os aspectos da vida de Davi, Deus foi atraído para este homem por outro motivo. Depois do fracasso de Saul como rei para servir da maneira que Deus deseja, a Bíblia nos diz que Deus procurou “um homem segundo o Seu coração” (1 Samuel 13:14). Deus escolheu Davi para suceder a Saul por este motivo. Embora Davi tenha cometido erros graves, no

final, ele sempre se arrependia de seus pecados e pedia perdão a Deus (Salmo 51). Embora rei de Israel, ele levava Deus mais a sério do que a si mesmo.

Uma promessa surpreendente

Porque Davi era um homem segundo o coração de Deus, um homem com uma consciência sensível ao seu Criador, Deus fez uma aliança separada e distinta com ele, além da aliança que fizera com Israel. Assim, quando Davi quis construir uma casa para Deus, o Todo-Poderoso Ihe enviou uma mensagem através do profeta Natã:

“Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então, farei levantar depois de ti a tua semente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre. Eu Ihe serei por pai, e ele me será por filho; e, se vier a transgredir, castigá-lo-ei com vara de homens e com açoites de filhos de homens. Mas a minha benignidade se não apartará dele, como a tirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será firme para sempre” (2 Samuel 7:12-16).

Entender o intuito desta promessa—que Deus estabeleceria o trono de Davi para sempre—é um estudo desafiador. O aspecto mais entendido desta aliança se completará em Jesus, o Messias—nascido de Maria, um descendente literal de Davi—governando no Reino de Deus.

Através do profeta Jeremias, Deus profetiza sobre esse tempo: “Eis que vêm dias . . . em que levantarei a Davi um Renovo justo; sendo rei, reinará, e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o nome com que o nomearão: *O SENHOR, Justiça Nossa*” (Jeremias 23:5-6).

Antes de Maria conceber a Jesus, um anjo Ihe disse: “E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus Ihe dará *o trono de Davi, seu pai*” (Lucas 1:31-32).

Essas passagens mostram que Jesus estava destinado a se sentar no trono de Davi. Embora esses eventos sejam certos de acontecer, muitos acreditam erroneamente que isso já foi cumprido em Cristo. No entanto, só será cumprido integralmente quando Ele voltar.

Governantes humanos no trono de Davi

Outra parte da promessa de Deus a Davi foi que os seus descendentes continuariam a governar o povo de Israel, até que Deus

estabelecesse o Seu Reino na Terra. Um mal-entendido sobre quando Deus vai estabelecer o Reino tem levado muitos a supor, erradamente, que esta promessa foi cumprida há muito tempo por Cristo e que já não tem nenhum significado.

Ao contrário do conceito das pessoas de que o Reino de Deus já está na terra representado pela igreja ou no coração dos seres humanos, a Bíblia diz que Deus vai estabelecer o Seu Reino quando Cristo vier pela segunda vez à Terra (Daniel 2:44; Apocalipse 11:15). Embora os homens tenham pregado a mensagem do Reino, com diferentes níveis de compreensão por milhares de anos, o estabelecimento do Reino na Terra ainda não ocorreu. Quando isso acontecer, o Reino de Deus substituirá os governos huma-

nos do mundo (para uma explicação mais completa sobre este assunto, por favor, solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *O Evangelho do Reino de Deus*).

A adoração religiosa instituída por Deus à antiga Israel—com Seu Sábado do sétimo dia e os Dias Santos anuais também revelam muito sobre a forma como os países vão adorar a Deus, quando Ele estabelecer o Seu Reino na Terra.

A adoração religiosa instituída por Deus à antiga Israel—com Seu Sábado do sétimo dia e os Dias Santos anuais também revelam muito

sobre a forma como os países vão adorar a Deus, quando Ele estabelecer o Seu Reino na Terra. (Para estudar a maneira que Deus estabeleceu para adorá-Lo, por favor, solicite os nossos guias de estudo bíblico gratuitos *O Sábado: de Pôr-do-sol a Pôr-do-sol*, *O Dia do Descanso de Deus* e *O Plano dos Dias Santos de Deus: A Promessa de Esperança para toda a Humanidade*. Todos os nossos guias estão disponíveis para ser enviados a você gratuitamente ou para baixar através da biblioteca de literatura em nosso site www.revistaboanova.org/literatura).

Com o entendimento de que Deus ainda não estabeleceu Seu Reino na Terra, vamos analisar algumas das promessas na Bíblia acerca de que um descendente de Davi continuaria governando os descendentes de Israel. Em 2 Crônicas 13:5 descobrimos “que o SENHOR, Deus de Israel, deu para sempre a Davi a soberania de Israel, a ele e a seus filhos, por uma aliança de sal” (ARA). Como as propriedades de conservação do sal, uma aliança de sal seria duradoura. Deus garantiu que a “casa de Davi”—sua descendência—continuaria a existir para sempre (2 Crônicas 21:7).

Porque os descendentes de Davi não continuaram a obedecer a Deus, alguns equivocadamente acreditam que Deus tenha sido liberado de Sua aliança com Davi. No entanto, este não foi o caso.

Deus disse sobre Davi: “Conservar-lhe-ei para sempre a minha graça e, firme com ele, a minha aliança. Farei durar para sempre a sua descendência; e, o seu trono, como os dias do céu.

“Se os seus filhos desprezarem a minha lei e não andarem nos meus juízos, se violarem os meus preceitos e não guardarem os meus mandamentos, então, punirei com vara as suas transgressões e com açoites, a sua iniquidade. Mas jamais retirarei dele a minha bondade, nem desmentirei a minha fidelidade.

“Não violarei a minha aliança, nem modificarei o que os meus lábios proferiram. Uma vez jurei por minha santidade (e serei eu falso a Davi?): A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono, como o sol perante mim. Ele será estabelecido para sempre como a lua e fiel como a testemunha no espaço” (Salmo 89:28-37, ARA; comparar Jeremias 33:15-21).

Através da aliança de Deus com Davi, encontramos mais uma prova bíblica de que os descendentes de Abraão, os israelitas, continuam existindo. Eles não se extinguiram, não desapareceram da superfície da Terra. Mais uma vez, a credibilidade do próprio Deus está em jogo. Ele nos diz em Sua Palavra que os descendentes de Davi e sua antiga nação continuarão existindo.

Quando se deve observar o Sábado?

O culto religioso que Deus instituiu para Israel com o Sábado do sétimo dia e Dias Santos anuais—também revela muito como as nações mundiais irão adorá-lo depois dEle estabelecer o Seu Reino na terra.

Como e por quê o Sábado se originou? Quem o criou, e quando? Quando é que o Sábado deve ser observado, e por quê isso importa? Quem deve de o observar?

Para estudar a prática de adoração que Deus instituiu, por gentileza peça o nosso guia de estudo bíblico gratuito: **O Sábado—o dia de descanso de Deus**

www.revistaboanova.org



Do Império ao Exílio

“Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do SENHOR, teu Deus, para não cuidares em fazer todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então, sobre ti virão todas estas maldições” (Deuteronômio 28:15).

A vontade de Deus era que Israel fosse uma nação modelo e isso trazia consigo sérias responsabilidades. Deus não tinha intenção de permitir que Israel—nação que Ele criou para ser o modelo de retidão para o mundo—escapasse das consequências por abandonar Seus caminhos e descer ao nível das nações vizinhas.

Antes de entrarem na Terra Prometida, Deus havia avisado especificamente os Israelitas para não fazerem alianças com quaisquer nações que adorassem falsos deuses: “Não farás *aliança alguma* com eles ou com os

“Mas, se você ou os seus descendentes deixarem de me seguir, se desobedecerem às leis e aos mandamentos que eu lhes dei e se adorarem e servirem outros deuses, então eu arrancarei Israel, o meu povo, da terra que lhe dei.”

seus deuses . . . para que não te façam pecar contra mim; se servires aos seus deuses, certamente isso será um laço para ti” (Êxodo 23:32-33, ACF).

Pelas mesmas razões, Ele ordenou-lhes que não se casassem com pessoas das nações vizinhas: “nem te aparentarás com elas; não darás tuas filhas a seus filhos e não tomarás suas filhas para teus filhos; pois *elas* fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do SENHOR se acenderia contra vós e depressa vos consumiria” (Deuteronômio 7:3-4).

Salomão ignorou ambas as ordens. Primeiro ele fez um pacto com o faraó do Egito, que ele selou ao aceitar a filha do Faraó em casamento (1 Reis 3:1). Também, “houve paz entre Hirão [rei de Tiro] e Salomão, e ambos *fizeram aliança*” (1 Reis 5:12).

No início de seu reinado, Salomão amou a Deus e simplesmente andou nos passos de seu pai Davi. Naquele tempo, Deus apareceu a Salomão em um sonho e disse: “Pede o que quiseres que te dê” (1 Reis 3:5).

Em seu sonho Salomão fez uma escolha sábia. Ele pediu um coração compreensivo para que pudesse cumprir corretamente sua responsabilidade real de retribuir ao seu povo com julgamento justo. Através de seu sonho Salomão percebeu que Deus estava contente com sua atitude humilde e desinteressada. Então, Deus prometeu não somente lhe dar o que havia pedido, mas também riquezas, honra e vida longa, contanto que Salomão continuasse a viver nos termos da aliança que Ele fizera com Israel.

Logo após Salomão ter completado e dedicado o templo, Deus apareceu-lhe em um sonho pela segunda vez. “E o SENHOR lhe disse: Ouvi a tua oração e a tua súplica que, suplicando, fizeste perante mim; santifiquei a casa que edificaste, a fim de pôr ali o meu nome para sempre; e os meus olhos e o meu coração estarão ali todos os dias” (1 Reis 9:3).

Em seguida, Deus prometeu a Salomão estabelecer *condicionalmente* o trono de sua dinastia sobre o povo de Israel para sempre, enquanto vivesse em sua Terra Prometida. Caso Salomão viesse a falhar em segui-Lo com integridade, Deus lhe explicou as consequências.

“Mas, se você ou os seus descendentes deixarem de me seguir, se desobedecerem às leis e aos mandamentos que eu lhes dei e se adorarem e servirem outros deuses, então eu arrancarei Israel, o meu povo, da terra que lhe dei. E também abandonarei este Templo que separei para ser o lugar onde devo ser adorado. Aí todos os povos vão desprezar e zombar de Israel” (versículos 6-7, NVI).

O mau exemplo de Salomão corrompe a nação

Deus não somente proibiu um rei de Israel de se casar com mulheres pagãs, como proibiu especificamente “multiplicar mulheres para si”, como era costume entre os governantes gentios (Deuteronômio 17:17). Salomão cometeu este erro mortal.

“E o rei Salomão amou muitas mulheres estranhas, e isso além da filha de Faraó, moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias, das nações de que o SENHOR tinha dito aos filhos de Israel: Não entrareis a elas, e elas não entrarão a vós; de outra maneira, perverterão o vosso coração para seguides os seus deuses. A estas se uniu Salomão com amor” (1 Reis 11:1-2).

“Porque sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, *suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses*; . . . porque Salomão andou em seguimento de Astarote, deusa dos sidônios, e em seguimento de Milcom, a abominação dos amonitas . . . edificou Salomão um alto a Quemosh, a abominação dos moabitas . . . e a Moloque, a abominação dos filhos de Amom. E assim fez para com todas as suas mulheres estrangeiras, as quais queimavam incenso e sacrificavam a seus deuses.



As gigantescas estátuas de touros alados guardavam as entradas para os palácios dos reis guerreiros da Assíria. Deus advertiu os israelitas que eles seriam vítimas das forças da Assíria, se recusassem a arrepender-se.

“Pelo que o SENHOR se indignou contra Salomão, porquanto desviara o coração do SENHOR, Deus de Israel, o qual duas vezes lhe aparecera . . . Pelo que disse o SENHOR a Salomão: *Visto que houve isso em ti, que não guardaste a minha aliança e os meus estatutos que te mandei, certamente, rasgarei de ti este reino e o darei a teu servo.*”

“Todavia, nos teus dias não o farei, por amor de Davi, teu pai; da mão de teu filho o rasgarei; porém todo o reino não rasgarei; *uma tribo darei a teu filho, por amor de meu servo Davi e por amor de Jerusalém, que tenho escolhido*” (versículos 4-13).

Israel se divide em dois reinos

Deus foi fiel à Sua palavra. Na época em que Salomão morreu, por volta de 931 a.C., as tribos que ocupavam a parte norte da nação estavam descontentes com os pesados impostos de Salomão e as práticas de trabalho forçado (1 Reis 4:7, 22, 26-28; 5:13, 15). Quando seu filho Roboão assumiu o trono, as tribos do norte suplicaram ajuda.

Então, Roboão consultou os seus conselheiros. Os anciãos sugeriram que ele respondesse positivamente aos requerentes, aliviando o peso do tributo e tornando a vida melhor para os cidadãos comuns. Entretanto, os conselheiros mais jovens argumentaram que Roboão deveria exercer uma autoridade firme e uma monarquia absoluta sobre seu reino e que deveria demandar receitas tributárias ainda maiores. Insensatamente, Roboão decidiu seguir o conselho da geração mais jovem.

O resultado era previsível. As dez tribos do norte se separaram e empossaram Jeroboão, um antigo oficial graduado de Salomão, como seu rei, exatamente como o profeta Aías havia predito anos antes (1 Reis 11:28-40; 12:20). Apenas as tribos de Judá e Benjamim permaneceram leais à casa de Davi.

A primeira reação de Roboão foi invadir as tribos do norte com um exército de cento e oitenta mil soldados para tentar ensinar uma lição às tribos do norte (1 Reis 12:21). Mas Deus enviou esta palavra ao governante de Judá: “Assim diz o SENHOR: Não subireis, nem pelejareis contra vossos irmãos, os filhos de Israel; volte cada um para a sua casa, porque eu é que fiz esta obra. E ouviram a palavra do SENHOR e voltaram segundo a palavra do SENHOR” (versículo 24). Eles cancelaram a invasão. Começara a era de um reino dividido.

A esta altura, mais de *duzentos anos* antes dos assírios conquistarem as dez tribos do norte, eles se separaram como reino ou casa de Israel. As tribos do sul de Judá, Benjamim e uma parte de Levi ficariam então conhecidas como o reino, ou casa, de Judá. A promessa soberana de um rei divino permaneceu com a tribo de Judá.

As tribos do norte mantiveram o nome de *Jacó*, ou *Israel*. Com eles estava a promessa do direito de primogenitura, de *grandeza nacional, prosperidade e riqueza*. Para eles foram, por direito de nascimento, as bênçãos materiais e a reputação nacional que Deus prometera a José.

Daquela separação significativa de Israel e Judá, a Bíblia registra uma

sequência de duzentos anos em dez dinastias, presidida por não menos que dezenove monarcas governando o reino do norte.

A oferta de Deus a Jeroboão

Quando Deus enviou pela primeira vez o profeta Aías para informar a Jeroboão que ele se tornaria rei das tribos do norte, Ele ofereceu a Jeroboão Suas bênçãos e a promessa de uma dinastia duradoura. “E te tomarei, e reinarás sobre tudo o que desejar a tua alma e serás rei sobre Israel. E há de ser que, *se ouvires tudo o que eu te mandar, e andares pelos meus caminhos, e fizeres o que é reto aos meus olhos, guardando os meus estatutos e os meus mandamentos*, como fez Davi, meu servo, eu serei contigo, e te edificarei uma casa firme, como edifiquei a Davi, e te darei Israel” (1 Reis 11:37-38).



Rapidamente, o reino de Israel se degenerou em idolatria sob o domínio do rei Jeroboão, que instituiu uma nova religião nacional. As imagens de fertilidade, à esquerda, foram encontradas durante as escavações das cidades israelitas. A de Dã, acima, um grande altar reconstruído dos tempos de Roma, provavelmente ficava no mesmo local onde Jeroboão construiu um altar pagão alguns séculos antes.

Com a ajuda de Deus, Jeroboão poderia ter mantido a parte do império confiada a ele. Mas a sua fé estava no que podia ver e não em Deus.

Para assegurar sua forte influência sobre a totalidade de seu novo reino, Jeroboão imediatamente construiu duas capitais para seu governo em lugares tradicionais e importantes de encontros tribais. Uma ficava em Siquém, próximo a Nablus, a qual hoje é chamada de região da Cisjordânia. A outra ficava em Peniel, a leste do Rio Jordão, atual Jordânia.

Então, Jeroboão dedicou-se ao que considerava o principal problema que poderia lhe tirar o reino. “Disse Jeroboão consigo: Agora, tornará o reino para a casa de Davi. Se este povo subir para fazer sacrifícios na Casa do SENHOR, em Jerusalém, o coração dele se tornará a seu senhor, a Roboão, rei de Judá; e me matarão e tornarão a ele, ao rei de Judá” (1 Reis 12:26-27).

Jeroboão muda a religião de Israel

Para impedir que isso ocorresse, Jeroboão estabeleceu um sistema religioso concorrente. Por razões políticas—para manter sob controle as tribos do norte—ele mudou as formas de Israel adorar a Deus.

A idolatria já havia se tornado popular durante os últimos dias de Salomão, assim Jeroboão erigiu seus próprios ídolos. “Pelo que o rei tomou conselho, e fez dois bezerros de ouro, e lhes disse: Muito trabalho vos será o subir a Jerusalém; vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito. E pôs um em Betel e colocou o outro em Dã” (1 Reis 12:28-29).

Dã ficava no extremo norte de seu reino. Betel ficava no sul, logo acima da fronteira com Judá e bem na rota principal das pessoas que faziam a viagem para adorar em Jerusalém.



O rei assírio Tiglate-Pileser III invadiu o reino de Israel e levou milhares de pessoas para o cativo.

Os levitas herdaram seu ofício, não deviam nada ao rei e estavam basicamente fora de seu controle.

Ao dispensar os sacerdotes levitas, Jeroboão estabeleceu o controle monárquico da vida religiosa da nação. Em consequência, muitos levitas se mudaram para Judá, onde eles podiam continuar a desempenhar suas fun-

Ao acreditar que a observância dos mesmos festivais anuais dos judeus—as Santas Convocações de Deus (Levítico 23)—reacenderia um desejo pela unificação nacional, Jeroboão mudou também a época do grande festival de outono (Levítico 23:23-44), passando do sétimo para o oitavo mês (1 Reis 12:32-33).

Ele dispensou os sacerdotes de Aarão e Levitas (versículo 31; 1 Reis 13:33), homens separados pela própria vontade de Deus (Êxodo 40:15) para manter a integridade da vida religiosa da nação. Para Jeroboão o sacerdócio levítico era uma ameaçadora base de poder independente. Os

ções divinamente designadas (2 Crônicas 11:13-15).

No lugar dos levitas, Jeroboão criou um novo sacerdócio das pessoas “mais baixas” e menos experientes do povo (1 Reis 12:31; 13:33), homens que deviam ao rei todas as suas posses e posições. Eles seriam nomeados ao bel-prazer do rei e teriam que agradá-lo para manter suas posições.

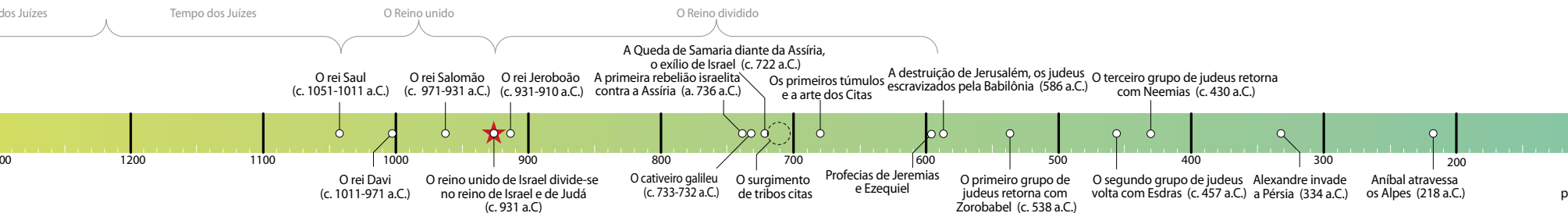
Jeroboão introduziu o sincretismo, uma fusão de sistemas diferenciados de crenças. Ele combinou aspectos da religião verdadeira de Deus com crenças pagãs e arrazoamento humano. Também ele pode ter adequado muitos aspectos de suas práticas religiosas, conforme os costumes do Egito e de Tiro—aliados de Israel por tratado—a fim de fortalecer seu relacionamento com estes dois principais parceiros comerciais e militares.

Desse momento em diante, o reino do norte surgiu no mundo exterior meramente como uma extensão das cidades costeiras poderosas do Império Fenício. Eles eram parceiros comerciais, compartilhavam uma língua e provavelmente mantinham visões religiosas similares.

A distinção que, no princípio, Deus tinha planejado existir entre Israel e as nações vizinhas logo desapareceu. Desta forma, não é de admirar que historiadores tenham dificuldade em detectar outro papel de Israel na região a não ser o de negociantes com as cidades fenícias costeiras. Israel



Este obelisco registra que muitos reinos—inclusive Israel—pagaram tributos ao rei assírio Salmanasar III



foi reduzida aproximadamente ao mesmo status dos outros reinos. Lamentavelmente, ela abandonou seu papel como luz espiritual e exemplo para as outras nações.

A resposta de Deus aos pecados de Israel e Judá

Logo após a inauguração dos novos rituais religiosos e das práticas em Betel e Dã, o profeta Aías, o qual antes havia informado a Jeroboão que ele seria rei, recebeu outra mensagem de Deus:

“Vai e dize a Jeroboão: Assim diz o SENHOR, Deus de Israel: Visto que te levantei do meio do povo, e te pus por chefe sobre o meu povo de Israel, e rasguei o reino da casa de Davi, e a ti to dei, e tu não foste como o meu servo Davi, que guardou os meus mandamentos e que andou após mim com todo o seu coração para fazer somente o *que era* reto aos meus olhos; antes, tu fizeste o mal, pior do que todos os que foram antes de ti, e foste, e fizeste outros deuses e imagens de fundição, para provocar-me à ira, e me lançaste para trás das tuas costas, portanto, eis que trarei mal sobre a casa de Jeroboão, e separarei de Jeroboão todo homem até ao menino, tanto o escravo como o livre em Israel, e lançarei fora os descendentes da casa de Jeroboão, como se lança fora o esterco, até que de todo se acabe” (1 Reis 14:7-10).

O reino de Jeroboão tomara rapidamente um mau caminho. Lamentavelmente, suas ações estavam apenas se adaptando aos tempos. No reino do Sul de Judá, o rei Roboão, cuja mãe era amonita, não fez nada para corrigir o exemplo idólatra que Salomão havia estabelecido na sua velhice. Muitas pessoas em Judá foram igualmente apanhadas em apostasia, deixando de adorar a Deus (1 Reis 14:22-24).

Não tardou para que os pecados de Judá e Israel comessem a enredá-los. No quinto ano do rei Roboão, o Faraó Shishak invadiu Judá com 1,2 mil carros, 60 mil cavaleiros e uma grande infantaria. Então, despreparado, após tantos anos contando com o aliado Egito, Roboão entrou em pânico. O profeta Semaías trouxe esta mensagem à corte de Roboão em Jerusalém: “Vós me deixastes a mim, pelo que eu também vos deixei nas mãos de Sisaque” (2 Crônicas 12:5). A Bíblia registra que os egípcios demandaram como tributo a maior parte dos tesouros de ouro que Salomão havia feito para o templo e para seu palácio.

O relato do próprio Shishak a respeito desta invasão está preservado nas paredes do templo que ele construiu com o despojo para honrar seu deus Amun-Re em Kamak. Ele se vangloria de tomar 150 cidades, a maioria na região do Negueve em Judá e ao norte de Israel. A era de ouro de Israel sob uma monarquia, e a maior parte dos tesouros de ouro do templo e do palácio do rei construídos durante esta época, desapareceram.

Entretanto, as Escrituras mencionam que os líderes de Judá admitiram sua culpa e se humilharam perante Deus. Tal arrependimento não foi visto nos governantes das dez tribos do norte. Consequentemente, o reino do norte foi o primeiro a ir para o cativeiro.

Devido à mudança no coração de Roboão Deus reduziu o impacto do

desastre de Judá. “Vendo, pois, o SENHOR que se humilharam, veio a palavra do SENHOR a Semaías, dizendo: Humilharam-se, não os destruirei; antes, em breve lhes darei socorro, para que o meu furor não se derrame sobre Jerusalém, por intermédio de Sisaque. Porém serão seus servos, *para que conheçam a diferença entre a minha servidão e a servidão dos reinos da terra*” (2 Crônicas 12:7-8, ARA).

Eis aqui outra importante lição sobre como Deus lida com Seu povo. Mesmo que se arrependam, Ele não remove necessariamente todas as consequências de seus erros ou rebelião contra Ele. Mas, se o povo se



A Assíria era um império rude e cruel. Seus reis registravam suas conquistas em relevos de pedra talhada, como estes alinhados nas paredes do palácio. As tropas assírias atacam pela muralha de uma cidade (acima), enquanto seus habitantes derrotados começam a sua longa marcha para o exílio. Em outra cena, à direita, os escribas registram a pilhagem à medida que os animais de criação são conduzidos e os exilados são levados em carros de bois para um futuro incerto.

humilhar sinceramente, Ele sempre é misericordioso para equilibrar o castigo e o alívio.

Deus não tem atitudes destemperadas; Ele não encobre impulsivamente os objetos de Sua ira. Suas ações têm propósito. Primeiro, Ele tenta lidar com o povo através do ensinamento de lições (Ezequiel 33:11). Como vemos em vários exemplos da história de Israel e Judá, o castigo é sempre Sua forma de tentar mudar as atitudes do povo.

Deus almeja o benefício a longo prazo daqueles com quem Ele está trabalhando (Hebreus 12:5-12). Naturalmente, Seu objetivo fundamental é levar cada um ao arrependimento (2 Timóteo 2:24-26; 2 Pedro 3:9) para que O conheçam e a prontamente escolham viver conforme Suas leis.

A iminente catástrofe

Tendo em vista que o reino do norte seguiu a direção de Jeroboão rumo à idolatria, Deus avisou os israelitas das consequências de sua rebelião: “Também o SENHOR ferirá a Israel para que se agite como a cana se agita nas águas; *arrancará a Israel desta boa terra que dera a seus pais e o espalhará para além do Eufrates*, porquanto fez os seus postes-idolos, provocando o SENHOR à ira. Abandonará a Israel por causa dos pecados que Jeroboão cometeu e pelos que fez Israel cometer” (1 Reis 14:15-16, ARA).



O rei assírio Sargão II recebe um relatório de um funcionário, possivelmente, um dos seus generais. O rei Sargão levou mais de 27 mil israelitas para o cativeiro na Assíria.

Deus lidou pacientemente com Israel, dando ao povo inúmeras oportunidades para se arrepender. Mas ao longo dos dois séculos seguintes os pecados da casa de Israel e de seus reis foram aumentando. Os israelitas se afastaram mais e mais da aliança com seu Criador à qual eles haviam aceitado nos dias de Moisés.

Deus retirou, aos poucos, Suas bênçãos e proteção. “Naqueles dias, começou o SENHOR a *diminuir* os limites de Israel, que foi ferido por Hazael [rei Sírio] em todas as suas fronteiras, desde o Jordão para o nascente do sol, toda a terra de Gileade, os gaditas, os rubenitas e os manassitas, desde Aroer, que está junto ao vale de Arnom, a saber, Gileade e Basã” (2 Reis 10:32-33, ARA).

Durante o século oito a.C. os profetas de Deus continuaram avisando aos israelitas que eles, como os outros reinos da região, seriam vítimas de uma nova e poderosa potência militar. A expansão ocidental da Assíria logo começou a ameaçar seriamente a existência do reino de Israel.

Durante esse tempo da aproximação do desastre, os escritores de muitos livros, que se tornariam livros proféticos do Antigo Testamento, estavam trabalhando. Deus enviou profetas após profetas para exortar a casa de Israel e a casa de Judá para se arrependerem. Em algumas ocasiões os líderes de Judá ouviram e instituíram reformas que duravam pouco tempo. Mas o reino do norte nunca se arrependeu das práticas idólatras que Jeroboão introduziu. Seu povo se recusou a prestar atenção aos conselhos dos profetas.

Os profetas de Deus repetiram os mesmos temas básicos. Eles pediram o arrependimento imediato. Eles proclamaram a certeza de um cativeiro

que viria se as pessoas se recusassem a se arrepender. Eles também sempre falaram *do futuro do povo de Israel*, especialmente sobre a redenção e a restauração de seus descendentes pelo Messias profetizado. (Para entender os conceitos fundamentais da profecia bíblica, não deixe de solicitar o livro *Você pode entender a Profecia Bíblica*. Uma cópia gratuita está disponível no endereço mais próximo de você ou através da biblioteca de literatura de nosso site em www.revistaboanova.org/literatura).

O fim do reino do norte

Logo após a morte do rei Jeroboão II (753 a.C.), o reino do norte mergulhou no caos político. “Guerra civil, assassinatos e lutas internas entre grupos que apoiavam políticas assírias ou resistiam a qualquer rendição atormentavam o Estado do Norte . . . As mortes de Jeroboão e Uzias . . . vieram no exato momento em que a Assíria recuperou seu poder e renovou sua investida no ocidente” (Lawrence Boadt, *Lendo o Antigo Testamento* [Reading the Old Testament], 1984, p. 312).

Em meio às suas próprias dificuldades nacionais e internas, os líderes israelitas tiveram de considerar as intromissões da Assíria em seus negócios. Na época de Tiglath-Pileser III da Assíria, o rei de Israel Menaem (aproximadamente 752-742 a.C.) teve de pagar enormes quantias de tributo—dinheiro de proteção em uma escala nacional—para induzir o monarca assírio a deixar ele e seu povo em paz (2 Reis 15:19-20).

Alguns anos mais tarde, o rei Peca (aproximadamente 740-732 a.C.) rebelou-se contra a Assíria, e logo foi forçado a se render e a pagar um enorme resgate para reter seu trono (2 Reis 15:19-20). A deslealdade de Peca pôs em movimento o primeiro passo na política assíria de lidar com povos desgovernados—tornando o reino ofensor em um Estado vassalo.

De acordo com a política externa assíria, aqueles que se rebelassem uma segunda vez, perderiam seu controle político e seriam substituídos por um rei vassalo, cuja lealdade o governo assírio poderia contar. Os assírios iriam também reduzir a quantidade de território que o Estado vassalo iria controlar e o monarca assírio instituiria seu governo diretamente sobre parte do reino original.



Os soldados assírios arrasam uma cidade murada, enquanto seus habitantes são levados em cativeiro. Cenas como esta se repetiram em todo o reino de Israel.

Uma segunda rebelião provocaria também a deportação de um número significativo da população revoltosa. Encontrando-se entre estrangeiros, cuja língua eles não compreendiam (Jeremias 5:15) e cujas terra e cultura lhes eram desconhecidas, os deportados teriam pouca esperança de uma revolta bem-sucedida contra seus mestres assírios.

Tiglath-Pileser instituiu essa política contra o reino do norte em resposta à aliança do rei Peca com Damasco, em sua segunda tentativa de revolta (aproximadamente 734 a.C.). A primeira deportação dos israelitas (aproximadamente 733-732 a.C.), às vezes, referida como a escravidão galileia, levou parte da população—principalmente as tribos de Naftali, Rúbem, Gade e a porção de Manassés, vivendo a leste do Rio Jordão—para o norte da Síria e nordeste e para noroeste da Mesopotâmia (2 Reis 15:27-29; 1 Crônicas 5:26).

Tiglath-Pileser III também ocupou a maior parte da Galileia e de Gileade e dividiu o próprio território israelita em quatro novas províncias: Megido, Duru, Gileade e Samaria.

A última gota

Se um povo se rebelasse uma terceira vez, a resposta oficial assíria seria firme e decisiva: a nação deixaria de existir. O exército assírio levaria à força toda a população para o exílio. Os assírios espalhariam os depor-



Scott Ashley

Este prisma hexagonal de barro, descoberto nas ruínas da antiga capital assíria de Nínive, 701 a.C. registra a invasão de Senaqueribe ao reino de Judá, depois da queda do reino de Israel. Judá sobreviveu a esta invasão, mas, logo depois, sucumbiu diante do Império Babilônico.

tados por todo seu império e repovoariam os territórios desabitados com povos de regiões distantes e espalhadas. Uma vez removidos de sua pátria, e com suas terras entregue a outros, os exilados dispersos teriam poucos meios ou motivação para se rebelarem contra o controle assírio.

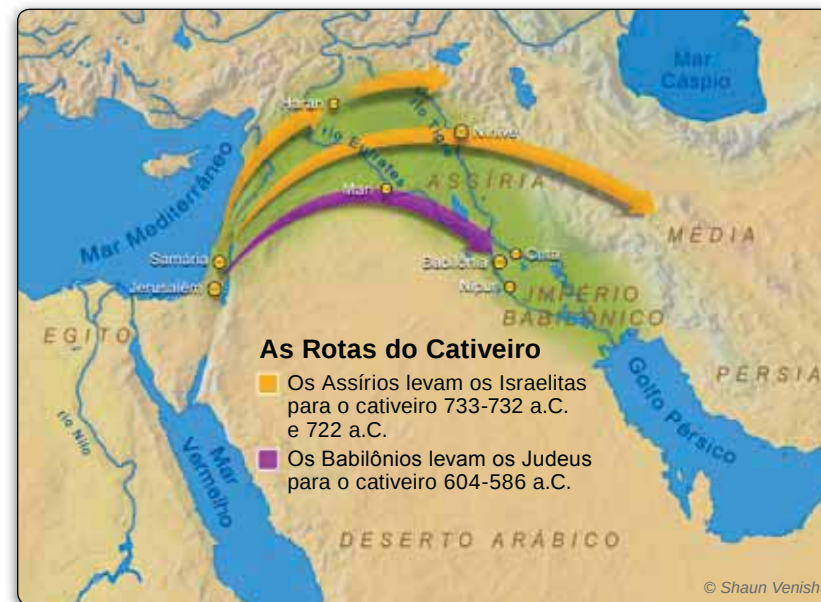
Sendo pró-assírio, mas um vassalo israelita pouco confiável, o rei Oséias pôs em movimento os eventos que trouxeram a dissolução do reino do norte. Esperando receber ajuda crítica do Egito, no sul, Oséias traiu a confiança assíria por volta de 724 a.C. (2 Reis 18:9-10). Shalmaneser V respondeu com um cerco (aproximadamente 724-722 a.C.) que resultou na queda da cidade capital de Israel, Samaria. Nesse momento, o reino do norte deixou de existir como uma entidade política.

A história registra a queda de Samaria em 722 a.C. Tendo entrado com êxito na Terra Prometida de Israel por causa de vitória sobre o reino do norte, os assírios logo voltariam a atacar o reino do sul, Judá. Em 1701 a.C. O exército assírio, liderado por Senaqueribe dominou praticamente todas as cidades fortificadas de Judá (2 Reis 18:9, 13-14) e deportou milhares de judeus. Jerusalém, entretanto, não caiu nesta invasão, e o reino do sul se recuperou o suficiente para durar mais 115 anos antes de os exércitos babilônios conquistarem e destruírem Jerusalém em 586 a.C.

Os exilados desaparecem da história

Com a extinção do reino do norte como uma entidade política, seu povo foi dividido e disperso além do Rio Eufrates, nos territórios do leste da Assíria. Deus cumpriria agora Sua promessa de “sacudir a casa de Israel entre todas as nações” (Amós 9:9). Assim os Israelitas experimentariam o que era viver sob o governo de outras nações que eles tanto queriam imitar.

Deus havia lhes avisado: “O SENHOR vos espalhará entre todos os povos, de uma até à outra extremidade da terra. *Servirás ali a outros deuses* que não conheceste, nem tu, nem teus pais; servirás à madeira e à pedra. *Nem*



Deportados em uma série de invasões pelas mãos dos assírios, os habitantes do reino de Israel perderiam sua identidade em terras distantes. Mais de um século depois, o reino de Judá também foi derrotado e exilado pelos Babilônios. No entanto, ao contrário de Israel, os judeus mantiveram a sua identidade, e muitos voltaram para sua terra natal depois de 70 anos no exílio.

ainda entre estas nações *descansarás*, nem a planta de teu pé terá repouso, porquanto o SENHOR ali te dará coração tremente, olhos mortiços e desmaio de alma. A tua vida estará suspensa como por um fio diante de ti; terás pavor de noite e de dia e não crerás na tua vida” (Deuteronômio 28:64-66).

Nesse momento eles *desapareceram da história* como povo de Israel. Os israelitas já haviam começado a “servir a outros deuses”, tendo abandonado as práticas religiosas que obviamente os distinguia dos outros povos. Entre outras coisas, eles abandonaram o Sábado, o sétimo dia da semana. Deus proclamou o Sábado para Israel como “um sinal entre Mim e vós nas vossas gerações” (Êxodo 31:13, 16-17; comparar Ezequiel 20:12, 20).

Uma vez removidos de sua pátria por seus conquistadores, eles se tornaram simples refugiados—parte da grande massa de povos desalojados e exilados pelos assírios. Eles não possuíam mais as características visíveis que os diferenciavam facilmente dos outros povos ao seu redor. Seus evidentes sinais de identificação rapidamente desapareceram. Mas os resquícios de suas tribos, sua identidade e cultura não desapareceriam tão facilmente.

Então, como podemos encontrá-los? Precisamos olhar para a região geral onde eles foram exilados e ver se um povo apareceu repentinamente na região com características que os associem aos refugiados do reino do norte de Israel.

Ao fazer isso, o que encontramos é uma história surpreendente e de muitos séculos, na qual Deus guia os israelitas desalojados para uma região muito distante, ao noroeste de sua pátria, para onde Seus profetas haviam profetizado.

Por que Deus Permite o Sofrimento?

Se Deus é verdadeiramente um Deus cheio de amor e misericórdia, por que Ele não está a intervir no mundo e não pára este sofrimento? Por causa desta aparente falta de ação alguns concluíram que Deus simplesmente não existe. A resposta, no entanto, é muito mais complexa. O que é que a Bíblia revela sobre as causas do sofrimento?

Para saber mais sobre este assunto, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito:

“Por que Deus Permite o Sofrimento?”

www.revistaboanova.org



Todos os Israelitas Foram Deportados?

Alguns estudiosos têm desafiado a afirmação da Bíblia de que toda a população do reino do norte foi levada ao cativeiro assírio. Alguns pensam que a maioria dos israelitas fugiu para o sul e se misturaram à população do reino de Judá. O que realmente aconteceu? Vamos examinar o registro.

A cadeia de eventos que levou à queda e a total deportação de Israel foi iniciada pelo monarca assírio Tiglate-Pileser III. Em três campanhas ele empreendeu o que os historiadores chamam de o cativeiro galileu (cerca de 733-732 a.C.). Ele conquistou Damasco e estabeleceu uma presença militar na fronteira do Egito. Ele deportou para as partes superiores do vale dos rios da Mesopotâmia, “os rubenitas, os gaditas, e a meia tribo de Manassés” (1 Crônicas 5:26) assim como Naftali e as cidades dos territórios de Issacar, Zebulom e Aser (2 Reis 15:29).

O monarca assírio Salmanasar V iniciou e realizou a maior parte da campanha decisiva em 724-722 a.C. contra o restante do reino do norte. Salmanasar, porém, “foi deposto logo em seguida por outro rei, Sargão II. O nome deste, o ‘Verdadeiro Rei’, parece trair a natureza suspeita da reivindicação de Sargão ao trono . . . Sargão II mudou a capital assíria para Khorsabad, que foi fundada por ele e construída para imitar Nimrud, e, a cidade antiga foi negligenciada . . . Salmanasar V . . . não teve tempo para comemorar e arquivar suas conquistas em pedra, e logo foi sucedido por Sargão II, que reivindicou o crédito pela vitória” (Julian Reade, *Escultura Assíria*, pp. 48, 65).

As descobertas excepcionais do século XIX pelo arqueólogo britânico Austen Henry Layard, dissiparam quaisquer dúvidas de que o reino assírio era uma força formidável que dominava ferozmente o antigo Oriente Médio e que desapareceu entre os séculos IX e VII a.C. É indiscutível que os assírios invadiram e conquistaram o reino do norte como parte dessa dominação.

Os dados precisos de quantas pessoas foram envolvidas (pelo menos os dados que estão fora do registro bíblico), ainda estão sujeitos a mais análise histórica. Alguns estudiosos afirmam que apenas um pequeno número de líderes—a classe intelectual do norte—caiu em cativeiro nas mãos dos assírios. Dos restantes, dizem, ou fugiram como refugiados ou foram assimilados pelas populações estrangeiras transplantadas no reino do norte (2 Reis 17:24).

Outros acreditam que a escravidão e a remoção dos israelitas envolveu quase toda a população do norte. Como vamos saber quem está certo? Quantos israelitas foram deportados pelos assírios?

Os arqueólogos encontraram um conjunto de registros da corte

dos assírios que fornecem alguns números específicos. O rei Sargão II afirma ter tomado 27.290 cativos de Samaria. Este número é, sem dúvida, pequeno em contraste com toda a população do reino do norte. Mas há uma razão lógica para um número tão pequeno.

O estudioso conservador da Bíblia Eugene Merrill observa que Salmanasar V “tomou Samaria em seu último ano . . . [então] Sargão, que provavelmente não era o filho de Tiglate-Pileser, como alguns dizem, mas um usurpador, reinou sobre o vasto império assírio de 722 a 705. Um dos governantes mais militantes da Assíria, [Sargão] alega ter realizado campanhas significativas em cada um de seus dezessete anos de governo. Nos anais do seu primeiro ano, ele levou o crédito pela queda de Samaria. Na realidade, a afirmação bíblica de que Salmanasar V foi o responsável está correta. Como vários estudiosos têm mostrado, Sargão alegou esta conquista importante ao seu próprio reino, para que o registro de seu primeiro ano, não passaria em branco” (*Reino de Sacerdotes*, 1996, pág. 408).

Sargão se aproveitou do fato de que Salmanasar V foi deposto antes de suas façanhas militares fossem totalmente registradas. Embora Sargão tenha registrado com precisão os resultados de sua própria invasão e deportação do reino do norte de Israel durante seu primeiro ano, ele *não deixou registrada* a maior deportação israelita feita por seu antecessor, deixando a impressão de que seus próprios feitos foram maiores do que realmente pareciam.

A explicação lógica de Eugene Merrill sobre valores extremamente baixos de Sargão quantos aos deportados é significativo para a história assíria e o registro bíblico. O número de registros relativamente pequeno de milhares de deportados registrados por Sargão, simplesmente não toma em consideração as deportações em massa outrora realizadas pelos seus antecessores, Tiglate-Pileser III e Salmanasar V.

Para qualquer um que acredite na exatidão das Escrituras o relato bíblico é a fonte histórica mais confiável. Em relação à deportação do reino do norte, o relatório de 2 Reis é, provavelmente, o testemunho bíblico mais essencial: “Pelo que o SENHOR muito se indignou contra Israel e os tirou de diante da sua face; nada mais ficou, senão a tribo de Judá. Até Judá não guardou os mandamentos do SENHOR, seu Deus; antes, andaram nos estatutos que Israel fizera. Pelo que o SENHOR rejeitou a toda semente de Israel, e os oprimiu, e os deu nas mãos dos despojadores, até que os tirou de diante da sua presença . . .

“Porque, depois que o Senhor rasgou a Israel da casa de Davi, e eles fizeram rei a Jeroboão, filho de Nebate, Jeroboão apartou a Israel de seguir o SENHOR e os fez pecar um grande pecado. Assim, andaram os filhos de Israel em todos os pecados que Jeroboão tinha feito; nunca se apartaram deles. Até que o SENHOR tirou a

Israel de diante da sua presença, como falara pelo ministério de todos os seus servos, os profetas; assim, foi Israel transportado da sua terra à Assíria, onde permanece até ao dia de hoje” (2 Reis 17:18-23).

Embora a Bíblia narre claramente que os assírios levaram cativos para bem longe a população do reino do norte, algumas passagens bíblicas e evidências arqueológicas indiretas indicam que alguns refugiados destas tribos continuaram vivendo entre o povo de Judá, logo depois da queda de Israel.

Provavelmente alguns nortenhos se mudaram para o sul logo após a separação de Israel e Judá, em protesto contra as desprezíveis práticas introduzidas por Jeroboão I (1 Reis 12:25-33; 13:33; 2 Crônicas 11:13-16) e por seus sucessores—especialmente Acabe e Jezabel (1 Reis 16:28-33; 18:3-4, 18). Esta primeira vaga de imigrantes para Judá teria sido de homens e mulheres que procuravam um ambiente religioso menos contaminado para adorar a Deus.

Mas, pouco antes do exílio do reino do norte, um número muito maior de nortenhos provavelmente seguiram em direção ao sul de Judá, para escapar dos assaltos da Assíria no século VIII a.C. Ninguém contesta que a população de Jerusalém expandiu-se muito durante esse tempo.

Será que esses eventos indicam que Deus simplesmente assimilou um número suficiente de pessoas das tribos do norte para Judá e que os judeus que retornaram depois do cativeiro babilônico sob Esdras e Neemias compreendiam tudo o que Deus pretendia preservar de Seu povo santo de Israel? Alguns estudiosos defendem esta teoria, mas ignoram um fato crítico.

Os babilônios exilaram o restante dos habitantes do reino de Judá, em 586 a.C. Este exílio incluía aqueles do antigo reino do norte que tinham migrado para Judá. Setenta anos depois, apenas uma pequena parte dos judeus exilados na Babilônia voltou para reconstruir o templo e a cidade de Jerusalém. As Escrituras mostram que aqueles que se ofereceram para voltar e reconstruir uma presença judaica na Palestina veio quase que exclusivamente das tribos de *Judá, Benjamin e Levi* (Neemias 11:3-36). Não encontramos nenhuma evidência bíblica ou histórica de que quaisquer números significativos das outras dez tribos sendo incluídas no retorno de Judá à sua terra natal.

Portanto, as profecias que se referem a uma restauração futura das dez tribos perdidas *não podem* ser consideradas cumpridas pelo retorno de alguns do povo judeu a Jerusalém, nos dias de Esdras e Neemias. Até mesmo aqueles que tinham retornado só compunham uma restauração parcial dos judeus. Os descendentes do restante dos judeus e famílias israelitas exilados foram espalhados entre as nações e, muito provavelmente acabaram perdendo sua identidade. A profecia nos diz que Cristo vai reuni-los, juntamente com as dez tribos perdidas, em Seu retorno.

Todos os Israelitas são Judeus?

Hoje quase todo mundo identifica o nome *Israel* com os judeus. A maioria das pessoas supõe que o povo judeu são os únicos descendentes restantes da antiga nação de Israel. Esta hipótese, no entanto, está incorreta.

Tecnicamente os judeus são descendentes de duas tribos de Israel: *Judá* e *Benjamin*, além de uma parte considerável de uma terceira, a tribo sacerdotal de *Levi*.

Desconhecidas para a maioria, as dez outras tribos da antiga Israel *nunca* foram chamados de judeus. Essas tribos do norte eram historicamente diferentes e politicamente separadas dos judeus, seus irmãos do sul, que formaram o *reino de Judá*, a partir daí se derivou o termo *judeu*.

A coalizão das tribos do norte, o *reino* ou *casa de Israel*, já tinha se tornado uma nação independente, separada da casa de Judá, no tempo em que a palavra '*judeu*' surgiu pela primeira vez na narrativa bíblica. Na verdade, a primeira vez que o termo aparece na Bíblia, Israel estava em guerra com os judeus (2 Reis 16:5-6).

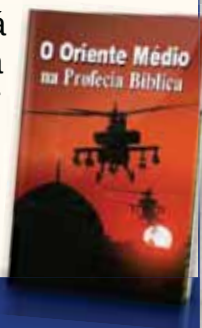
Todos os israelitas são judeus? Não. Os judeus—cidadãos e descendentes do reino de Judá—são de fato israelitas, mas nem todos os israelitas são judeus. Desde que todas as doze tribos, incluindo os judeus, são descendentes de seu pai Israel (Jacó), podemos aplicar o termo *israelita* para todas as tribos. O termo *judeu*, no entanto, é aplicável apenas às tribos que formavam o reino de Judá e seus descendentes.

O Oriente Médio é uma região crucial do mundo. É o berço das três maiores religiões monoteístas—o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo—e também é a fonte principal de grande parte do 'sangue' da economia mundial, o petróleo. Por que existem tantos problemas e confusão nesta região? Para aonde isto tudo nos está levando? Será que a profecia bíblica revela o futuro desta região que tem estado atormentada por tantos anos?

Para saber mais sobre este assunto, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito:

O Oriente Médio na Profecia Bíblica

www.revistaboanova.org



Os Misteriosos Citas Surgem na História

“Eis que os olhos do Senhor DEUS estão contra este reino pecador, e eu o destruirei de sobre a face da terra; mas não destruirei de todo a casa de Jacó, diz o SENHOR” (Amós 9:8).

Quando o reino do norte de Israel foi destruído pelas nas mãos dos assírios, seu povo se viu forçado ao exílio. Deus havia prometido que eles sobreviveriam para se tornarem umas das maiores potências do mundo nos últimos dias.

Para onde eles foram? Como podem ser encontrados?

Rastrear a linhagem de povos antigos é uma tarefa extremamente difícil. Arqueólogos, historiadores e professores ilustres em universidades famosas frequentemente discordam ao interpretar os artefatos e documentos históricos.

Isso ocorre por que o pleno conhecimento das origens de qualquer povo da antiguidade é quase sempre obscurecido pelas neblinas do tempo. Especialmente, quando os registros escritos desapareceram, tendo sido destruídos ou sequer existido. Portanto, para determinar o que aconteceu com os antigos israelitas, nós devemos comparar, cuidadosamente, a evidência histórica e a arqueológica disponível com a história e as profecias da Bíblia.

Os arqueólogos e historiadores têm acumulado uma base substancial de informações que podemos juntar como peças de um quebra-cabeça da história. Quanto mais peças na mesa, mais fácil fica de juntar as informações com exatidão. E se juntando suficientes partes, podemos obter uma imagem razoavelmente boa do passado.

Embora as origens geográficas do povo cita sejam fortemente debatidas, os citas apareceram repentinamente na mesma época e próximo da mesma área do desaparecimento dos israelitas.

Indícios históricos fundamentais

Os historiadores aceitam que a maioria dos ancestrais das democracias ocidentais atuais já viveu como tribos nômades, perambulando pelas vastas planícies verdejantes da antiguidade conhecidas como estepes eurásianas. Um determinado grupo desses povos migratórios, identificado pelos gregos como *Citas*, *apareceu de repente nas estepes eurásianas aproximadamente na mesma época em que as dez tribos de Israel desapareceram da história*. Será que há uma conexão? Eis alguns fatos e descobertas mais pertinentes relativos a esses dois povos.

As vastas estepes eurásianas estendem-se por *sete mil quilômetros da base das Montanhas Carpatas na Europa até a Mongólia ao leste da Ásia*. Elas formavam uma só unidade geográfica de vegetação natural que a cada primavera se transformava em mares de flores selvagens espetaculares, se estendendo além do alcance dos olhos.

Esta vasta planície servia perfeitamente para lavoura e ao cultivo de grãos. Os arqueólogos descobriram muitas evidências para provar que, na antiguidade, tribos nômades a atravessavam com regularidade, pastoreando rebanhos de gado e ovelhas em enormes jornadas cíclicas durante a primavera, verão e outono.

Entretanto, *mudanças climáticas há quase dois mil anos tornaram a extensa região das estepes da Ásia central em um deserto*. Ela ficou tão seca que não podia mais suportar o modo de vida pastoral praticado entre 2.700 e 2.100 anos atrás (Tamara Talbot Rice, *Os Citas [The Scythians]*, 1961, p. 33).

O repentino aparecimento dos Citas

Alguns estudiosos modernos sugerem três teorias para explicar o aparecimento repentino e misterioso dos citas na região de estepe adjacente ao Mar Negro. Alguns creem que eles migraram para lá do norte, outros do leste. Uma terceira opinião sugere que as migrações vieram do sul.

Embora as origens geográficas do povo cita sejam fortemente debatidas, o mesmo não ocorre com a evidência *de quando é que foi* a sua primeira aparição na história. Eles apareceram *repentinamente na mesma época e próximo da mesma área do desaparecimento dos israelitas*.

A *Enciclopédia Britânica* diz: “Os citas foram um povo que durante os séculos oito e sete a.C. se mudou da Ásia Central para o sul da Rússia” (15ª edição, Vol. 16, macropaedia, “Citas” [“Scythians”] p. 438). A *Enciclopédia Americana* explica que os citas ocuparam primeiro o território ao redor do Mar Negro por volta de 700 a.C. e que, nos seus primórdios, eles apresentaram uma “entidade política coesa” (Vol.24, edição 2000, “Citas” [“Scythians”], p. 471).

A historiadora Tamara Talbot Rice confirma que “os citas não se tornaram uma entidade nacional reconhecível antes do oitavo século a.C. . . . Por volta do sétimo século a.C. eles haviam se estabelecido firmemente no sul da Rússia . . . E tribos idênticas, *possivelmente até clãs relacionados*, embora politicamente distintas e independentes, também foram centralizadas no Altai [onde a fronteira oriental da Rússia se encontra com a fronteira ocidental da Mongólia e da China]”.

“Documentos assírios colocam sua aparição lá [entre o Mar Negro e o Mar Cáspio] no tempo do Rei Sargão (722-705 a.C.), uma data que corresponde exatamente com a do estabelecimento do primeiro grupo de citas no sul da Rússia” (Rice, pp. 19-20, 44). Essa data também corresponde com o desaparecimento dos cativos do reino do norte de Israel.

Durante o fim do século VIII a.C., registros do reino caucasiano de

Urtu, que controlava os limites do norte do Rio Eufrates, também notaram a aparição de um grupo chamado de *cimérios*.

O livro *Desde as Terras dos Citas [From the Lands of the Scythians]* explica: “Dois grupos, cimérios e citas, parecem ser mencionados nos textos urartianos e assírios, mas nem sempre fica claro se os termos indicam dois povos distintos ou simplesmente nômades . . . A partir da segunda metade do século oitavo a.C., fontes assírias referem-se aos nômades identificados como cimérios; outras fontes assírias dizem que esse povo esteve presente na terra de Mannai [ou Mannea, sul do Lago Urmia] e na Capadócia por uns cem anos [isto é, por volta de 750 a 650 a.C.], e registra seus avanços na Ásia Menor e no Egito.

“Os assírios tinham cimérios em seu exército como mercenários; um documento legal de 679 a.C. menciona um ‘comandante do regimento cimério’ assírio; mas em outros documentos assírios eles são chamados *«a semente dos desertos que não conhecem votos aos deuses nem juramentos»*” (Boris Piotrovsky, 1975, pp. 15, 18).

O historiador Samuel Lysons falou dos “cimérios parecendo ser o mesmo povo que os gauleses ou celtas sob um nome diferente” (John Henry e James Parker, *Nossos Ancestrais Britânicos: Quem e o Que Eles Eram? [Our British Ancestors: Who and What Were They?]* 1865, pp. 23, 27).

Anne Kristensen, uma respeitada e estudiosa linguista dinamarquesa, recentemente chegou à conclusão de que os *cimérios (que mais tarde ficaram conhecidos como celtas)* podem ser corretamente identificados como os israelitas deportados. No início de sua pesquisa a Dra. Kristensen não acreditava e concordava com a teoria tradicional de que os cimérios eram tribos “arianas” que os citas haviam afugentado do norte, segundo a teoria de Heródoto.

Mas, conforme estudava mais e mais as origens assírias, ela descobriu que os cimérios apareceram pela primeira vez na história em 714 a.C. na região do Irã, sul da Armênia, onde os reis da Assíria haviam estabelecido muitos israelitas deportados. Ela chegou à conclusão de que *Gimira, ou cimérios, representava pelo menos uma parte das dez tribos perdidas de Israel*.



Hermitage Museum

Longe de serem bárbaros, os citas e celtas eram artesãos talentosos, como demonstrado por este belo pente cita com detalhes em ouro maciço.

A Dra. Kristensen escreve: “Não há mais razão para duvidar da emocionante e verdadeiramente extraordinária declaração apresentada pelos estudiosos das Dez Tribos, que dizem que os israelitas deportados da Bit-Humria, da *Casa de Onri*, são idênticos aos Gimirraja das fontes assírias. Tudo indica que os israelitas deportados não sumiram do mapa, mas que, em um país estrangeiro, sob novas condições, eles continuaram a deixar sua marca na história” (*Quem eram os cimérios e de onde vieram? Sargão II, os Cimérios, e Rusa I* [Who Were the Cimmerians, and Where Did They Come From? Sargon II, the Cimmerians, and Rusa I], traduzido do dinamarquês por Jørgen Læssøe, Academia Real Dinamarquesa de Ciências e Letras, No. 57, 1988, pp. 126-127).

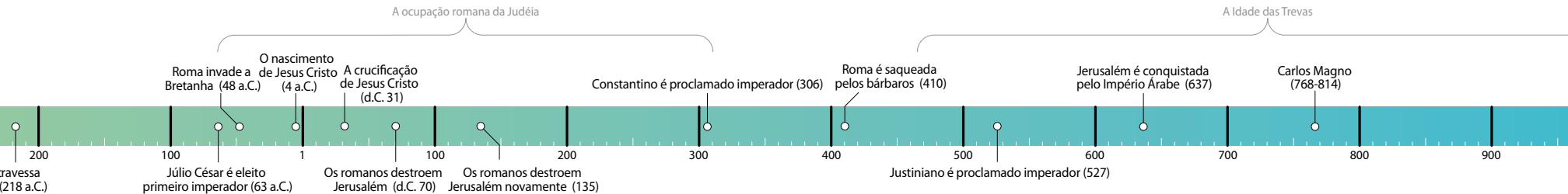
Também é essencial observar que o príncipe monarca assírio, Senaqueribe, escreveu um relatório com informações secretas, que os arqueólogos encontraram durante a escavação dos arquivos reais em Nínive. O relatório de Senaqueribe trazia notícias, através de seus espiões, de que nômades cimérios haviam invadido Urartu e destruído suas tropas. Baseado naquele relatório os assírios fizeram preparativos para invadir seu rival do norte, Urartu, plano executado com sucesso em 714 a.C.

O surgimento de uma aliança tribal cita

Afinal de contas, foram os citas que lucraram mais com os conflitos que enfraqueceram Urartu. Por volta de 700 a.C. os citas haviam tomado o controle do território do antigo reino urartiano. E lá formaram uma aliança tribal que os gregos chamaram de *Reino Cita*.

Usando a Passagem Kreuzberg (também conhecida como Portão Cáucaso), os citas superaram a travessia das íngremes montanhas caucasianas. A passagem era transitável quase o ano todo e relativamente livre de gelo, embora sua elevação fosse a mais alta que muitas passagens nos Alpes. Os citas tinham uma habilidade notável para deslocar grandes exércitos em ambas direções através dessa passagem. Na antiguidade, ela até chegou a ser conhecida como a “rota cita”.

Antes de seu exílio as dez tribos israelitas do norte estavam cientes da existência do reino de Urartu e sua localização estratégica. Por quê? Por que na primeira metade do século oitavo a.C. o reino do norte de Israel, antes de seu cativeiro, estava investindo pesadamente no comércio de



exportação-importação, e Urartu era essencial para esse comércio. Urartu havia feito uma aliança com os pequenos Estados do norte da Síria que faziam fronteira com o território de Israel durante o reino de Jeroboão II.

Muitos desses arameus aliaram-se ao rei Peca durante sua invasão à Judá por volta de 735 a.C. Durante esta época os urartianos haviam conquistado o estratégico domínio do Eufrates até sua curva ocidental, o que permitia que controlassem a rota principal comercial para o Mediterrâneo do Cáucaso Sul. Escavações arqueológicas em Urartu têm revelado artefatos do Egito, Assíria e Pérsia bem como da região mediterrânea.

As origens citas

O termo *cita*, escreveu o historiador George Rawlinson, originalmente era mais a designação de um *modo de vida* do que uma referência a relacionamentos sanguíneos. Ele explicou que o termo era “aplicado pelos gregos e romanos às raças indo-europeias e turanianas indiferentemente”, por causa de seus hábitos e costumes que correspondiam ao estilo de vida nômade” (George Rawlinson, *Sete Grandes Monarquias* [Seven Great Monarchies], Vol. 3, 1884, p. 11).

Hoje, entretanto, os historiadores usam o termo *cita* principalmente em referência aos *Citas Saka*, ou *Sacae*. Esses povos se tornaram as tribos dominantes da cultura cita. Eles inspiraram seu modo dinâmico de vida e sua liderança política, artística, econômica e social. Do século sete a.C. em diante, eram as tribos Saka ou Sacae que definiram o que significava ser cita do Mar Negro por todo o caminho das montanhas da Mongólia.

Antes do início do século vinte, historiadores europeus e norte-americanos assumiram que os citas eram o povo mongol da Ásia. E pesquisas antropológicas recentes, entretanto, têm mostrado ser falsa esta ideia. A maioria dos estudiosos está convencida de que nenhuma ligação étnica existe entre os citas Saka e os povos mongóis ou eslavos.

Contudo, isto não significa que todas as antigas tribos espalhadas nas estepes eurásianas—os povos que os gregos rotularam como citas antes do século oitavo a.C.—desapareceram repentinamente. Certamente, os citas Saka simplesmente começaram a dominar a região estepe de 700 a 500 a.C. Durante esse tempo os citas Saka—acompanhados por uma pequena mistura de outras tribos procedentes do Oriente Médio tais como os medos,

os elamitas e os assírios—passaram a ser os povos predominantes das planícies eurásianas.

Na verdade, entre o quinto ou quarto século a.C. os habitantes predominantes da Sibéria ocidental eram “um povo louro de origem europeia e . . . após aquela data foi quando um afluxo de mongólicos resultou em um tipo misturado de população” (Rice, p. 77). Uma rigorosa investigação de descobertas arqueológicas do século vinte retrata clara e consistentemente os citas Saka fisicamente semelhantes ao povo atual da Europa.

Os elos com a profecia bíblica

Vamos comparar o que temos aprendido sobre os citas com as promessas que Deus fez aos israelitas exilados. Dirigindo a eles como “casa de Isaque” (Amós 7:16), Ele prometeu que durante seu cativeiro eles não desapareceriam como povo (Amós 9:8, 14; comparar Oséias 11:9; 14:4-7). Ao contrário, Ele prometeu *multiplicá-los grandemente* após seu exílio (Oséias 1:10) e mostrar-lhes amor, bondade e misericórdia por causa de Sua aliança.

As Escrituras relatam claramente que os Israelitas, após os assírios tê-los deportado violentamente de sua pátria, mudaram-se “para Hala, e para Habor, junto ao rio Gozã [norte da Assíria], e às cidades dos medos” (2 Reis 18:11). O lugar não é distante da região de Urartu, entre os mares Negro e Cáspio, onde os citas haviam estabelecido um reino temporário.

Através de Oséias Deus tinha previsto que os israelitas se tornariam “errantes entre as nações” (Oséias 9:17). Isso explica por que os israelitas exilados parecem ter desaparecido como um povo. Eles realmente não sumiram; simplesmente reapareceram na história com novos nomes—como um povo errante, separado em clãs independentes, peregrinando pelas planícies eurásianas.

Obviamente, ninguém mais poderia identificá-los como cidadãos de seu antigo reino do Oriente Médio. Assim, eles adquiriram uma nova identidade. Apenas seus antigos nomes tribais, ou clãs, permaneceram quase os mesmos. Esses nomes têm provado serem importantes na preservação de sua identidade como as dez tribos de Israel. (Leia “As Conexões Linguísticas do Nome” p. 76).

A conexão cita-céltica

Ao mesmo tempo em que os citas irromperam no cenário em volta do Mar Negro, outra civilização estava emergindo no ocidente da Europa. Em seu livro *O Mundo Antigo dos Celtas* [*The Ancient World of the Celts*] o historiador Peter Ellis observa: “No início do primeiro milênio a.C., uma civilização que se desenvolveu de suas raízes indo-europeias às margens dos rios Rhine, Rhone e Danúbio, repentinamente surgiu em todas as direções rumo a Europa. Sua avançada arte em metais, particularmente armas de ferro, fez deles uma força poderosa e invencível. Os mercadores gregos, os primeiros a encontrá-los no século sexto a.C., os chamaram de Keltoi e Galatai . . . Hoje, geralmente são identificados como celtas” (1999, p. 9).

Evidências consistentes vincula [associa] os *celtas* da Europa aos *cimérios*, que fugiram do Oriente Médio para a Ásia Menor no tempo em que os exércitos da Babilônia estavam conquistando o Império Assírio. Da Ásia Menor os cimérios migraram através do Rio Danúbio para a Europa, onde ficaram conhecidos como celtas. Muitos historiadores concluíram que os celtas e os citas têm uma origem comum.

Os gregos e romanos chamavam de *bárbaros* todos os povos além das fronteiras norte da velha república romana e das cidades-estados gregas. Eles usavam esse termo para descrever os estrangeiros que ousavam desafiar sua liderança política e cultural, independentemente do quão instruídos ou tecnologicamente avançados pudessem ser. Essas pessoas representavam muitos clãs de famílias conhecidos por uma variedade de nomes. Entre eles, sem dúvida, estavam os clãs de origem étnica não relacionada que fugiram dos territórios orientais do antigo Império Assírio, mais ou menos na mesma época.

Porém, o fato mais significativo é que muitas, se não a maioria, dessas tribos apregoadas como bárbaras *eram racial e culturalmente aparentadas*. Por esta razão, devemos esperar que a língua dessas tribos aparentadas pudesse ser traçada a um idioma materno comum—é isso exatamente o que encontramos.

A conexão da língua

As línguas são identificadas por famílias. A linguagem familiar comum dos povos do noroeste europeu diz respeito ao que é classificado como descendência *germânica* das línguas *indo europeias*. A história da língua materna indo-europeia nos dá excelentes indícios das relações entre as tribos bárbaras que geraram as democracias do noroeste europeu.

Quando olhamos para as nações da Europa, vemos as fronteiras das nações-estados traçadas por línguas distintamente diferentes como inglês, francês, dinamarquês e sueco bem como dialetos locais (tais como o alto-alemão e o baixo-alemão). Entretanto, nos dias desses tão famosos bárbaros tais distinções óbvias não existiam. Naquela época, os povos estabelecidos no noroeste europeu falavam principalmente dialetos diferentes dessa mesma língua materna.

O inglês é parte da família de línguas indo-europeias que em geral é amplamente rotulado como *teutônico* ou *germânico*. Mas tal rótulo não pressupõe que a língua germânica moderna (*alemão*) seja a língua materna ou que o povo alemão veio das mesmas origens étnicas dos citas. Ao contrário, o alemão moderno é apenas um ramo da língua materna original. O mesmo é verdade para as línguas inglesa, dinamarquesa, holandesa e escandinava. Todas são ramos de uma única língua original.

Como explica o professor H. Munro Chadwick da Universidade de Cambridge: “No decorrer do século V as línguas alemã, inglesa e escandinava diferiam levemente uma da outra . . . No século V e nos seguintes uma diferenciação ocorreu rapidamente no grupo do noroeste. O inglês se

desenvolveu, em termos gerais, alinhado a meio caminho entre o alemão e o escandinavo, mas com muitos recursos especiais próprios. O frísio [holandês] parece ter diferido pouco do inglês por um longo período . . . A diferença das línguas era obviamente guiada por sua posição geográfica estratégica” (*As Nacionalidades Europeias e o Crescimento das Ideologias Nacionais* [*The Nationalities of Europe and the Growth of National Ideologies*], 1966, p. 145).

Se retrocedermos quinhentos anos, a partir do ponto em que as línguas teutônicas começaram a se diferenciar, descobrimos que parte do norte, do ocidente e do oriente europeu falava dialetos similares de uma língua indo-europeia comum. Quando estudiosos tentam especificar uma determinada tribo bárbara europeia como sendo germânica, celta ou cita, eles sempre se deparam com um dilema: as distinções são quase sempre obscuras e podem facilmente se tornarem arbitrárias.

Os romanos da antiguidade raramente se preocupavam em aprender línguas bárbaras, preferindo usar intérpretes. Eles não podiam perceber a diferença entre a língua falada na Gália da falada no outro lado do Reno. Por esta razão, os escritores de latim habitualmente começaram a rotular de “germanias” as tribos bárbaras a leste do Reno, agregando-as ao grupo.

Alguns arqueólogos modernos, entretanto, descrevem o povo dominante do norte da Europa durante o período de aproximadamente 500 a.C. como dividido entre celtas e cita-teutônicos. Até mesmo esta distinção era mais geográfica e cultural do que étnica.

Quanto mais distante retrocedemos na história, menos distinção encontramos entre os povos celtas e teutônicos que se estabeleceram no norte e noroeste da Europa. O Professor Chadwick escreve: “Em qualquer debate quanto à origem das línguas teutônicas (ou germânicas) é preciso deixar claro que essas línguas são meramente um ramo das línguas indo-europeias . . . e consequentemente sua família original—tão distinta da área na qual adquiriram características especiais—era aquela da família indo-europeia. A mesma observação se aplica às línguas celtas . . . Ninguém duvida que essas línguas, ou melhor a língua materna da qual são derivadas, foram uma vez limitadas a uma área muito menor que aquela da atual distribuição” (Chadwick, p. 157).

Esses povos romperam no cenário ao longo da margem do antigo Império Assírio na última metade do século oitavo a.C.—ao mesmo tempo e na mesma área onde as dez tribos perdidas de Israel desapareceram. Até aproximadamente o século quarto d.C. esses dialetos de língua comum permaneceram similares o suficiente para eles se comunicarem facilmente.

Os citas e celtas estão intimamente ligados pela língua. Mas os celtas foram um povo distinto dos citas? Ou existe indicações de uma forte ligação entre eles?

A interação cita-céltica

Os historiadores e os arqueólogos relatam que durante a segunda metade

do primeiro milênio a.C. a área ao norte da Europa do mediterrâneo compartilhava duas culturas relacionadas. Das Ilhas Britânicas às origens do Danúbio, às margens orientais dos Alpes existiu o que os historiadores rotulam a cultura *celta de Hallstatt* e, mais tarde, a cultura *celta de La Tène*.

Porém, mais além do oriente, ocupando uma vasta área da Europa Oriental, estava a forte e tradicional cultura *cita* baseada na criação de cavalos e em um estilo de vida apropriado ao pasto, ao contrário das áreas montanhosas e de florestas. Cada uma dessas proporcionou ideias e inspiração à outra. De acordo com a evidência arqueológica, os dois grupos se uniram voluntariamente através do casamento.

As culturas distintas *celta* e *cita* interagiram entre si quase como a moderna Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Cada uma foi adaptada à geografia de sua própria região. Mas os próprios povos interagiram como se compartilhassem uma descendência. Os arqueólogos revelaram alguns lugares extraordinários das culturas celta e cita que demonstraram quão intimamente os dois povos estavam ligados (veja “A Geografia do Comércio Céltico-Cita,” página 72).

A distinção entre as culturas cita e celta provavelmente é mais bem explicada por dois fatores. Primeiro, a geografia que apoiava cada cultura era geralmente diferente. Mas, igualmente importante, as dez tribos israelitas foram exiladas do Oriente Médio. Cada uma destas tinha sua própria cultura dentro da multicultura do reino do norte de Israel. Além disso, cada tribo foi subdividida em clãs (1 Samuel 10:19; comparar Êxodo 6:14-25, NVI).

Portanto, era de se esperar que essas tribos israelitas exiladas continuassem apresentando algumas diferenças culturais nas terras de seu exílio. Tais distinções também explicariam os clãs e subclãs existentes entre os citas e celtas.

O estudioso talmúdico israelense Yair Davidy, em seu livro *As Tribos: As Origens Israelitas dos Povos Ocidentais* [*The Tribes: The Israeli Origins of Western Peoples*], apresenta evidências convincentes de que os israelitas desalojados conservaram seus nomes das clãs subtribais durante e após seu cativeiro. As “provas aduzidas,” escreve ele, “são derivadas de fontes bíblicas, talmúdicas, históricas, arqueológicas e linguísticas bem como folclore, mitologia, símbolos nacionais e características nacionais” (1993, p. xiv). Como residente de Jerusalém, o senhor Davidy teve acesso às fontes históricas e bíblicas das prateleiras da Biblioteca Nacional de Jerusalém.

Os nomes tribais e subtribais, observa ele, são a chave para rastrear a peregrinação dos israelitas. Nesta introdução ele resume sua conclusão: “‘As Tribos’ produzem evidência de que a maioria dos israelitas antigos assimilou as culturas estrangeiras e esqueceu sua origem. No decorrer do tempo eles alcançaram as Ilhas Britânicas e o noroeste da Europa de onde as nações aparentadas (tal como os Estados Unidos) foram estabelecidas” (ibidem).

Para uma cobertura completa desse aspecto da história migratória de Israel, indicamos seus livros ‘*The Tribes: The Israeli Origins of Wes-*

tern Peoples' (1993), 'Joseph: The Israelite Destiny of America' (2001) e 'Ephraim: The Gentile Children of Israel' (2001).

Entre 200 a.C. e 500 d.C., tribos inimigas e as drásticas mudanças climáticas direcionaram os clãs citas das estepes eurásianas para as regiões setentrionais e ocidentais da Europa. E por outros mil anos, os primeiros citas foram alternadamente aliados e inimigos na Europa feudal sob uma variedade de nomes de clã. Isso durou até as nações modernas, conforme as conhecemos, começarem a tomar forma na Europa.

No próximo capítulo, encontramos a maravilhosa história dos descendentes dispersos da antiga Israel, surgindo na proeminência internacional que Deus prometeu tempos atrás à descendência de José.

Celtas e Citas Ligados Por Descobertas Arqueológicas

A cultura *celta de Hallstatt* e a *cita* de Vekerzug ou Trácia são excelentes exemplos que mostram o quão próximo os dois povos interagiam uns com os outros. Os historiadores e arqueólogos classificam as pessoas que estabeleceram a Cultura Hallstatt (700-450 a.C.) como o proto-celtas ou apenas celtas simples. A cultura, como representado pelos espólios funerários da aristocracia Hallstatt, é notavelmente universal e distinta.

Os *celtas de Hallstatt* eram trabalhadores metalúrgicos inovadores. Suas armas de ferro proporcionavam-lhes uma vantagem militar. Como os citas, eles também trouxeram consigo uma raça melhorada de cavalos que poderia correr mais rápido e tendo uma grande resistência em comparação aos cavalos do norte da Europa Central, dando-lhes mais mobilidade.

Muitos dos cemitérios mais ricos de Hallstatt continham carroças de quatro rodas reforçadas que demonstravam uma significativa competência técnica. Suas rodas eram equipadas com pneus de ferro envolto e pregado ao redor do aro de madeira. Seus jugos de madeira eram decorados por padrões de cabeças de prego de bronze.

Estes sítios ricos de artefatos parecem ter sido inicialmente concentrados na área do Alto Danúbio à Boêmia. Porém, mais tarde nos anos 500 a.C., os celtas da zona cultural de Hallstatt expandiram seu controle ao oeste.

Significativamente, os veículos fúnebres também foram uma marca distintiva da cultura *cita*. O final dos séculos oitavo e sétimo a.C. foi uma época de perturbações e de mudanças não só nas cabeceiras do rio Danúbio, mas também no Mar Negro e no Cáucaso, para onde estavam migrando as tribos citas.

O estilo de vida dos *celtas* de Hallstatt tinha muitas semelhanças com o dos *citas*. Uma espada Hallstatt no Museu de História Natural

de Viena tem uma ornamentação que mostra um celta usando calças profusamente decoradas. Isso é comparável à vestimenta cita como retratado no vaso Chertomlyk (da área do Mar Negro). Esta espada de Viena também retrata um fraque muito semelhante ao vestuário do cita oriental encontrado por arqueólogos russos em Katanda no sul do Altai (Sibéria). Outra espada celta encontrada em Porto Berna, na Suíça, foi marcada durante sua fabricação com uma decoração de dois chifres de animais acompanhados de uma árvore da vida—um clássico tema cita do Oriente Médio.

A evidência arqueológica mostra que os *celtas* e os *citas* livremente compartilhavam e se misturavam. As escavações na Rússia e no Leste Europeu revelam claramente a mistura desses dois grupos.

A maioria dos estudiosos concorda também que é evidente que os *citas* da Europa Oriental mantiveram relações íntimas com os *citas* ainda nas estepes do leste e com os *celtas* Hallstatt-La Tène no oeste.

O Nome e a Sociedade Celta

Estudiosos encontraram uma explicação lógica para a forma como a palavra *Celta*, em referência ao ramo ocidental dos povos das estepes, se originou. Alguns concluem que o rótulo étnico *celta* é outra forma da palavra goidélica irlandesa *ceilt*, que significa "ocultação" ou "oculto". O *kilt* escocês é uma palavra de derivação similar.

Isso se encaixa com a proibição religiosa defendida pelos celtas contra o registro por escrito de suas tradições folclóricas, o conhecimento e a sabedoria. As tradições deviam ser transmitidas apenas por via oral, e pode ter certeza que o objetivo da proibição não era encobrir o analfabetismo. Muitos celtas falavam e escreviam em grego e usavam isso em negócios privados e públicos. Mas se recusavam firmemente a divulgar a terceiros quaisquer informações sobre suas mais reverenciadas crenças e tradições.

Até mesmo Júlio César, durante a invasão da Gália, ficou impressionado com essa rígida proibição religiosa celta. Alguns estudiosos concluem que a palavra *keltoi*, ou celta, é um rótulo adequado para pessoas que guardam muito coisa sobre o seu passado e suas tradições ocultas.

Apesar das características sigilosas dos celtas, bastante de sua história foi registrada para nós, a ponto de chegarmos à conclusão de que os celtas e os citas vieram de uma herança israelita comum. Suas migrações tinham levado ambos a diferentes direções.

No final, no entanto, esses descendentes iriam encontrar-se novamente na Europa.

A Geografia do Comércio Céltico-Cita

Os padrões comerciais dos celtas das florestas do noroeste da Europa e dos citas da planície oriental são reveladores. As estradas do comércio e das viagens na antiguidade eram os rios e os mares. Os celtas e os citas eram peritos em viajar pelas vias navegáveis.

Os povos vizinhos consideravam os *citas* *saca* que viviam no mar Cáspio como grandes pescadores. Eles eram prodigiosos consumidores de peixe. Como resultado, alguns deles foram chamados de ‘apa-saca’, ou seja, os ‘saca que habitam pelas águas’.

No oeste a tribo dos *celtas venéticos* tornou-se uma potência marítima com mais de 220 grandes navios de carvalho—cujo corte da madeira era 30cm de largura e segurado por pregos de ferro tão grossos como o polegar de um homem. A sua fortaleza estava na península ocidental francesa da Bretanha na baía de Quiberon. De acordo com fontes romanas, os venéticos negociavam não apenas ao longo da costa da Gália, mas também negociavam com a Grã-Bretanha e Irlanda para obterem estanho.

Ambos celtas e citas exibiam habilidades excepcionais nos rios e na navegação naval, já tão cedo como na última metade do primeiro milênio a.C. Ambos os grupos eram intensamente envolvidos com o comércio nos rios e no mar desde o início de seu surgimento nas estepes da Eurásia.

A arqueologia e a história revelam muito sobre a identidade étnica dos celtas e dos citas como exposta em suas atividades e relações comerciais. Para compreender a natureza de suas relações, devemos entender certas características geográficas da região de estepe.

A Europa tem o formato de uma enorme península. Na Europa peninsular, acima do mundo Mediterrâneo, é o que se poderia chamar de conector, ou nexos, onde as cabeceiras de seus principais rios—Sena, Reno, Danúbio e Ródano—todos estão muito próximos.

Esse conector outrora era um elo fundamental para a comunicação e comércio fluírem entre as zonas comerciais do Atlântico, dos países nórdicos e bálticos, do Mar Negro oriental, e do Mar Mediterrâneo. Era a passagem principal para toda a Europa.

Do rio Reno ramificavam-se artérias adicionais para o leste na Europa Central para desembocar nos vales dos rios Lippe, Ruhr e Main ou para o norte ao longo do Weser e Elba. Outra importante e fundamental via para o comércio do precioso âmbar, cujas fontes começaram na costa do Mar Báltico—na Península da Jutlândia e áreas adjacentes.

Esta rota comercial estendida para o sul que cruza a planície central alemã através da Boêmia de onde se cruzava com o Danúbio, perto da moderna Viena. De lá, esta rota comercial continuava a descer o Danúbio para os postos de comércio gregos nas margens do Mar Negro. O Mar Negro era o importante centro comercial do extremo leste desta rota.

Os rios profundos e densos, como o Dniester e do Dnieper chegavam ao interior da Europa Oriental, onde um pequeno transporte terrestre poderia conectar um viajante ou imigrante aos rios Divina ou Vístula.

Estas vias davam acesso direto a maior parte da Europa Oriental e da região Báltica. O ramo oriental dos citas, residente em torno do Mar Cáspio, também tinha acesso direto ao mar Báltico através do rio Volga. O Volga era navegável e passava pela atual Moscou. Como Thor Heyerdahl, um etnógrafo famoso por seu trabalho sobre outras antigas rotas migratórias, assinalou, as cabeceiras do Volga são muitíssimo perto das cabeceiras do Divina, que deságua no Mar Báltico em Riga.

Em outras palavras, tanto os citas orientais como os celtas ocidentais tinham os cursos de água para o continente—as “rodovias” da época—à sua disposição para o comércio. E eles usaram-nos efetivamente. Eles estavam longe de ser um povo atrasado e limitado a uma vida simples e nômade. (Para mais informações, não deixe de ler “Celtas e Citas Ligados Por Descobertas Arqueológicas”, página 70.)



Celtas e citas interagiram livremente através de negociações e redes de viagens que vão desde o Mar Cáspio até ao Oceano Atlântico.

As Profecias do Reassentamento de Israel no Noroeste da Europa

Muitos estudiosos da Bíblia consideram Amós, um profeta de Tecoa do norte de Judá, como sendo o primeiro a alertar sobre o iminente exílio do “remanescente de José” (Amós 5:15). Mas Amós também disse que Israel não seria inteiramente perdida de vista por Deus. “Eis que os olhos do SENHOR Deus estão contra este reino pecador, e eu o destruirei [o reino de Israel] de sobre a face da terra; *mas não destruirei de todo a casa de Jacó*, diz o SENHOR. Porque eis que darei ordens e *sacudirei a casa de Israel entre todas as nações*, assim como se sacode trigo no crivo, sem que caia na terra um só grão” (Amós 9:8-9, ARA).

As profecias bíblicas indicam que os descendentes das tribos perdidas de Israel acabariam se estabelecendo numa área a noroeste de sua pátria no Oriente Médio.

Os israelitas de fato foram peneirados entre outras nações. Primeiro, eles seriam obrigados a se juntar a dezenas de outros grupos étnicos em um êxodo cruel de sua terra natal. Onde eles seriam forçados a ir? “E o Senhor ferirá Israel, de maneira que ficará como junco balançando na água. Ele *desarraigará* Israel desta boa terra que deu aos seus antepassados e os *espalhará*

para além do Eufrates . . .” (1 Reis 14:15, NVI)—um rio ao norte.

Essas profecias mostram que os israelitas exilados seriam incapazes de permanecer um grupo coeso. Eles seriam dispersos—sendo divididos em pequenas unidades—e teriam que compartilhar a sua terra de exílio com outros povos.

Em outras passagens, os profetas revelam que estes israelitas acabariam por encontrar-se em uma nova localização ao norte e oeste da Terra Prometida, de onde enfrentariam o despejo iminente. É a partir desta direção que voltarão à sua terra natal no Oriente Médio após o retorno de Cristo.

O versículo mais óbvio que mostra isso está no livro de Isaías: “Eis que estes virão de longe, e eis que aqueles, *do Norte e do Ocidente*, e aqueles outros, da terra de Sinim” (Isaías 49:12, ARA; ver também versículos 13-23).

Já que no hebraico não tem uma expressão correspondente à palavra portuguesa “noroeste”, este versículo pode também ser

entendido que Israel iria migrar de uma região a noroeste da Terra Prometida.

Mas há outras pistas bíblicas. Uma está em Oséias 12:1: “Efraim se apascenta de vento e segue o vento leste”. Esta expressão implica que Efraim iria migrar para o oeste (comparar Oséias 11:9-10).

Outras passagens sugerem que Israel acabaria sendo dispersa e encontrada em alguma ilha. Após o retorno de Jesus “virão com choro, e com súplicas [Eu (Deus)] os levarei; guiá-los-ei aos ribeiros de águas, por caminho direito, em que não tropeçarão; porque sou um pai para Israel, e Efraim é o meu primogênito. Ouvi a palavra do

“Eis que estes virão de longe, e eis que aqueles, do Norte e do Ocidente, e aqueles outros, da terra de Sinim” (Isaías 49:12, ARA; ver também versículos 13-23).

SENHOR, ó nações, e anunciai-a nas *ilhas de longe*, e dizei: Aquele que espalhou a Israel o congregará e o guardará, como o pastor, ao seu rebanho” (Jeremias 31:9-10).

Outras referências a uma ilha ou localização marítima estão em Isaías 24:15; 41:1, 5; 51:5; 66:19 e Salmo 89:25. Juntas, estas passagens indicam que os israelitas cativos acabariam mudando de sua terra de exílio ao norte da Mesopotâmia para *finalmente se estabelecerem no noroeste da Europa*—a grande região marítima e costeira no norte e oeste da sua pátria no Oriente Médio.



As Conexões Linguísticas do Nome

O que podemos aprender com os nomes? O nome que damos a nós mesmos ou a outros define o que somos. Também somos definidos pelos rótulos que outros aplicam a nós (sejam factuais ou inventados), o nome da terra em que vivemos ou nascemos e o nome da terra de nossos ancestrais. Devemos analisar nomes e rótulos à medida que tentamos localizar o povo de Israel ao longo da história.

Na Bíblia, às vezes, o povo de Israel é chamado de *filhos de Isaque*. Deus prometeu que o nome de Isaque continuaria identificando Israel como um povo (Gênesis 21:12).

Nos tempos bíblicos, a língua hebraica era escrita sem vogais. Assim Isaque teria sido escrito simplesmente como *Sk* ou *Sc* no equivalente em português dos caracteres hebraicos. Não devemos considerar isso surpreendente porque logo após o exílio das

Na Bíblia, às vezes, o povo de Israel é chamado de filhos de Isaque. Deus prometeu que o nome de Isaque continuaria identificando Israel como um povo.

dez tribos o termo *SaCae* (as letras para o nome de Isaque com o plural latino terminando em “ae”) identificou os novos colonizadores da região do Mar Negro

Do mesmo modo, os assírios falaram do surgimento dos *iShKuza* e os Medos-persas dos *SaKa*, ambas derivações

do nome Isaque. (Nós capitalizámos o S, C e K nestes exemplos para ajudar você a ver estas derivações.)

A Rocha de Behistun, um mural esculpido em pedra perto da atual Bisitun, Irã, fornece pistas linguísticas para a compreensão de várias línguas antigas. A inscrição na rocha data do reinado de Dario I da Pérsia (cerca de 522-486 a.C.). Sua descrição diz respeito à prestação de honrarias de reis estrangeiros conquistados foi inscrita nas linguagens persa antiga, elamita (Susã) e babilônica. Alguns entendem que Skuka, o rei da rama asiática que foi temporariamente subjugado pelos citas, está retratado na última linha. A Rocha de Behistun o descreve como o rei dos citas, Saka ou cimérios (pronuncia-se “Gimiri” em babilônico).

O historiador grego Heródoto (484-420 a.C.) escreveu que os persas chamavam os citas “*Sacae*.” Mais tarde, o escritor grego Ptolomeu (século II d.C.) referiu-se aos *Sacae* como “*Saxões*”. Estes termos eram muitas vezes utilizados como sinônimos.

O historiador britânico Sharon Turner nos diz: “Os saxões [que migraram para as ilhas britânicas] foram . . . uma tribo cita; e das

diversas nações citas . . . os Sakai, ou Sacae, é o povo de quem pode ser inferido que os saxões descenderam, com o mínimo de erro de probabilidade. Sakai-Suna ou os filhos de Sakai, abreviado em Saksun, que tem o mesmo som de Saxão, parece uma etimologia razoável da palavra saxão” (*A História dos Anglo-Saxões*, vol. 1, 1840, pág. 59).

Qual é a origem do nome *cimério*? Os conquistadores assírios das dez tribos do norte chamava-os de *Bit Khumri* (ou *Ghomri*), ou seja, a *Casa de Onri*. Onri foi um dos reis mais bem sucedidos militarmente no reino de Israel, ele fundou sua própria dinastia de reis. As inscrições da época referem-se ao reino israelita como a terra ou casa de Onri. Em grego, encontramos as formas *Kimmerii*, *Kimmeroi* e *Cymry* e, em latim, *Kimbri*, *Kymbrians* e *Cimbres* como equivalentes ao assírio *Khumri*.

Mais tarde, a história registra a migração para a Europa de tribos *celtas* que carregam esses nomes, alguns em Jutlândia e outros na Gália. Os *galeses* se chamavam *Kymris*, mas os romanos os rotularam como *celtas*, *Galli*, *Gallus* e *Galates* (Gálatas). Os conquistadores helenistas e romanos (300 a.C. a 200 d.C.) renomearam a região de *Gileade*, previamente moradia dos exilados das tribos israelitas de Gade, Rubén e a metade da de Manassés, *Gaulanitis*.

Curiosamente, o termo *Gália*, seja *gallo* ou *gallus* em latim, *galler* ou *waller* em celta, *waller* ou *walah* em alemão ou *gaullois* em francês, parece ter o mesmo significado: “Viajante, estrangeiro ou exilado”. Para os celtas as palavras *Gael* e *Cita* tanto significava “estranho” como “viajante”. Deus havia dito às dez tribos de Israel que se tornariam *errantes* (Oséias 9:17, ARA e ACF).

Quando entendemos que a palavra hebraica para “levado cativo”, utilizado para descrever a deportação dos israelitas de Gileade ao exílio pelos assírios, é a palavra *galah* e seus derivados modernos são *galut*, *galo* ou *gallo*, tendo assim um círculo completo. Esta viagem linguística reúne alguns dos muitos rótulos aplicados aos exilados das dez tribos como a “Casa de Onri” e os “Filhos de Isaque”.

A Bíblia tem muito a dizer sobre o casamento. E isso não é uma surpresa, pois foi o próprio Deus que criou o casamento! Se você gostaria de aprender mais sobre a instrução de nosso Criador sobre o casamento, faça o download ou peça o nosso livro gratuito **Casamento e Família: A Dimensão Perdida**.



www.revistaboanova.org

A Grã-Bretanha e os Estados Unidos Herdaram a Primogenitura de José

“E hoje o Senhor declarou . . . que lhes dará uma posição de glória, fama e honra muito acima de todas as nações . . . conforme Ele prometeu” (Deuteronômio 26:18-19, NVI).

Após cerca de cinco séculos de existência nas estepes da Eurásia após a destruição do reino do norte, os nômades descendentes de Israel, agora chamados de citas, começaram outra migração forçada.

Desta vez seus inimigos—da Ásia e do Oriente Médio—e uma dramática mudança de clima nas estepes da Eurásia começou a empurrá-los para o oeste, assim como os profetas bíblicos disseram que aconteceria (1

“Eu ouvi a voz das palavras deste povo, que te disseram; em tudo falaram eles bem. Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!”

Reis 14:15; Isaías 49:12; Oséias 12:1). Esta grande migração para o oeste começou por volta de 200 a.C. e continuou até o século V d.C.

No entanto, durante este tempo, no primeiro século, quando o cristianismo estava em sua infância, o historiador judeu Flávio Josefo confirmou que muitos israelitas deportados ainda viviam além do rio Eufrates. Josefo escreveu que,

em sua época, “as dez tribos estão além do Eufrates até agora [o primeiro século], e são uma imensa multidão difícil de contar” (*Antiguidades dos Judeus*, Livro XI, Capítulo V, seção 2).

O apóstolo Tiago também confirma abertamente que as tribos desaparecidas não tinham sido reunidas com as tribos de Judá e Benjamin, na Palestina. Ele dirige sua epístola “às doze tribos que andam dispersas” (Tiago 1:1).

Embora Deus tenha prometido que todas as dez tribos perdidas de Israel continuariam existindo, Ele também prometeu *sacudi-las dentre as nações* (Amós 9:9). Ele fez isso até trazê-las para a terra que ficava ao norte e oeste da antiga Israel, onde Ele havia prometido reassentá-las.

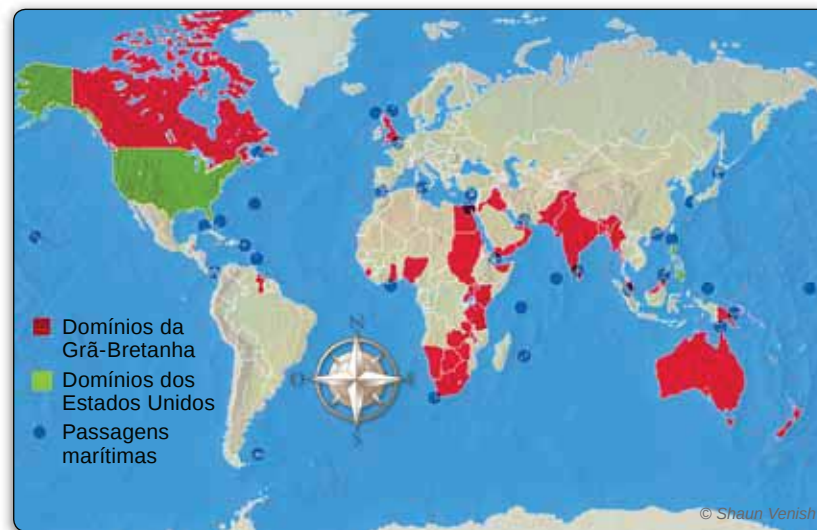
Era como se, inexoravelmente, uma poderosa mão invisível os conduzisse—com todas as suas tribos e clãs—através das planícies da Eurásia, das

estepes citas, a noroeste da Europa, onde os celtas e outro grupo de tribos relacionadas, já estavam se estabelecendo.

Apesar de que não esteja bem compreendido como as grandes migrações da Europa que começaram no século dezesseis—quando emigrantes estabeleceram colônias na América do Norte, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul—a migração anterior foi semelhante em muitos aspectos.

Apesar de muitos clãs e tribos convergirem para a Europa ao mesmo tempo, a maioria daqueles que finalmente se estabeleceram no noroeste da Europa tinham afinidades e compartilhavam uma cultura. Muitos historiadores têm reconhecido que os povos anglo-saxões são as raízes que deram origem às várias nações ocidentais modernas, inclusive a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Esta informação pode ser encontrada em muitos livros de história.

O que não é totalmente compreendido é o elo céltico-cita dos antigos israelitas. No capítulo anterior, discutimos brevemente esta conexão. Agora voltamos a nossa atenção para Deus, que começa a cumprir Suas promessas aos descendentes das tribos presumivelmente perdidas de Israel, depois de terem migrado para o noroeste da Europa e para as Ilhas Britânicas e, de lá, para os Estados Unidos e para outras colônias britânicas à volta o mundo.



Uma grande nação e uma multidão de nações: Esta antiga profecia se encaixa perfeitamente nos Estados Unidos e na Comunidade Britânica. No auge de seus domínios, os povos norte-americanos e britânicos controlavam grandes áreas de terras férteis no mundo e áreas produtoras de mineral, bem como passagens estratégicas e importantes portos de controle militar e rotas comerciais.

As promessas de grandeza para os descendentes de José

Antes de sua morte o patriarca Jacó, por inspiração de Deus, profetizou o que aconteceria com os descendentes de seus doze filhos nos “derradeiros dias” (Gênesis 49:1), isto é, nos últimos dias. Nosso foco neste capítulo é na profecia de Jacó acerca de José.

Os descendentes atuais de José são os mais fáceis de identificar dentre todas as tribos perdidas de Israel porque as bênçãos específicas que receberam destacam-se nitidamente das de outras tribos. Deus prometeu aos descendentes de José—através de seus filhos, Efraim e Manassés—todos os benefícios das promessas da *primogenitura* de grandeza nacional e grandíssima prosperidade.

Reparem a profecia de Jacó acerca de José nos últimos dias: “José é como uma planta perto de uma fonte; ela dá muita fruta, e os seus galhos sobem pelo muro. Os inimigos o atacam com violência e o perseguem com os seus arcos e flechas. Porém o seu arco ficou firme, e os seus braços continuaram fortes pela força do Poderoso de Jacó, pelo nome do Pastor, a Rocha de Israel.

“O Deus do seu pai ajudará José, o *Todo-Poderoso* lhe dará bênçãos—bênçãos do alto céu, bênçãos de águas que ficam debaixo da terra, bênçãos de muitos animais e muitos filhos, bênçãos de cereais e de flores, bênçãos de montanhas antigas, coisas deliciosas dos montes eternos. Que todas essas bênçãos estejam sobre a cabeça de José, sobre a testa daquele que foi escolhido entre os seus irmãos” (Gênesis 49:22-26, BLH).

Os descendentes de José, disse ele, eram para ser especialmente abençoados—como uma videira frutífera com uma fonte inesgotável de água, garantindo o seu constante crescimento. Suas populações se multiplicariam rapidamente. Eles iriam se expandir para terras além de suas fronteiras originais, crescendo militarmente fortes e colhendo as mais preciosas bênçãos físicas da terra. Eles iriam produzir e prosperar. Estas eram as bênçãos da primogenitura (1 Crônicas 5:1-2) que Deus prometeu aos descendentes de José. Devido a estas bênçãos divinas, os descendentes de José se sobressairiam entre as outras tribos de Israel (Gênesis 49:22-26).

Antes de sua morte, Moisés repetiu as bênçãos especiais dirigidas aos descendentes de José. “E de José disse: *Bendita do SENHOR seja a sua terra*, com o que há de mais excelente nos céus, com o orvalho e com o que há no abismo, que jaz abaixo, e com as mais excelentes novidades do sol, e com as mais excelentes produções da lua, e com o *mais excelente* dos montes antigos, e com o mais excelente dos outeiros eternos, e com o *mais excelente da terra*, e com a sua plenitude, e com a benevolência daquele que habitava na sarça, a bênção venha sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos.

“Sua glória é como um touro primogênito, e seus chifres [poderio militar] como os chifres do boi selvagem; Junto com eles, deve empurrar os povos até os confins da terra, eles são os dez milhares de Efraim, e estes são os milhares de Manassés” (Deuteronômio 33:13-17).

Deus havia prometido dar pessoalmente magníficas bênçãos físicas aos descendentes de José.

Quando entendemos que os descendentes modernos de José são os povos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, vemos que ao longo dos últimos três séculos, Deus tem sido fiel às Suas promessas. Ele concedeu as bênçãos físicas de primogenitura aos filhos de José, Efraim e Manassés, aos seus descendentes modernos—o povo anglo-saxão-celtas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Os descendentes anglo-saxões e celtas foram os principais fundadores e idealizadores da cultura britânica e norte-americana.

Deus também tem disponibilizado a eles *oportunidades* de brilhar como faróis espirituais dentro de um mundo confuso e sombrio. Infelizmente, como aconteceu com os antigos israelitas, apenas alguns deles estiveram dispostos a aceitar a sua responsabilidade e o chamado de Deus.

Deus atribuiu um papel aos descendentes de José

Mesmo que Deus tenha dado destaque nacional e prosperidade aos descendentes de Abraão, como havia prometido, Ele não fez isso à custa de outros povos e nações. Pelo contrário, o objetivo abrangente de Deus sempre foi o de levar *todas* as pessoas a um relacionamento permanente com Ele (Atos 17:30; 1 Timóteo 2:4; 2 Pedro 3:9). Somente assim eles podem receber o poder de mudar sua natureza humana e receber a bênção final da vida eterna (Atos 4:12).

Deus designou os descendentes de Abraão—por uma promessa, muito antes de existirem como povo—para serem instrumentos dEle na realização de importantes aspectos de Seu propósito. Ele tem servido deles de várias formas, mesmo que nem sempre têm percebido.

No centro do relacionamento de Deus com os antigos israelitas estava Sua aliança com eles e seus descendentes. Esse acordo definiu as regras e as responsabilidades do relacionamento entre Deus e os israelitas. Ele estabeleceu as obrigações impostas sobre Si mesmo e Suas expectativas acerca da nação que havia criado para ser o Seu povo santo e um modelo de nação para o mundo (Levítico 20:26; Deuteronômio 4:5-8; 7:6).

Deus deu as bênçãos da primogenitura prometidas aos descendentes modernos de José na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, ele tem disponibilizado aos descendentes de Israel—e na verdade ao mundo inteiro—o conhecimento do que Ele espera deles espiritualmente. Ele preservou com exatidão esse conhecimento na Bíblia, e hoje esse conhecimento está disponível para quem quiser ler—independente de ser israelita ou gentio.

Deus tornou disponível a Sua Palavra

O povo britânico e norte-americano foram os instrumentos utilizados para espalhar a Palavra de Deus para grande parte do mundo conhecido. Embora, muitas vezes, vemos a Bíblia como algo fácil de adquirir, e muitos lares no mundo têm várias cópias dela, no entanto nem sempre foi assim.

Por muitos séculos, praticamente as únicas cópias disponíveis, além das línguas originais, estavam em latim, com a Igreja Católica Romana controlando constantemente o acesso das pessoas comuns às Escrituras. “No entanto, foi na Inglaterra, depois de tanto tempo privada da Palavra vivente, onde se travou uma batalha e se ganhou o direito de o homem comum ter a Bíblia em sua própria língua” (Neil Lightfoot, *Como A Bíblia Chegou Até Nós [How We Got the Bible]*, 1986, p. 76).

Nos anos 1500, houve várias tentativas de produzir versões da Bíblia em língua inglesa, mas somente em 1611 o rei da Inglaterra aprovou oficialmente a publicação da Bíblia, que se tornou conhecida como a *Versão do rei James* [em português também conhecido como rei Jaime ou Tiago]. Seus tradutores, por ordem do rei James, produziram a versão inglesa a partir de suas línguas originais, por meio de uma grande equipe de estudiosos do hebraico e do grego. Rapidamente, ela ganhou a reputação de ser a tradução mais exata da Bíblia já feita até aquela época.

Por quase quatrocentos anos, ela se manteve como a mais conhecida tradução da Bíblia do mundo de fala inglesa. Ela tem sido modelo para a tradução da Bíblia em praticamente todas as outras línguas. Nenhum outro livro afetou tanto a história do povo de língua inglesa como a Bíblia do rei James.

A Bíblia já foi traduzida em milhares de idiomas, praticamente em todas as línguas, sendo que os descendentes britânicos têm produzido e distribuído centenas de milhões de cópias em todo o mundo.

As políticas e os recursos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha têm incentivado e permitido que o verdadeiro evangelho do Reino de Deus seja proclamado em todo o mundo nos últimos anos. Eles proporcionaram o clima de liberdade religiosa, os recursos financeiros e a maioria dos trabalhadores que eram necessários para disseminar o conhecimento bíblico para todas as nações.

O papel da Bíblia na sociedade e na lei

Os princípios bíblicos acabaram se tornando a base de grande parte do direito comum. O direito comum inglês, por sua vez influenciou profundamente o direito constitucional e regional norte-americano. Desta forma, a Bíblia teve mais influência sobre os Estados Unidos e os países da Comunidade Britânica do que em qualquer outra nação nos últimos séculos.

A Bíblia constituiu o fundamento dos valores éticos e morais proferidos por estas nações. As leis das nações estabelecidas nos princípios bíblicos tornaram-se a base de grande parte de suas decisões judiciais. O Estados Unidos, em particular, tornou-se a nação mais biblicamente orientada no mundo (talvez com exceção do moderno Estado de Israel, fundado em 1948).

Através da alta disponibilidade da Bíblia, Deus deu aos povos de língua inglesa a informação essencial de que precisavam para saberem o que Ele espera deles. Além disso, muitos foram expostos à sua verdadeira identidade como filhos de José através de seus filhos, Efraim e Manassés (ver “Os

Defensores do Anglo-Israelismo”, página 96).

No entanto, Deus nunca forçou os povos britânicos e norte-americanos a aceitarem seu papel ordenado biblicamente. Tal como à antiga Israel, Deus lhes deu o direito de escolha (Deuteronômio 30:15, 19). Infelizmente, apenas uma pequena parte deles responderam sinceramente ao seu papel.

Por que tudo isso aconteceu? Qual o propósito de Deus para os últimos dias? Como Ele está juntando os elementos essenciais de Seu plano?

Vamos rever algumas das contribuições internacionais significativas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos para o mundo moderno. Então vamos compará-las àquelas promessas feitas por Deus aos descendentes de José.

Se chegarmos ao entendimento de que o povo britânico e norte-americano receberam os benefícios e bênçãos previstos na Bíblia, então, teremos mais uma evidência para comprovar que eles são realmente os atuais descendentes de José.

Os britânicos e os norte-americanos reconhecem a mão de Deus sobre suas nações?

A expressão “Deus é inglês” refletiu o ponto de vista de muitas pessoas, dentro e fora das Ilhas Britânicas, no século dezanove. O que os levou a este surpreendente ponto de vista?

Hoje em dia, o status da Grã-Bretanha no mundo é apenas uma sombra do que era há um século. Dificilmente, você convenceria a alguma pessoa dos séculos dezanove e vinte de que Deus, milagrosamente, não estava dando prosperidade aos políticos, aos estadistas, aos diplomatas, aos exploradores, aos generais, aos almirantes, aos soldados, aos arquitetos, aos engenheiros, aos cientistas, aos inventores, aos banqueiros, aos empresários, aos comerciantes e aos empresários das Ilhas Britânicas.

Para muitos observadores, tanto dentro como fora da Grã-Bretanha, parece que o sucesso vinha para os britânicos mesmo que o buscassem ou não—mesmo que fizessem escolhas sábias ou tolas. Era como se certas bênçãos surpreendentemente tivessem caído sobre eles.

E a percepção desse sucesso *inevitável* inspirou John Robert Seeley, professor de história moderna em Cambridge (1834-1895) e autor de *A Expansão da Inglaterra* (1884), a criar a famosa piada de que a Inglaterra adquiriu seu império global “em um ataque de falta de espírito”.

Certamente, todo o período dos anos 1800 fez parte do século da Grã-Bretanha. Surpreendentemente, as pessoas das pequenas ilhas britânicas encontraram-se governantes de um poderoso império. Quando o século dezanove estava terminando, o Império Britânico era “o maior império da história do mundo, compreendendo cerca de um quarto da área total da Terra, e um quarto de sua população” (James Morris, *Paz Britânica: O Clímax de Um Império*, 1968, p. 21).

No entanto, o império continuaria a se expandir. “Ele continuou crescendo até 1933, quando sua área atingiu 36 milhões de km² e sua população 493 milhões de pessoas . . . O Império Romano, em seu apogeu, era composto

talvez de 120 milhões de pessoas em uma área de 6,5 milhões de km² . . .” (ibidem, pp. 27, 42).

O território do Império Britânico, então, era cinco vezes e meia maior que o do Império Romano, com uma população quatro vezes maior. O domínio britânico se estendeu não apenas por regiões comuns, mas aliás por alguns dos melhores e mais férteis territórios do planeta.

Não é de se estranhar que as pessoas cultas da época percebessem a mão de Deus nesse processo. Para eles, parecia óbvio demais para ignorar.

Por exemplo, Lorde Rosebery, secretário de Relações Exteriores britânico (1886, 1892-1894) e primeiro-ministro (1894-1895), falou, em novembro de 1900, aos estudantes da Universidade de Glasgow sobre o Império Britânico:

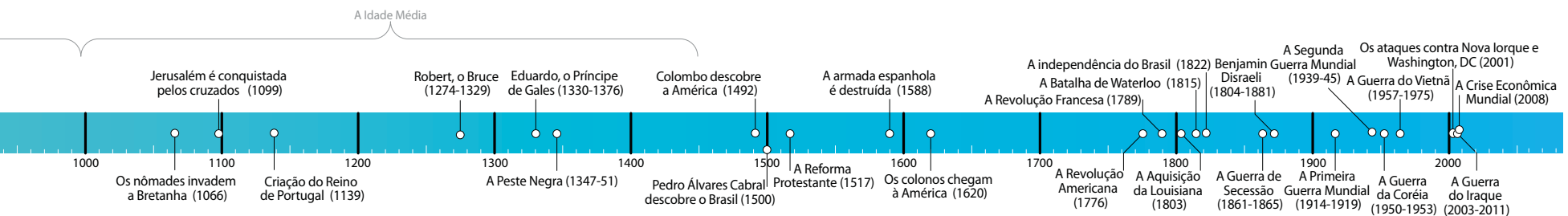
“Como é maravilhoso tudo isso! Construído não por santos e anjos, mas pela obra das mãos dos homens . . . e ainda não totalmente por seres humanos, pois até a maioria dos desatentos e cínicos deve enxergar em tudo isso o dedo Divino.

“Crescendo como as árvores, enquanto outros dormiam; alimentada pelos erros dos outros, bem como pelo caráter de nossos pais; chegando com uma onda de uma maré inquieta sobre extensões e ilhas e continentes, até que a nossa pequena Bretanha acordou e se viu como uma mãe adotiva de nações e a fonte de Estados imperiais. Não somos uma raça agraciada com energia e fortuna sob a direção suprema do Todo-Poderoso?”

Naqueles tempos de conhecimento bíblico, as pessoas, como lorde Rosebery, percebiam as notáveis circunstâncias do povo britânico. Deus parecia estar abençoando-os tanto quanto Ele prometeu abençoar o antigo povo de Israel. Portanto, para eles, não parecia absurdo considerar o povo britânico como escolhido de Deus. Esta percepção deles era meramente uma expressão de vaidade humana? Ou eles estavam realmente vendo a mão de Deus abençoando seu povo e nação?

Os idealizadores do Império Britânico aspiraram formar uma união pacífica e domínio bem-sucedido de mais de um quarto da população do mundo. O grande sucesso dos governantes britânicos foi o estabelecimento e a abrangência da lei e da ordem nos territórios coloniais e em todo o império da Grã-Bretanha ao redor do globo. Isso por si só trouxe inúmeras bênçãos para o povo daqueles territórios.

Essa *Paz Britânica* proporcionou as condições de paz em diversas regiões



antes atormentadas pela guerra e hostilidades étnicas de longa data. A presença britânica também estimulou o desenvolvimento econômico territorial e introduziu em muitas áreas os avanços tecnológicos ocidentais. Os missionários britânicos se tornaram os portadores da literatura e do conhecimento bíblico para as pessoas de uma ponta a outra do globo. As bênçãos físicas e espirituais foram distribuídas livremente ao redor da Terra.

O século britânico

A Grã-Bretanha não tinha sido sempre grande. Na verdade, grande parte da expansão da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos veio depois de 1800. Apenas um par de séculos antes de se tornar uma potência mundial, o status da Inglaterra era o mesmo de todas as outras nações da Europa.

O imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Carlos V, caracterizou o lugar relativo da Inglaterra entre as nações da Europa na véspera do século dezesseis. Ele fez o seguinte comentário: “Eu falo em latim com Deus, em italiano com os músicos, em espanhol com as damas, em francês na corte, em alemão com os servos e em inglês com meus cavalos”.

Como ocorreu essa reversão de riqueza e prestígio inglês ao longo de duzentos anos?

O crescimento industrial e econômico do mundo anglo-americano começou a crescer a partir da metade do século dezoito. Os historiadores de economia discutem sobre o ponto em que o processo de industrialização alcançou a massa crítica. Mas, em geral, as datas mais antigas que eles sugerem são os anos de 1750 e datas mais recentes são à volta de 1800.

A Grã-Bretanha também experimentou uma explosão populacional a partir desse mesmo período. O historiador Colin Cruz observa que “um dos mistérios inexplicáveis da história social é a explosão no tamanho da população da Grã-Bretanha entre 1750 e 1850. Por gerações a população britânica esteve estática, ou aumentava muito ligeiramente. Em seguida, no espaço de um século, quase triplicou—de 7,7 milhões em 1750 para 20,7 milhões em 1850 . . . a Grã-Bretanha era um país dinâmico e uma das marcas de seu dinamismo foi uma explosão populacional” (*A Queda do Império Britânico*, 1969, p. 155).

Esta janela do tempo parece estar diretamente relacionada aos descendentes exilados de José receberam as bênçãos prometidas da primogenitura. Embora

os historiadores tenham se perguntado por que a revolução industrial não começou em algum momento anterior da história, esta bênção divina pode ajudar a explicar por que os gigantes avanços na capacidade industrial se expandiram de forma tão dramática durante este período.

A Bíblia revela que Deus está no controle das obras e dos eventos de acordo com Seu plano e agenda (Isaías 46:9-10). Ele disse há muito tempo que, através do patriarca Jacó, os descendentes de José iriam receber as promessas da primogenitura “nos últimos dias” [derradeiros dias] (Gênesis 49:1, 22-26).

Outros problemas, profetizados na Bíblia, distinguem nossa era moderna como os últimos dias que antecedem os eventos profetizados em Mateus 24 e no livro de Apocalipse. Eles confirmam que o cumprimento das promessas divinas a Abraão sobre os últimos dias já estão acontecendo. (Para entender melhor a profecia do tempo do fim, solicite o seu exemplar gratuito do livro “*Estamos Vivendo No Tempo do Fim?*” de nosso escritório mais próximo de você ou pode baixá-lo de nosso site na www.revistaboanova.org/literatura).

O ano de 1776 foi uma data marcante. Naquele ano o motor a vapor estava em uso prático e, dentro de uma década—poucos anos antes da Revolução Francesa de 1789 reduzir significativamente o desenvolvimento industrial na França—tornou-se um sucesso comercial.

Naquele mesmo ano, os colonos norte-americanos declararam sua independência. Esta separação dos Estados Unidos da Grã-Bretanha cumpriu a profecia de que Manassés e Efraim seriam povos separados—um seria uma grande nação e o outro seria “uma multidão de nações” (Gênesis 48:16, 19).

Outro grande evento ocorreu na mesma época. O professor de filosofia da Universidade Escocesa de Glasgow, Adam Smith, publicou o livro *A Riqueza das Nações*, que se tornou o apoio intelectual e filosófico para o desenvolvimento da Inglaterra, o qual se tornou conhecido como a economia capitalista. O sistema capitalista logo começou a se propagar por todo o mundo ocidental, e em particular à economia britânica, alcançando níveis sem precedentes.

Embora aos diplomatas e estadistas britânicos faltasse um grande projeto para a construção desse império, ele tornou-se o maior e mais benéfico império da história da humanidade. Não é de se admirar que os historiadores descrevam os anos 1800 como o século britânico.

O despertar da nação norte-americana

As guerras entre a França e a Inglaterra, que culminou com a vitória britânica sobre Napoleão em Waterloo, em 1815, teve uma influência indireta sobre o despertar dos Estados Unidos para a grandeza. A urgente necessidade de dinheiro de Napoleão para pagar os custos da guerra iminente com a Inglaterra, levou-o a vender vastos territórios americanos da França aos Estados Unidos, o que levou à Compra da Louisiana.

A aquisição do território da Louisiana em 1803 deu imediatamente o sta-

tus de potência mundial à república norte-americana. O jovem país comprou 2.150.000 Km² de terras agrícolas mais férteis do mundo—o meio oeste norte-americano—por menos de três centavos do dólar por acre! Da noite para o dia o tamanho dos Estados Unidos dobrou, fortalecendo, material e estrategicamente, enormemente a nação.

Depois dessa transação de 1803 o país se expandiu em todo o continente em menos de uma geração, acrescentando enormes faixas de território com vastos recursos naturais. Em 1867, os Estados Unidos adicionaram quase 1.600.000 Km² quando compraram o Alasca da Rússia por sete milhões e duzentos mil dólares, cerca de dois centavos do dólar por acre.

Embora ninguém tenha percebido isso na época, essas grandes bênções inexploradas iriam permitir que os cidadãos dos Estados Unidos liderassem o mundo, em termos de riqueza per capita, no século seguinte. Embora os caluniadores tenham ridiculizado abertamente a compra do Alasca, na época, a receita de seus recursos—madeiras, minerais, petróleo e outros—hoje equivalem a dezenas de bilhões de dólares a cada ano.

Uma Comunidade de Nações

Outro cumprimento da previsão de Jacó—que Efraim se tornaria “uma multidão de nações” (Gênesis 48:19)—também ocorreu, devagar, mas logo se acelerou. E começou como o resultado da vitória da Grã-Bretanha sobre a França em 1815. Ao fim das guerras napoleônicas a Marinha Real dominava



Os Estados Unidos dobraram de tamanho, em 1803, com a Compra da Louisiana e dentro de poucas décadas expandiu-se por todo o continente. Em menos de um século, a jovem nação angariou algumas das terras mais ricas do mundo e seus mais valiosos recursos naturais.

os oceanos.

A economia britânica, estimulada por este conflito, emergiu com uma supremacia econômica sem precedentes. O esforço francês para supremacia mundial—mais ou menos constante desde os tempos de Luís XIV (1643-1715) e do início do que alguns historiadores chamam a Segunda Guerra dos Cem Anos (1689-1815)—havia falhado rotundamente.

A Grã-Bretanha se viu livre e de posse do poder político, econômico e militar necessário para construir um império que logo se estenderia a todo o mundo. Quando o atual Manassés (Estados Unidos) começou a construir uma nação, que em breve se estenderia de costa a costa, então Efraim (Grã-Bretanha) se tornou herdeiro de terras à volta de todo o mundo.

Os britânicos construíram um império no qual o sol nunca se punha. Sua estrutura imperial era quase infinita em sua diversidade, composta de pessoas de praticamente todos os grupos étnicos e governado de formas tão centralizadas como o raj (governo britânico) na Índia ou pelo escritório geral da Agência Britânica no Egito ou tão independentes como o status de domínio conferido ao Canadá, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

Do ponto de vista material, a maior parte do domínio anglo-americano



A Marinha Real controla os oceanos e garante um império mundial a Grã-Bretanha, que domina o mundo por quase todo o século dezenove e início do século vinte.

descendentes modernos de José foram um “ramo frutífero” (Gênesis 49:22-25; ver também Levítico 26:9; Deuteronômio 6:03; 7:13-14; 28:4-5).

Os povos britânicos e norte-americanos herdaram um tesouro de recursos naturais. Aquilo que os britânicos não tinham dentro de suas próprias ilhas, eles buscavam de seu império que abrangia o mundo. Os norte-americanos encontraram todo o necessário para alcançar sua grandeza econômica nacional—vastas extensões de solos férteis, florestas intermináveis, ouro, prata e outros metais preciosos, esperando para serem extraídos, e muitíssimo minério de ferro, carvão, petróleo e outros depósitos minerais—

durante os últimos dois séculos veio da geografia abençoada, do clima favorável e a provisão aparentemente infinita de recursos naturais acumulados durante este tempo.

Os territórios britânicos estavam concentrados nas regiões mais produtivas das zonas de clima temperado. Uma fonte de alimento abundante e confiável que permitiu suportar o crescimento constante da população do século dezoito até grande parte do século vinte. Certamente, os des-

dentro dos limites do território continental dos Estados Unidos e, ainda, no Alasca.

Ambos os povos possuíam “o mais excelente dos montes antigos”—e “o mais excelente dos outeiros eternos” e “o mais excelente da terra, e com a sua plenitude” nos territórios que controlavam exclusivamente (Deuteronômio 8:9, 28:1, 6, 8, 13; 33:13-17).

As passagens militares e comerciais do mundo

A promessa de Deus a Abraão incluía outra providência: “A tua semente possuirá a porta dos seus inimigos” (Gênesis 22:17). Neste contexto, *porta* significa uma passagem estratégica, que controla o comércio ou o acesso militar à região. Exemplos de portas estratégicas são o Estreito de Gibraltar, o Canal de Suez e o Canal do Panamá.

É um fato histórico que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos conseguiram controlar a maior parte das terras mais importantes do mundo e as passagens marítimas (ver mapa na página 79). E isto tem sido fundamental para o seu domínio econômico e militar nos séculos dezenove e vinte. Vamos analisar como os descendentes de José adquiriram as três principais passagens marítimas—mencionadas acima.

O primeiro exemplo ocorreu como resultado da Guerra da Sucessão Espanhola (1701-1714). O rei espanhol, Carlos II (1661-1700), não tinha filhos. A ausência de um herdeiro levou a uma polêmica sobre a sucessão ao trono espanhol. Por um momento parecia que o assunto seria resolvido pacificamente. No entanto, quando Carlos designou Philippe d’Anjou, neto do rei francês Luís XIV, como seu sucessor, ele desestabilizou o equilíbrio do poder europeu.

A decisão de Carlos confirmou os piores receios dos estadistas europeus a respeito das intenções francesas. Em Versalhes, o embaixador espanhol, ajoelhando-se diante do novo rei—agora Filipe V de Espanha—o ouviu murmurar, “*Il n’y pas de Pyrenees*”—os Pirineus não existem mais. Ele deu a entender que a ascensão do rei significava a união da França com a Espanha. Mas o crescente domínio da Inglaterra impediu que isso acontecesse.



A Grã-Bretanha, e mais tarde os Estados Unidos, foi abençoada com o controle de muitas importantes “portas” estratégica ao redor do mundo, como o Estreito de Gibraltar, acima, um ponto de estrangulamento, que controla o acesso entre o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico.

Em 1701, a Inglaterra, em guerra contra a França, estava determinada a restabelecer um equilíbrio favorável de poder na Europa. A Inglaterra conseguiu frustrar a proposta francesa de dominar o continente. Na verdade, a Inglaterra emergiu do conflito como a maior marinha de guerra da Europa e com seu status de grande potência confirmado.

Como resultado dessa guerra, a Inglaterra adquiriu Terra Nova, Nova Escócia, o território da Baía de Hudson, Minorca e, a mais importante, Gibraltar, uma indispensável passagem marítima internacional. A posse de Gibraltar significava que ela controlava a entrada e a saída para o Mar Mediterrâneo. Essas aquisições faziam parte dos termos do acordo de Paz de Utrecht, de 11 de abril de 1713.

Mais de um século e meio depois, os ingleses ganharam o controle direto de outra passagem marítima essencial, no outro extremo do Mediterrâneo,



Sidney, Austrália



Cidade do Cabo, África do Sul

Como Deus havia prometido a seus antepassados, Ele deu aos descendentes modernos de José—principalmente a Grã-Bretanha e os Estados Unidos—a primogenitura e muitas preciosas bênçãos da Terra.

o Canal de Suez. A permanência britânica em Suez durou quase três quartos de século. Esta passagem artificial de 163 quilômetros entre os mares Mediterrâneo e Vermelho tem sido uma das rotas marítimas mais utilizadas do mundo, acabando com uma viagem longa e árdua, permitindo que as embarcações navegassem da Europa à Ásia sem terem que contornar a África pelo cabo da Boa Esperança. De acordo com a profecia bíblica, Deus deu essa porta marítima ao povo britânico—os modernos descendentes de Efraim, filho de José.

A terceira importante passagem marítima adquirida pelos descendentes de José foi o Canal do Panamá. Tal como a compra do território da Louisiana, por Thomas Jefferson e a aquisição do Canal de Suez por Benjamin Disraeli (ver “Benjamin Disraeli: Maestro do Império”, página 94), o presidente norte-americano Theodore Roosevelt tomou medidas ousadas para obter o [canal do] Panamá, mas de legalidade questionável. Sobre sua pre-

sunção Roosevelt disse: “Eu tomei o Istmo, comecei a construção do Canal, e, em seguida, deixei o Congresso debater—não sobre o Canal, mas sobre mim” (Roger Butterfield, *O Passado dos Estados Unidos* [The American Past], 1966, p. 323).

Uma bênção para outras nações

A grandiosa ascensão da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos não deixava de ser surpreendente. Diz o historiador James Morris: “Durante os . . . anos de reinado da rainha Vitória [1837-1901] o império tinha crescido mais de dez vezes, a partir de meras posses bens espalhadas a um quarto da massa terrestre . . . O império transformou a face dos continentes com suas cidades, ferrovias, igrejas . . . e mudou o modo de vida de nações inteiras, imprimindo seus próprios valores nas civilizações desde os Cree [grande



Londres, Inglaterra



Seattle, Estados Unidos

Fotos/istockphoto

grupo indígena norte-americano] aos Birmanêses, além de criar várias novas nações com plenos direitos. Nunca houve um império igual em toda a história . . . ” (A *Vontade Celestial: Um Progresso Imperial*, 1973, p. 539, grifo nosso).

Morris acrescenta: “Isto não foi meramente o direito dos ingleses governarem um quarto do mundo, os imperialistas pensaram, foi realmente o seu dever . . . Então, eles espalharam por todo o mundo seus próprios métodos, princípios e tradições liberais, *que reformulariam o futuro da humanidade*. A justiça seria estabelecida, a miséria seria aliviada, selvagens ignorantes seriam educados, tudo pela ação do poder e do dinheiro britânico” (*Paz Britânica*, p. 26, grifo nosso). Deus estava usando as pessoas de fala inglesa para introduzir um novo conjunto de normas e liberdades individuais para o resto da humanidade.

Os britânicos demonstraram ser administradores capazes, melhorando drasticamente a infraestrutura e o padrão de vida nos países em que governavam. Embora todos os aspectos de sua administração nem sempre ocorreram de forma justa e equitativa, como deveria ter sido, o objetivo profetizado por Deus foi realizado. Os filhos de José levaram o mundo a uma era de conhecimento, prosperidade e avanço tecnológico sem precedentes. Pela primeira vez a Bíblia, assim como obras e

publicações de referência bíblicamente orientadas começaram a ser distribuídas globalmente.

Os Estados Unidos, depois de muitos anos perseguindo uma política isolacionista, foram forçados, por eventos alheios ao seu controle, a também terem um papel maior nos assuntos mundiais—se tornando o modelo internacional para a liberdade e direitos individuais. Ao ser atacado pelo Japão em 1941, os Estados Unidos despreparados, repentinamente se viram envolvidos em uma guerra com as potências do Eixo. E rapidamente aumentaram seu poderio industrial, previamente desenvolvido em certa medida nos primeiros anos da guerra para ajudar a Grã-Bretanha.

Os Estados Unidos emergiram da Segunda Guerra Mundial como a nação mais poderosa do mundo. Mas, ao invés de usar a sua força para dominar e oprimir as nações mais fracas de um mundo despedaçado, eles começaram a *reconstruir* os países de seus inimigos derrotados—exibindo uma compaixão que é muito raro nos anais dos assuntos internacionais.

De 1945 até 1952 os Estados Unidos destinaram 24 bilhões de dólares (150 bilhões de dólares, em valores atuais), para a causa do resgate e da reconstrução da Europa, inclusive a Alemanha. No Japão, os Estados Unidos governaram o país durante vários anos, reconstruiu-o e o pôs de volta em pé. Em anos recentes, estes dois países, antigos inimigos, emergiram como potências econômicas mundiais.

Desde então, tanto os Estados Unidos como a Grã-Bretanha têm destinado muitos mais bilhões de dólares em ajuda externa a outros países. Estas são algumas das formas como a Grã-Bretanha e os Estados Unidos têm sido uma bênção para as nações do mundo. No entanto, juntamente com essas bênçãos tem havido algumas decisões equivocadas e injustas. Esse é o legado de nações muito abençoadas, mas que têm negligenciado a obediência a Deus, que os abençoou.

O domínio anglo-americano seguirá inabalável?

Os séculos dezenove e vinte viram os povos anglo-americanos dominarem os assuntos mundiais. Será que esse padrão continuará no século XXI?

O domínio mundial britânico já se acabou há muito tempo. As duas grandes guerras do século vinte tiveram um efeito terrível sobre a Grã-Bretanha e seu povo. Estes conflitos lhe custaram duas gerações de homens jovens e abalaram sua economia. No fim da Segunda Guerra Mundial, os britânicos se viram sem recursos e sem força para preservar seu império.

Depois de a Grã-Bretanha permitir a independência à Índia, em 1947, o Império Britânico começou a se dissolver numa velocidade vertiginosa. A supremacia da Grã-Bretanha rapidamente deu lugar ao domínio norte-americano na segunda metade do século vinte.

Embora o poder militar, econômico, industrial e técnico norte-americano ainda reine supremo, a acelerada decadência moral dos Estados Unidos não pressagia nada de bom para o futuro. Os valores bíblicos, a base nos

quais os fundadores e os povos norte-americanos construíram os Estados Unidos da América, deram lugar a negação de Deus e ao mesmo tipo de autossatisfação orientada ao materialismo que levou à queda dos antigos reinos de Israel e Judá.

Sem uma mudança de direção e ênfase, o resultado final será diferente para os Estados Unidos?

Muitos norte-americanos e britânicos se recusaram a reconhecer a Deus e Suas bênçãos. Em sua arrogância intelectual e espiritual, muitos optaram por negar a existência de um Criador e aceitar a falsa religião da evolução e sua teologia humanista secular.

Eles preferem acreditar que as bênçãos impressionantes da riqueza e do poder nacional são frutos de mera casualidade ou o resultado de seus próprios esforços. Como a antiga Israel, eles caíram em sua própria armadilha, ao decidir ignorar as palavras de advertência de Deus:

“Depois que tiverem comido até ficarem satisfeitos, louvem o Senhor, o seu Deus, pela boa terra que lhes deu. *Tenham o cuidado de não se esquecer do SENHOR, o seu Deus*, deixando de obedecer aos seus mandamentos, às suas ordenanças e aos seus decretos que hoje lhes ordeno. Não aconteça que, depois de terem comido até ficarem satisfeitos, de terem construído boas casas e nelas morado, de aumentarem os seus rebanhos, a sua prata e o seu ouro, e todos os seus bens, *o seu coração fique orgulhoso e vocês se esqueçam do SENHOR, o seu Deus*, que os tirou do Egito, da terra da escravidão” (Deuteronômio 8:10-14, NVI).

No próximo capítulo, vamos ver o que está aguardando os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Infelizmente, o que recair sobre eles também afetará toda a humanidade.

A Bíblia Na História Britânica e Norte-Americana

Quando o rei Tiago [também traduzido como Jaime ou James] da Inglaterra encomendou a tradução da Bíblia para o inglês a partir de suas línguas originais, a grande empreitada foi realizada por uma grande comissão de estudiosos, que tinham as melhores habilidades interpretativas então disponíveis. Por quase 400 anos, esta obra monumental, concluída em 1611, tem sido reconhecida como uma das principais traduções já realizadas. Embora a Bíblia tenha sido traduzida em quase todas as línguas, esta versão inglesa continua sendo a mais influente de todas.

Por que a Bíblia tem sido tão predominante na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos?

O Dicionário de Alfabetização Cultural assinala que a Bíblia é “o livro mais conhecido no mundo de fala inglesa . . . Ninguém no

mundo de fala inglesa pode ser considerado alfabetizado sem um conhecimento básico da Bíblia” (Hirsch, Kett e Trefil, 1988, pág. 1). Na Grã-Bretanha ela foi classificada como um dos cinquenta livros mais procurados. Nos Estados Unidos, é constantemente um best-seller e o único livro que os norte-americanos dizem que mais tem influenciado suas vidas.

A Bíblia é citada por pessoas de todas as esferas da sociedade, incluindo estadistas, políticos, filósofos, poetas e até astronautas. Aqui estão uns comentários de alguns líderes respeitados:

- “Tem sido meu costume por muitos anos ler a Bíblia em sua totalidade, uma vez por ano” (John Quincy Adams).
- “Um conhecimento profundo da Bíblia vale mais do que uma educação universitária” (Theodore Roosevelt).
- “Se respeitar os princípios ensinados pela Bíblia, nosso país continuará prosperando” (Daniel Webster).
- “Eu acredito que a Bíblia é o melhor presente que Deus já deu ao homem. Todo o bem do Salvador do mundo nos é transmitido através deste livro. Tenho sido impulsionado muitas vezes de joelhos pela convicção esmagadora de que eu não tinha nenhum outro lugar para ir” (Abraham Lincoln).
- “É impossível governar corretamente o mundo sem Deus e a Bíblia” (George Washington).
- “A Bíblia é a rocha sobre a qual repousa nossa república” (Andrew Jackson).
- “Nós rejeitamos com desprezo todos esses ensinamentos e trabalhos míticos que dizem que Moisés era apenas uma figura lendária. Acreditamos que a visão mais científica, a mais atualizada e a concepção racionalista, encontrará sua plena satisfação ao considerar literalmente a história da Bíblia” (Winston Churchill).

É possível que a Bíblia que tanto influenciou o povo da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, seja somente o seu livro de história? De maneira significativa, a Bíblia conta não só a história de seus antepassados distantes, mas também o seu futuro.

Benjamin Disraeli: O Maestro do Império

Deus muitas vezes nomeia as coisas como são. O nome de Adão, literalmente, significa “terra vermelha”, a substância da qual Deus formou e moldou o primeiro homem (Gênesis 2:7).

Deus deu um nome a Abrão—Abraão (Gênesis 17:5)—que tem conotação de sua paternidade—“pai de uma multidão” (versículos 4-6). Salomão, cujo nome deriva da raiz da palavra hebraica “paz”, reinou em um dos períodos mais pacíficos

da história israelita (1 Reis 4:24).

Seria tão estranho pensar que Deus ainda pode nos fornecer indicações semelhantes ao longo do caminho através da nossa história (Malaquias 3:6)? Um exemplo disso é possível ser visto no desenvolvimento do império britânico com um homem notável chamado Benjamin Disraeli (1804-1881).

Ele era filho de uma família judia que se converteu ao cristianismo e chegou ao auge da vida política britânica, atuando duas vezes como primeiro-ministro (1868 e 1874-1880). Às vezes, os historiadores o descrevem como o “maestro do império”, o estadista britânico que deu ao fim do Império Britânico do século XIX uma emocionante renovação de força.



Durante o segundo mandato *Benjamin Disraeli, primeiro-ministro da Grã-Bretanha (1868 e 1874-1880), foi um grande interesse de expansão imperial e territorial. Atuando com ousadia e com notável independência, Disraeli pagou quase quatro milhões de libras—dinheiro emprestado do Banco de Rothschild com a garantia do governo britânico—para comprar 44 por cento das ações majoritárias do recém-construído Canal de Suez (1869). Otto von Bismarck da Alemanha, o “chanceler de ferro”, apropriadamente descreveu a passagem [do Canal Suez] como a medula espinhal do Império Britânico.*

A seguinte e talvez a mais grandiosa expressão das políticas imperiais de Disraeli foi em relação ao eixo do Império, a própria Índia. Em 1 de maio de 1876, Disraeli viu que os Títulos Reais fizeram da rainha Vitória imperatriz da Índia. Em janeiro do próximo ano, com alarde e cerimônia, o vice-rei da Índia proclamou Vitória como imperatriz dando uma grande festa em sua honra. Mais tarde, naquele mesmo ano Disraeli anexou a província do Transvaal, rica em minerais na África do Sul. Três anos mais tarde, no Congresso de Berlim, ele adquiriu o posto avançado estratégico de Chipre, no Mediterrâneo.

Em uma extraordinária coincidência um dos principais arquitetos do Império Britânico, Benjamin Disraeli, literalmente, tem o nome de Israel. Ou é coincidência? Dado o que sabemos sobre as promessas do fim dos tempos para os descendentes de Jacó e o tempo do cumprimento das promessas materiais, físicas e nacionais a Abraão, o nome Disraeli se parece mais com um letrado providencial.

Os Defensores do Anglo-Israelismo

A prosperidade da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos nos séculos XIX e XX alimentou a crença popular de que os povos britânico e norte-americano são de fato os descendentes das dez tribos perdidas. Este movimento passou a ser conhecido popularmente como anglo-israelismo.

Nos Estados Unidos, onde a ideia do “*Destino Manifesto*”—a crença de que era o destino da nação se expandir de costa a costa—já estava firmemente arraigada, os defensores do anglo-israelismo promoveram essa explicação bíblica para o crescimento e prosperidade inexplicável do país. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos, concluíram eles, foram os beneficiários da primogenitura incondicional de José.

Nos últimos tempos, alguns têm associado o anglo-israelismo com as modernas conotações negativas do imperialismo. Os críticos alegam que aqueles que abraçaram essa ideia fizeram isso em busca de um remédio para sua consciência para justificar suas tendências imperialistas. Essa acusação simplesmente, no entanto, não está de acordo com o pensamento do século XIX. Aqueles que projetam o senso político de hoje em um público do passado que viam o mundo de modo muito diferente, estão errados e sua avaliação é injusta.

Em meados do século XIX, os súditos britânicos não viam o imperialismo como negativo. Eles o viam como *um gesto magnânimo*—que eles estavam estendendo as bênçãos que tinham feito sua grande nação aos povos menos afortunados ao redor do globo. Na verdade, o Império Britânico trouxe muitas bênçãos para os povos que passaram a fazer parte do império.

Outra crítica—e esta é correta—contra os defensores do anglo-israelismo, é que alguns de seus defensores incorporaram o racismo em suas crenças. Os pontos de vista preconceituosos e racistas têm ofuscado o seu raciocínio, portanto, descredita os aspectos históricos de seus ensinamentos. Isto é tanto lamentável como biblicamente inaceitável. A intolerância racial definitivamente não é o que a Bíblia ensina. Deus não é o autor de tal ponto de vista. Ele ama todas as pessoas e nos ordena a fazer o mesmo.

As questões fundamentais que temos que considerar é se muitos dos descendentes das dez tribos de Israel residem atualmente nos países anglo-descendentes e, se for assim, o que Deus espera deles.

Ao concentrarem-se nas promessas bíblicas, alguns estudiosos realizaram pesquisas para avançar no conhecimento de que as bênçãos prometidas por Deus aos descendentes de Abraão foram

amplamente cumpridas nos povos britânicos e norte-americanos. Embora muitos tenham contribuído para a pesquisa básica, aqui estão algumas pessoas que contribuíram significativamente para o progresso desta área de estudo:

John Wilson, leigo anglicano de Cheltenham, Inglaterra, publicou *Nossa Origem Israelita* em 1840. Este trabalho foi a primeira tese desenvolvida ligando os anglo-saxões à antiga Israel. Wilson extraiu o melhor da metodologia e dos estudiosos contemporâneos. Ele utilizou particularmente o trabalho de Sharon Turner (1768-1847), uma figura monumental na historiografia britânica cuja obra de vários volumes, *A História dos Anglo-Saxões*, rastreiam os anglo-saxões da Europa aos países dos Balcãs e, finalmente, à Criméia e às Montanhas do Cáucaso—exatamente o que esperaríamos de acordo com 2 Reis 17:6 e 1 Crônicas 5:26.

Outra crítica—e esta é correta—contra os defensores do anglo-israelismo, é que alguns de seus defensores incorporaram o racismo em suas crenças.

Edward Hine, banqueiro e sucessor de Wilson, escreveu *Quarenta e Sete Identificações da Nação Britânica Com A Israel Perdida* (1871). Hine afirmou ter abrangido cinco milhões de pessoas neste tema durante sua carreira nos circuitos de palestras.

John Harden Allen, ministro metodista do Noroeste do Pacífico dos Estados Unidos, escreveu *O Cetro de Judá e Primogenitura de José* (1917).

T. Rosling Howlett, ministro batista, que exerceu sua função em Nova Iorque, Washington e Filadélfia.

Charles Piazza Smyth (1819-1900) foi o astrônomo real da Escócia e professor emérito de astronomia na Universidade de Edimburgo.

Coronel John Cox Gawler (1830-1882) foi o guardião das joias da coroa britânica.

Herbert Armstrong (1892-1986), fundador e chanceler da Universidade Embaixador, escreveu o livro *Os Estados Unidos e a Comunidade Britânica na Profecia*, publicado em várias edições até 1986.

Steven Collins escreveu *As Dez Tribos “Perdidas” de Israel . . . Encontradas!* (1992), que mais tarde, foi expandido em uma série de quatro volumes.

Yair Davidy autor de *As Tribos: As Origens Israelitas dos Povos do Ocidente* (1993), *Efraim* (1995), *Efraim: Os Filhos Gentios de Israel* (2001) e *José: O Destino Israelita da América* (2001).

Raymond McNair, ministro da Igreja de Deus Global, escreveu *A América e a Grã-Bretanha em Profecia* (1996).

John Ogwyn, ministro da Igreja de Deus Vivente, escreveu *O Que Podemos Esperar Para os Estados Unidos e a Grã-Bretanha?* (1999).

Da Punição ao Destino

“Como será terrível aquele dia! Sem comparação! Será tempo de angústia para Jacó; mas ele será salvo” (Jeremias 30:7, NVI).

Embora os Estados Unidos e a Grã-Bretanha não apareçam nas profecias bíblicas do fim dos tempos com seus nomes atuais, Deus não ignorou estas nações. Ele as identifica na profecia de acordo com a sua ascendência. A maioria das pessoas simplesmente não sabe onde procurá-las.

Durante a longa história das dez tribos perdidas de Israel, Deus sempre soube quem elas são e onde estão. Como havia prometido a seus antepassados, Deus deu aos descendentes modernos de José—principalmente a Grã-Bretanha e os Estados Unidos—a primogenitura e muitas preciosas bênçãos da Terra. Essas nações têm recebido uma oportunidade singular para guiar todo o mundo. Mas o que a Bíblia diz sobre o seu futuro? A resposta é preocupante.

Muitas profecias bíblicas retratam o arrependimento de Israel quando Cristo voltar. Seus descendentes se voltarão para Deus e começarão a obedecer a Suas leis—mas somente *depois* de passarem por crises piores, em muitos aspectos, do que as catástrofes que se abateram sobre os antigos reinos de Israel e Judá.

Os descendentes de Israel que se arrependerem e voltarem para Deus—descritos nas profecias apenas como “resíduos, resto ou restante” de sua população anterior (Isaías 11:11, 16; Jeremias 23:3; Ezequiel 6:8)—vão sofrer enormemente no tempo que a profecia bíblica chama de “a grande tribulação” (Mateus 24:21).

E somente quando se humilharem, a ponto de se arrepender de seus pecados, eles serão capazes de cumprir o seu destino ordenado por Deus de servir como bênção para as nações. Esse futuro maravilhoso, no entanto, será precedido pelo mais severo dos sofrimentos e tribulações. Como Moisés libertou os antigos israelitas da escravidão do Egito, Jesus Cristo está vindo para libertar a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e outras nações descendentes dos israelitas de uma subjugação, no tempo do fim, de um sistema político-religioso moderno chamado de “a grande Babilônia” (Apocalipse 17), centrado na Europa.

Esta libertação dos últimos dias implica o cumprimento de algumas das mais impressionantes profecias da Bíblia: “Portanto, eis que dias vêm, diz o SENHOR, em que nunca mais se dirá: Vive o SENHOR, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito. Mas: Vive o SENHOR, que fez subir os filhos de Israel da terra do Norte e de *todas* as terras para onde os tinha lançado; porque eu os farei voltar à sua terra, que dei a seus pais” (Jeremias 16:14-15).

Mas *por que* essas calamidades vão atingir os Estados Unidos e a Grã-Bretanha?

As expectativas de Deus quanto a Israel

No cumprimento de Suas promessas a Abraão, Isaque e Jacó, Deus estabeleceu Israel como uma nação com o propósito de trazer bênçãos a outras nações (Deuteronômio 9:5, Gênesis 12:3). Desde o princípio, Deus esperava que os israelitas fossem um *exemplo* para as outras nações ao redor deles e as bênçãos divinas seriam derramadas sobre todos os que O adorassem e obedecessem (Deuteronômio 4:6; 14:2).

Se os israelitas cumprissem sua parte no acordo da aliança com Deus, Ele disse que faria de Israel a principal nação do mundo (Deuteronômio 26:19; 28:1, 12-13). Mas, se os israelitas desobedecessem sofreriam as consequências (Deuteronômio 28:15-68). Deus disse-lhes que outras nações iriam levá-los em cativeiro (versículos 25, 32-33, 36). Até mesmo seu castigo deveria ser uma lição para outros países: “E serás por pasmo, por ditado e por fábula entre todos os povos a que o SENHOR te levará” (versículo 37).

Os israelitas foram destinados a ser um exemplo para as outras nações através das bênçãos da obediência e pelos castigos da desobediência às instruções de Deus. Independentemente das escolhas que fizeram, tanto antigamente como hoje, este continua sendo o papel que Deus lhes deu. E Ele os considera responsáveis pela forma como correspondem a esse papel.

Cerca de 3.500 anos atrás, Deus disse a Israel: “Guardai-vos não vos esqueçais da aliança do SENHOR, vosso Deus, feita convosco, e vos façais alguma imagem esculpida, semelhança de alguma coisa que o SENHOR, vosso Deus, vos proibiu. Porque o SENHOR, teu Deus, é fogo que consome, é Deus zeloso.

“Quando, pois, gerardes filhos e filhos de filhos, e vos envelhecerdes na terra, e vos corromperdes, e fizerdes alguma imagem esculpida, semelhança de alguma coisa, e fizerdes mal aos olhos do SENHOR, teu Deus, para O provocar à ira, hoje, tomo por testemunhas contra vós outros o céu e a terra . . . O SENHOR vos espalhará entre os povos, e restareis poucos em número entre as gentes aonde o SENHOR vos conduzirá” (Deuteronômio 4:23-27, ARA).



Shaun Venish

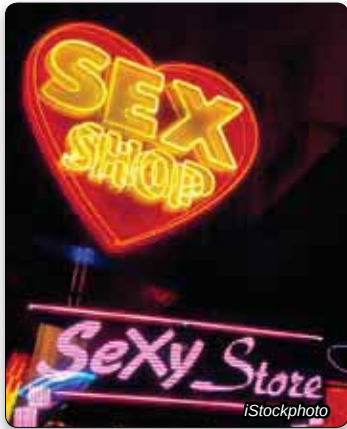
Como o povo da Grã-Bretanha, uma grande parte dos Estados Unidos nos últimos anos começaram a ignorar os ensinamentos da Bíblia.

Os descendentes de Israel falham em suas responsabilidades

Por causa da restauração das promessas de primogenitura de José aos seus descendentes, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, o povo dessas nações tem desfrutado de prosperidade sem precedentes. Mais uma vez, tal como seus antepassados, eles tiveram a *oportunidade* de ser um povo “santo”, um exemplo de retidão para outras nações.

A Grã-Bretanha teve a oportunidade de espalhar os princípios de ser uma civilização temente e ética para grande parte do mundo. No auge de seu império, os britânicos levaram a Bíblia aos lugares mais distantes da Terra. No entanto, hoje a religião é rotineiramente ridicularizada nos noticiários nacionais britânicos e na mídia de entretenimento, e o cristianismo está naufragando. Muitas igrejas foram fechadas e desativadas porque as pessoas deixaram de participar. A grande maioria do povo britânico mostra pouco ou nenhum interesse pelos ensinamentos da Bíblia.

Da mesma forma, os Estados Unidos foram fundados por líderes que, em sua maioria, tinham grande respeito pela Bíblia. Embora oficialmente não favoreciam nenhuma religião, o país logo se tor-



Paradoxalmente, o Estados Unidos é um dos países mais prósperos do mundo e também um dos mais imorais.

nou reconhecido como a principal nação cristã do mundo. Mas nos últimos tempos, grande parte da nação também tem ignorado os ensinamentos da Bíblia. Paradoxalmente, o Estados Unidos é um dos países mais prósperos do mundo e também um dos mais imorais. Ele tem um dos piores índices de criminalidade e violência entre todas as nações.

Como na antiga Israel (Jeremias 5:7-9), a imoralidade anda desenfreada nos Estados Unidos e nas nações que uma vez formaram o Império Britânico. O número de lares desfeitos e de famílias sem pai segue aumentando, apesar de o país continuar prosperando. A ilegitimidade paterna, os milhões de abortos de bebês inocentes e as epidemias de doenças sexualmente transmissíveis são características de uma desprezível moralidade da autossatisfação.

Milhões procuram escapar através do álcool e das drogas ilícitas. O entretenimento cruel e violento domina a mídia. A obscenidade é vista como cultura. Milhões de pessoas vivem com medo de serem vítimas de crime ou violência a qualquer momento. Muitas cidades são um poço de criminalidade, de violência de gangues, de pobreza, de analfabetismo e de filhos ilegítimos. A ganância e o materialismo tornou-se a religião de países que

há algum tempo se orgulhavam de serem nações “cristãs”. Como resultado destes e de outros pecados, agora muitas pessoas veem os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, outrora respeitados em grande parte do mundo, com desprezo e desconfiança.

Entre os pecados mais graves da antiga casa de Israel estão a idolatria e a desobediência do mandamento do Sábado, que levou a Israel a abandonar o costume de ouvir e aprender mais sobre a Palavra de Deus.

Observe o que Deus disse, através do profeta Ezequiel, depois de Israel cair em cativeiro: “E também lhes dei os Meus Sábados, para que servissem de sinal entre mim e eles, *para que soubessem que Eu sou o SENHOR que os santifica*. Mas a casa de Israel se rebelou contra Mim no deserto, não andando nos Meus estatutos e rejeitando os Meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles; e profanaram grandemente os Meus Sábados . . . Porque rejeitaram os Meus juízos, e não andaram nos Meus estatutos, e profanaram os Meus Sábados; porque o seu coração andava após os seus ídolos” (Ezequiel 20:12-13, 16).

Como resultado disso, eles começaram a acreditar que uma crença ou prática religiosa não era melhor do que outra—que podem mudar as regras da vida como bem entendessem. Devido a essas crenças e a seus pecados, Deus permitiu que fossem levados para o cativeiro.

A mesma coisa acontece hoje. Embora muitas pessoas vejam os feriados religiosos como feriados que não têm nada a ver com o culto ao verdadeiro Deus, a verdade é que eles vêm da



Agora muitas pessoas vêem os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, outrora respeitados em grande parte do mundo, com desprezo e desconfiança.

idolatria da antiguidade. De muitas formas, os pecados do povo de hoje são idênticos aos da antiga Israel. (Para entender melhor as verdadeiras origens dessas festas populares de hoje em dia, não deixe de pedir ou baixar do nosso site www.revistaboanova.org/literatura a sua cópia gratuita do livro *Feridos Religiosos ou Dias Santos: Importa os Dias que Guardamos?*)

As palavras do profeta Oséias é uma descrição assustadoramente precisa dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha: “Ouvi a palavra do SENHOR, vós, filhos de Israel, porque o SENHOR tem uma contenda com os habitantes da terra, porque não há verdade, nem benignidade, nem conhecimento de Deus na terra. Só prevalecem o perjurar, e o mentir, e o matar, e o furtar, e o

adulterar, e há homicídios sobre homicídios. Por isso, a terra se lamentará . . . “O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento . . . Como eles se multiplicaram, assim contra mim pecaram . . . Alimentam-se do pecado do meu povo e da maldade . . . e visitarei sobre ele os seus caminhos e lhe darei a recompensa das suas obras” (Oséias 4:1-3, 6-9). Assim como Deus puniu a antiga Israel por seus pecados, Ele pretende punir seus descendentes modernos por sua constante desobediência.

Deus ainda é o mesmo de sempre

Deus não muda (Malaquias 3:6). Ele responde de forma coerente e imparcial ao comportamento humano. Ele bendiz a obediência e pune a desobediência. Os descendentes modernos de Israel não devem ignorar Suas incessantes advertências.

No início da história de Israel como nação, Deus inspirou a Moisés a escrever: “Eis que hoje eu ponho diante de vós a bênção e a maldição: a bênção, quando ouvirdes os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, que hoje vos mando; *porém a maldição, se não ouvirdes os mandamentos do SENHOR, vosso Deus*, e vos desviardes do caminho que hoje vos ordeno, para seguirdes outros deuses que não conhecestes” (Deuteronômio 11:26-28).

Da mesma forma Ele explicou Seu propósito e plano para Israel como nação: “E o SENHOR, hoje, te fez dizer que *lhe* serás por povo seu próprio... Para assim te exaltar sobre todas as nações que fez, para louvor, e para fama, e para glória, e *para que sejas um povo santo* ao SENHOR, teu Deus, como tem dito” (Deuteronômio 26:18-19). Estas são exatamente as bênçãos e a oportunidade que Ele deu à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos, os descendentes modernos de José.

Então, o que o futuro reserva para estas nações? Qual o castigo que terão de sofrer por terem escolhido o caminho do pecado e por terem virado as costas para a oportunidade dada por Deus?

O tempo de angústia para Jacó

Em sua época, o século VI a.C., o profeta Jeremias falou à casa de Judá, quando Judá enfrentou o castigo de Deus nas mãos do Império Babilônico. Mas Jeremias também profetizou para *a casa de Israel*—que Deus havia punido e enviado para o cativeiro, *há mais de um século antes de ele nascer*. Jeremias escreveu sobre um tempo de *angústia nacional*, que ainda está no futuro, para os descendentes modernos das dez tribos perdidas de Israel.

Veja a situação deles quando Cristo voltar: “Porque eis que dias vêm, diz o SENHOR, em que farei tornar *do cativeiro* o meu povo de Israel e de Judá . . . e torná-los-ei a trazer à terra que dei a seus pais, e a possuirão” (Jeremias 30:3).

Então Jeremias descreve por que Deus terá que intervir e salvar os atuais israelitas. “Ah! Porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! E é *tempo de angústia para Jacó*; ele, porém, *será salvo dela*. Porque será naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, que eu quebrarei o

seu jugo de sobre o teu pescoço e quebrarei as tuas ataduras; e nunca mais se servirão dele os estranhos [e nunca mais estrangeiros farão escravo este povo, (ARA)]” (versículos 7-8). Observe que o “jugo” e as “ataduras” que escravizam os descendentes de Jacó são colocadas sobre eles por “estranhos [estrangeiros]”—nações inimigas.

Ele será libertado deste domínio estrangeiro e da escravidão quando Cristo vier pela segunda vez. Este será o tempo em que o rei Davi e os doze apóstolos de Cristo—juntamente com todo o resto dos santos de Deus—serão ressuscitados para começar a governar com Cristo sobre uma Israel restaurada no Reino de Deus (Ezequiel 37:24; Mateus 19:28).

Jeremias, ainda falando do tempo do fim, continua: “Mas servirão ao SENHOR, seu Deus, como também a Davi, seu rei, que lhes levantarei. Não temas, pois, tu, meu servo Jacó, diz o SENHOR, nem te espantes, ó Israel; porque eis que *te livrarei das terras de longe, e a tua descendência, da terra do seu cativeiro*; e Jacó tornará, e descansará, e ficará em sossego, e não haverá quem o atemorize. Porque eu sou contigo, diz o SENHOR, para te salvar, porquanto darei fim a todas



Milhões de pessoas vivem com medo de serem vítimas de crime ou violência a qualquer momento. Muitas cidades são um poço de criminalidade, de violência de gangues, de pobreza, de analfabetismo e de filhos ilegítimos.

as nações entre as quais te espalhei; a ti, porém, não darei fim, *mas castigar-te-ei com medida e, de todo, não te terei por inocente*” (Jeremias 30:9-11).

A maioria das profecias da Bíblia se refere a este tempo de angústia no contexto de como Deus planeja livrar os israelitas depois de serem punidos novamente. Quando Cristo voltar para começar a “*restauração* de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio” (Atos 3:21), os atuais descendentes de Jacó estarão novamente em cativeiro. Isto significa que o “tempo de angústia de Jacó” nos últimos dias, como previu Jeremias, será realmente muito grave.

Problemas sem precedentes—e a libertação

Daniel diz: “E, naquele tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo, e haverá *um tempo de angústia*, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, *livrar-se-á o teu povo* . . .” (Daniel 12:1).

Por que Deus permite este tempo de angústia? Através do profeta Sofonias, Deus fala de Sua ira contra a dureza do coração das nações nos últimos dias. Ele diz: “porque o meu *juízo* é juntar *as nações* e congregar os reinos, para *sobre eles* derramar *a minha indignação e todo o ardor da minha ira*; porque *toda esta terra será consumida pelo fogo* do meu zelo” (Sofonias 3:8). Ele não poupará *nenhuma nação e nenhum povo*.

Embora *todas as nações vão sofrer a Sua ira*, Deus explica claramente *por que* punirá os israelitas naquele tempo. Durante esse tempo de catástrofe nacional, morrerão todos aqueles que se recusarem a ouvir a advertência de Deus e a se arrependerem. Somente quem ouvir e aceitar a advertência de Deus antes e durante este tempo de vingança global vai receber misericórdia.

Note as palavras de Sofonias: “Naquele dia . . . *tirarei do meio de ti os que exultam na sua soberba*, e tu nunca mais te ensoberbecerás no meu monte santo. *Mas deixarei no meio de ti um povo humilde e pobre*; e eles confiarão no nome do SENHOR.

“O remanescente de Israel não cometerá iniquidade, nem proferirá mentira, e na sua boca não se achará língua enganosa; porque serão apascentados, deitar-se-ão, e não haverá quem os espante. Canta alegremente, ó filha de Sião; rejubila, ó Israel; regozija-te e exulta de todo o coração, ó filha de Jerusalém. *O SENHOR afastou os teus juízos, exterminou o teu inimigo*; o SENHOR, o rei de Israel, está no meio de ti; *tu não verás mais mal algum*” (Sofonias 3:11-15).

Os descendentes modernos de Israel terão de suportar este terrível período de castigo e cativeiro por não se arrependerem de seus pecados e levarem a sério o papel que Deus lhes deu. Até mesmo o povo judeu em Jerusalém e o moderno Estado de Israel não vão escapar desse cativeiro e do castigo, que deve acontecer pouco antes da volta de Cristo:

“Eis que vem o dia do SENHOR . . . Porque eu juntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém... e metade da cidade *sairá para o cativeiro*, mas o resto do povo não será expulso da cidade . . . E o SENHOR *sairá e pelejará* contra estas nações, como pelejou no dia da batalha” (Zacarias 14:1-3). Os próximos versículos descrevem o retorno de Cristo, confirmando que este cativeiro ocorrerá no tempo do fim.

Advertências de Ezequiel para nós

Tal como Jeremias, o sacerdote Ezequiel também profetizou muito tempo depois do antigo reino de Israel ter sido esmagado e seu povo levado para o cativeiro assírio. O exército conquistador do rei Nabucodonosor da Babilônia tinha retirado à força da terra de Judá esse jovem exilado judeu, Ezequiel, e milhares de seus compatriotas, cerca de 130 anos após a destruição do reino do norte de Israel.

A missão e a mensagem de Ezequiel *não poderiam* ter sido para o antigo reino de Israel. Esse reino *tinha desaparecido há muito tempo*. Deus já havia banido este povo para uma terra estrangeira nos confins do Império Assírio

a centenas de quilômetros do lugar onde Ezequiel estava exilado, na Babilônia. Se Deus estivesse usando Ezequiel para avisar o antigo reino de Israel, Ele estaria mais de um século atrasado!

Sem dúvida nenhuma, Ezequiel dirigiu parte de sua mensagem para a nação de Judá, que na época estava indo para o cativeiro. Mas outra parte de sua mensagem foi inequivocamente dirigida a “*toda a casa de Israel*”—*todas as doze tribos*—e diz respeito ao *tempo do fim* (Ezequiel 39:25, 45:6).

Qual foi a mensagem que Deus enviou para “*toda a casa de Israel*”, através do profeta Ezequiel? “Filho do homem, assim diz o Soberano, o Senhor, à nação de Israel: Chegou o fim! O fim chegou aos quatro cantos da terra de Israel. *O fim está agora sobre você, e sobre você eu vou desencadear a minha ira. Eu a julgarei de acordo com a sua conduta* e lhe retribuirei todas as suas práticas repugnantes. Não olharei com piedade para você nem a pouparei; com certeza eu lhe retribuirei sua conduta e suas práticas em seu meio. Então você saberá que eu sou o SENHOR . . .

“Quando chegar o pavor, eles buscarão paz, mas não a encontrarão . . . *Lidarei com eles de*



Estas maldições intemporais pela desobediência incluem padrões climáticos adversos que trazem secas devastadoras e infestações de insetos que destroem as lavouras e trazem a fome.

acordo com a sua conduta, e pelos seus próprios padrões eu os julgarei. Então saberão que eu sou o SENHOR” (Ezequiel 7:2-4, 25, 27, NVI).

O livro de Ezequiel contém muitas advertências semelhantes, que se aplicam aos *atuais descendentes de todos os israelitas, tanto da casa de Israel quanto da casa de Judá*. Deus condena a imoralidade, a corrupção, a ganância, a violência desenfreadas e a opressão dos indefesos pelos descendentes modernos das doze tribos de Israel. Ele detesta o fato de que eles se contaminaram com falsos deuses, desprezaram Suas coisas santas e profanaram os Seus Sábados (Ezequiel 22:7-13).

Por causa dessa degeneração moral Deus também diz: “*E espalhar-te-ei* entre as nações, e *espalhar-te-ei* pelas terras, e *porei termo à tua imundícia*. E tu serás profanada em ti mesma, aos olhos das nações, e *saberás que eu sou o SENHOR*” (Ezequiel 22:15-16).

Deus promete que vai punir ou poupar cada ser humano de acordo com a sua atitude e conduta. Ele explica: “Desviando-se o justo da sua justiça

e praticando iniquidade, morrerá nela. E, convertendo-se o ímpio da sua impiedade e fazendo juízo e justiça, ele viverá por isto mesmo . . . *julgar-vos-ei a cada um conforme os seus caminhos*” (Ezequiel 33:18-20).

A queda e o cativo da nação

Essa punição devastadora vai envolver, conforme vimos nessas profecias, a queda da nação e o cativo dos atuais israelitas. Agora vamos examinar



No final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos era uma incomparável potência militar. Contudo, lutaram na Coreia até se encontraram num beco sem saída e sofreram uma derrota humilhante no Vietnã.

outras crises que os Estados Unidos e outros povos anglo-descendentes terão de enfrentar nessa época.

Atente para as maldições nacionais que Deus incluiu em Sua aliança com a antiga Israel: “Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do SENHOR, teu Deus . . . então, sobre ti virão todas estas maldições e te alcançarão: Maldito serás . . .” (Deuteronômio 28:15-16).

Estas maldições intemporais pela desobediência incluem doenças incapacitantes e epidemias (versículos 21-22, 27, 35, 59-62), doenças mentais (versículo 28); padrões climáticos adversos que trazem secas devastadoras (versículos 23-24) e infestações de insetos que destroem as lavouras (versículos 38-40, 42) e trazem a fome (versículos 53-57), e, por fim, a invasão e o cativo (versículos 32-33, 36, 41, 47-52, 64-68).

Levítico 26:14-39 descreve consequências semelhantes, ao mesmo tempo, destaca que Deus vai “quebrantar a soberba da vossa força” de tal forma que “fugireis, sem ninguém vos perseguir” (versículos 17 e 19).

Parece que já estamos assistindo ao cumprimento desta profecia em nosso tempo. Talvez ainda mais notável do que a gloriosa ascensão do Império

Britânico foi sua rápida queda. A Grã-Bretanha, o império no qual o sol nunca se punha, tem perdido uma colônia após outra. A maioria das nações que, uma vez formavam o Império Britânico, agora são independentes, e não estão mais sujeitas ao domínio britânico.

Os Estados Unidos, que emergiram da Segunda Guerra Mundial como a potência militar mais proeminente do mundo, logo se encontraram em um impasse sangrento na Coreia e numa derrota humilhante no Vietnã. Até mesmo nas recentes guerras, como as do Iraque, Kuwait, Bósnia e Sérvia, em que os Estados Unidos alcançaram os seus objetivos militares preliminares, as forças norte-americanas permaneceram envolvidas nas dispendiosas obrigações de manter a paz e não têm conseguido fugir disso facilmente. Desde o impasse na Guerra da Coreia, apenas em conflitos claramente unilaterais, como em Granada e no Panamá, é que os Estados Unidos emergiram como o vencedor declarado.

Apesar de os Estados Unidos continuarem sendo a mais poderosa potência militar do mundo, essa vantagem tem sido muito prejudicada pela falta de vontade política e falta de compromisso para vencer decisivamente suas guerras.

Em outro sinal de declínio, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos perderam muitas das passagens marítimas estratégicas que ganharam e mantiveram a todo custo.

Nos últimos anos, eles abriram mão desses importantíssimos bens estratégicos, como o Canal do Panamá e Hong Kong. Sem dúvida, essa tendência vai continuar.

“Um tempo de grande aflição”

Outras profecias indicam que as turbulências profetizadas a envolver os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Austrália, o Canadá, a Nova Zelândia, a África do Sul e as democracias do noroeste da Europa serão apenas um prelúdio de um momento de agitação e caos, como nada que foi visto previamente no mundo.

Aos descrever o tempo terrível antes de Seu retorno, Jesus disse: “Porque naqueles dias haverá um sofrimento tão grande *como nunca houve desde*



Com o desenvolvimento de armas nucleares, no século passado, a extinção da raça humana tornou-se uma possibilidade real. Hoje em dia, existem ogivas nucleares suficientes para matar várias vezes todos os seres humanos do planeta.

que Deus criou o mundo; e *nunca mais acontecerá uma coisa igual*. Porém Deus diminuiu esse tempo de sofrimento. Se não fosse assim, *ninguém seria salvo*. Mas, por causa do povo que Deus escolheu para salvar, esse tempo será diminuído” (Mateus 24:21-22, BLH).

Somente nas últimas décadas a humanidade enfrentou a perspectiva aterrorizante de extermínio mundial. Temos suficientes armas nucleares armazenadas para matar todo homem, mulher e criança diversas vezes. Algumas nações—inclusive países terroristas—têm os meios para devastar países



Corbis Digital Stock

inteiros com armas químicas ou biológicas. Muitas profecias bíblicas servem como advertências assustadoras do tipo de carnificina que essas armas podem causar.

Quão devastador será este período? O livro de Apocalipse descreve uma combinação de catástrofes sobrenaturais e artificiais que vão assolar a Terra no tempo do fim. Em apenas um grande desas-

“Porque há de acontecer, naquele dia, que o SENHOR tornará a estender a mão para adquirir outra vez os resíduos do seu povo que restarem . . . e ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da terra”

tre um terço de toda a população da Terra—bilhões de pessoas—morrerá (Apocalipse 9:15, 18). As condições serão tão sombrias que “os homens buscarão a morte e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles” (versículo 6).

Deus não gosta de punir as pessoas. Através de Ezequiel Ele diz: “Dize-lhes: Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso *se converta do seu caminho e viva*. Converti-vos, converti-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel?” (Ezequiel 33:11, ARA).

Infelizmente, esta é a única maneira que levará muitas pessoas ao arrependimento.

Israel recupera sua grandeza após o retorno de Jesus Cristo

Apesar dessas grandes calamidades, a profecia nos diz que, *após o retorno de Jesus Cristo à Terra para estabelecer o Reino de Deus*, os sobreviventes

das tribos de Israel terão uma reputação ainda maior do que tiveram antes. Deus promete uma reunificação sem precedentes de Israel.

“Porque há de acontecer, naquele dia, que o SENHOR tornará a estender a mão para adquirir *outra vez* os resíduos do seu povo que restarem . . . E levantará um pendão entre as nações, e ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará desde *os quatro confins da terra*” (Isaías 11:11-12).

Aqueles que voltarem vão ser um povo transformado e humilhado. Ao falar do tempo que Israel iria para o cativeiro, Deus disse: “Lá, servireis a deuses que são obra de mãos de homens, madeira e pedra, que não veem, nem ouvem, nem comem, nem cheiram. De lá, buscarás ao SENHOR, teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma.

“Quando estiveres em angústia, e todas estas coisas te sobrevierem *nos últimos dias*, e te voltares para o SENHOR, teu Deus, e lhe atenderes a voz, então, o SENHOR, teu Deus, não te desampará, porquanto é Deus misericordioso, *nem te destruirá, nem se esquecerá da aliança que jurou a teus pais*” (Deuteronômio 4:28-31, ARA).

Observe que a definição do tempo para esta passagem é “*nos últimos dias*” (versículo 30). Deus sabe que quando as pessoas voltam a obedecê-Lo normalmente têm de aprender a lição da maneira mais difícil. No entanto, Ele está sempre disposto a abençoar aqueles que se convertem dos seus maus caminhos.

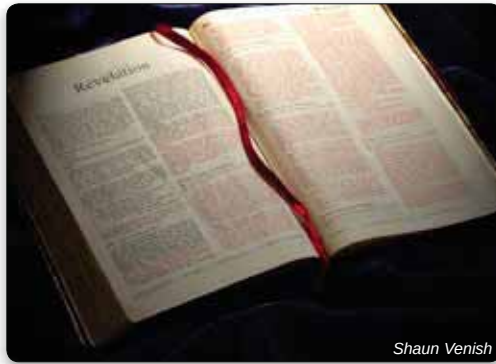
Através do profeta Ezequiel, Deus diz o seguinte sobre esse tempo: “Quando a casa de Israel habitava na sua terra, então, a contaminaram com os seus caminhos e com as suas ações . . . E os espalhei entre as nações, e foram espalhados pelas terras; conforme os seus caminhos e conforme os seus feitos, eu os julguei.

“E vos tomarei dentre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. *E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo*; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. *E porei dentro de vós o Meu Espírito* e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis. E habitareis na terra que eu dei a vossos pais, e vós me sereis por povo, e eu vos serei por Deus” (Ezequiel 36:17-28).

Deus nunca cumpriu essa profecia com a antiga Israel ou Judá, pois Ele disponibilizou o Seu Espírito apenas a um grupo seleta antes de iniciar a Igreja do Novo Testamento, em 31 d.C., conforme registrado no segundo capítulo de Atos. Estes eventos *ainda vão acontecer*. Deus promete que, quando essas pessoas se humilharem e se arrependerem, vai dar-lhes o Seu Espírito. Então, elas já não serão mais rebeldes e desobedientes a seu Criador. Portanto, guiadas pelo Espírito, elas vão seguir voluntariamente a Deus, obedecendo as Suas leis.

A reunificação de Israel sob o governo de Cristo

Conforme as profecias do fim dos tempos sobre Israel vão acontecer, esse povo entenderá Deus e o que Ele deseja deles de uma maneira que eles nunca antes tenham entendido. Os descendentes das dez tribos perdidas do reino do norte vão descobrir que não são gentios, como muitos acreditam erroneamente. Como



povo humilde, eles vão se converter dos seus maus caminhos e vão buscar o verdadeiro conhecimento de Deus. A casa de Israel e a casa de Judá se unirão novamente como uma só nação *sob o governo de Cristo*.

As profecias de Ezequiel apontam para uma reunião

Deus não se esqueceu—nem jamais esquecerá—de Suas promessas a Abraão, Isaque e Jacó. As páginas da história e das profecias ainda a serem cumpridas mostram Deus permanecendo fiel a cada detalhe de Sua palavra.

dramática daquela “Israel perdida” com seus irmãos de Judá. “Quanto a ti, filho do homem, toma um pedaço de pau para si mesmo, e escreve nele: ‘Por Judá e pelos filhos de Israel, seus companheiros’. Então toma outro pau, e escreve nele: ‘Por José, vara de Efraim e para toda a casa de Israel, seus companheiros’. Então junte-se a eles um para o outro para si mesmo em uma só vara, e elas se tornarão uma só na sua mão . . .

“Dize-lhes, pois: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu tomarei os filhos de Israel de entre as nações para onde eles foram, e os congregarei de todas as partes, e os levarei para a sua própria terra . . . Nunca mais serão duas nações; nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos” (Ezequiel 37:16-17, 21-22, ARA).

Esta nação unificada será composta de ambos os povos judeus—os descendentes do antigo reino de Judá—e os descendentes das outras dez tribos.

Após o período da “angústia de Jacó” no tempo do fim,, que será a justa e necessária correção de Deus à atual Israel, um remanescente arrependido vai sobreviver. Aqueles das tribos de Isreal, que são conhecidas como as tribos perdidas do reino do norte, que incluem o povo britânico e norte-americano, terão se arrependido de ter transgredido as leis da aliança, até mesmo o Sábado e os Dias Santos de Deus. Os judeus do reino do sul vão reconhecer a Jesus como o verdadeiro Messias.

Finalmente, os atuais descendentes de ambos os reinos, pela primeira vez em quase três mil anos, vão se reunificar como uma nação.

Deus fez outra surpreendente promessa: “*O meu servo Davi reinará sobre eles*; todos eles terão um só pastor, andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão. Habitarão na terra que dei a meu servo Jacó, na qual vossos pais habitaram; habitarão nela, eles e seus filhos e os filhos de seus filhos, para sempre; *e Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente*. Farei com eles aliança de paz; *será aliança perpétua*. Estabelecê-los-ei, e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles, para sempre” (versículos 24-26, ARA).

No retorno de Jesus, Deus vai ressuscitar o rei Davi, a quem chamou de um “homem segundo o Meu coração” (Atos 13:22), para governar sobre esse reino reunificado. Juntamente com muitos outros servos fiéis de Deus, ele será ressuscitado para a vida eterna (1 Tessalonicenses 4:16-17; 1 Coríntios 15:52). Além disso, como prometeu Jesus, os doze apóstolos reinarão sobre cada tribo (Mateus 19:28; Lucas 22:30).

Agora vamos analisar a restauração do papel internacional que essa futura Israel reunificada vai cumprir no plano de Deus. Vamos ver como os descendentes de Jacó serão um exemplo piedoso para todas as nações no futuro Reino de Deus.

A futura glória de Israel durante o Reino de Deus

Sobre a formação desta nação reunificada Deus diz: “E Eu mesmo recolherei o resto das minhas ovelhas, de todas as terras para onde as tiver afugentado, e as farei voltar aos seus apriscos; e frutificarão e se multiplicarão. E levantarei sobre elas pastores que as apascentem, e nunca mais temerão, nem se assombrarão, e nem uma delas faltará.

“Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um *Renovo justo*; sendo rei, *reinará*, e prosperará, e *praticará o juízo e a justiça* na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o nome com que o nomearão: O SENHOR, JUSTIÇA NOSSA” (Jeremias 23:3-6). Este governante supremo é Jesus Cristo.

Debaixo de Jesus, os santos ressuscitados—os antigos seres humanos que faziam parte do corpo de crentes de Sua verdadeira Igreja—vão servir fielmente como mestres dos cidadãos dessa Israel restaurada (comparar Isaías 30:19-21 com Apocalipse 1:6; 5:10; 20:4, 6).

Quando os israelitas voltarem para Deus em arrependimento e obediência, então Ele tornará a derramar bênçãos físicas sobre eles. A sua terra se tornará abundantemente produtiva.

Amós descreveu assim esta prosperidade futura: “‘Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que o que lavra alcançará ao que sega, e o que pisa as uvas, ao que lança a semente; e os montes destilarão mosto, e todos os outeiros se derreterão. E removerei o cativo do meu povo Israel, e reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão, e plantarão vinhas, e beberão o seu vinho, e farão pomares, e lhes comerão o fruto. E os plantarei na sua terra, e não serão mais arrancados da sua terra que lhes dei’, diz o SENHOR, teu Deus” (Amós 9:13-15).

Nesse tempo também haverá paz sem precedentes. “Ele [Jesus, o Renovo justo] julgará entre muitos povos e corrigirá nações poderosas e longínquas; estes converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante, porque a boca do SENHOR dos Exércitos o disse» (Miquéias 4:3-4, ARA).

Os profetas também revelam que este será um tempo de cura. Aqueles que são coxos vão andar. As pessoas doentes serão curadas (Isaías 35:5-6).

Quando as outras nações virem a prosperidade e o relacionamento com Deus que os israelitas terão, então essas nações vão perguntar como podem também ser abençoadas. E logo descobrirão que a prosperidade de Israel é por causa de sua obediência a Deus. Em seguida, as nações gentias vão querer aprender sobre o Deus de Israel. “Naquele dia, sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla da veste de um judeu, dizendo: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco” (Zacarias 8:23).

As nações começarão a aprender os caminhos de Deus, com a ajuda da restaurada e obediente Israel. Jerusalém se tornará o centro mundial da educação religiosa, tal como o profeta Miquéias explicou: “Mas, nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do SENHOR será estabelecido no cume dos montes e se elevará sobre os outeiros, e concorrerão a ele os povos. E irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do SENHOR e à Casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e nós andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do SENHOR, de Jerusalém” (Miquéias 4:1-2).

Finalmente, Israel vai ser realmente a ‘nação modelo’ do mundo, dando exemplo das bênçãos e do caminho de vida para as outras nações, que vão se esforçar para fazer igual. Deus vai ensinar a verdade acerca de Seu Sábado —o tempo semanal sagrado para nos aproximarmos de Deus—para todas as pessoas (Isaías 66:23).

Os Dias Santos de Deus—que definem o Seu plano de salvação—também serão uma parte importante da adoração a Deus nesta época futura. Deus mesmo nos diz que representantes das nações vizinhas virão todos os anos a Jerusalém para adorar durante a *grande festa* durante o outono [no hemisfério norte].

“Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para *celebrar a Festa dos Tabernáculos*. Se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém, para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, não virá sobre ela a chuva” (Zacarias 14:16-17, ARA).

A glória da Israel restaurada vai brilhar muito mais do que na era de ouro da Israel de Salomão ou mais que qualquer outra nação ou reino que o mundo já viu. Tudo vai acontecer porque Cristo será o Governante dessa nação. Através de seu Criador Israel vai ganhar “nome e um louvor entre

todos os povos da terra” (Sofonias 3:20). E Israel finalmente vai se tornar o exemplo que Deus pretendia que fosse.

Deus não se esqueceu—nem jamais esquecerá—de Suas promessas a Abraão, Isaque e Jacó. As páginas da história e das profecias ainda a serem cumpridas mostram Deus permanecendo fiel a cada detalhe de Sua palavra.

A parte de você no plano de Deus

Agora chegamos à pergunta mais importante para você refletir: O que vai acontecer com você quando estas profecias forem cumpridas?

Neste guia de estudo bíblico cobrimos grande parte da história de Israel. Vimos como esse povo foi dividido em duas nações, se afastou de Deus e foi para o cativeiro. Examinamos profecias e evidências históricas que apontam para a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e os outros povos anglo-descendentes como os atuais descendentes de José, o pai das tribos israelitas de Efraim e Manassés. Também analisamos as profecias que revelam o que vai acontecer a esses povos, antes e após o retorno de Jesus. *Todas as nações da Terra serão afetadas pela queda e restauração deles.*

Você tem uma escolha. Se quiser, você pode ignorar esse conhecimento. Ninguém pode forçá-lo a aceitá-lo. A história é tão espantosa que muitas pessoas simplesmente se recusam a acreditar. E decidem raciocinar à volta desta prova. *Mas essa escolha tem um preço muito alto.* O fato é que ou Deus é fiel às Suas promessas ou não. Se Ele é fiel, certamente todas as promessas e profecias que deu se cumprirão—sejam boas ou más.

Quando decidir qual rumo você vai tomar, lembre-se o que Deus disse aos antigos israelitas, depois de explicar os termos do relacionamento que teriam com Ele: “Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; *escolhe, pois, a vida*, para que vivas, tu e a tua semente, amando ao SENHOR, teu Deus, dando ouvidos à sua voz e te achegando a ele; pois *Ele é a tua vida . . .*” (Deuteronômio 30:19-20).

Deus também nos diz “anuncia agora a *todos os homens, em todo lugar, que se arrependam*, porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo” (Atos 17:30-31). Sua advertência se aplica igualmente aos israelitas e aos não israelitas. No entanto, *Ele promete proteção da tempestade* que se aproxima para aquelas pessoas que se voltam para Ele em verdadeiro arrependimento (Apocalipse 3:10; 12:13-17).

Jesus nos diz algo semelhante: “Estejam sempre atentos e orem *para que vocês possam escapar de tudo o que está para acontecer*, e estar em pé diante do Filho do homem” (Lucas 21:36, NVI).

Deus não nos deixa no escuro. Ele nos revela o que está para acontecer com os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, os povos anglo-descendentes e o resto do mundo. Como proferem as Escrituras: “Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Amós 3:7, ARA).

Os autores e editores deste guia de estudo bíblico, a serviço do Criador

de todas as raças e povos, têm mostrado que futuro está reservado para muitas nações e povos, a menos que se arrependam (Jeremias 18:7-8). Como o profeta Ezequiel, a quem foi dada a tarefa de ser um “atalaia sobre a casa de Israel” (Ezequiel 3:17-19; 33:1-7), nós também o exortamos a aceitar e seguir as instruções de Deus para que você também possa ser abençoado e protegido por Ele.

Seu futuro depende de sua decisão. Esperamos que você tenha a sabedoria e o caráter para escolher sabiamente!

O Cumprimento Dual na Profecia Bíblica

Muitas profecias da Bíblia são duais. Em tais casos, um profeta fala sob a inspiração de Deus e um primeiro cumprimento da profecia acontece. Então, mais tarde, geralmente, no fim dos tempos antes do retorno de Cristo, vem um cumprimento final, definitivo.

Um excelente exemplo da dualidade é encontrado em uma profecia que Joel fez sobre o Espírito Santo: “Há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o meu Espírito.

“E mostrarei prodígios no céu e na terra, sangue, e fogo, e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR . . . congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá; e ali com elas entrarei em juízo . . .” (Joel 2:28 - 3:2).

Deus inspirou o apóstolo Pedro a citar esta passagem para descrever os eventos no Dia de Pentecostes, quando Deus fundou a Igreja após a ressurreição de Jesus (Atos 2:14-21). As manifestações milagrosas do poder de Deus através do Espírito Santo, de fato, aconteceram (versículos 1-13). Mas este foi apenas o primeiro cumprimento da profecia de Joel. O cumprimento final virá no tempo do fim e vai envolver, entre outras coisas, a reunião das nações para o julgamento de Deus no Vale de Josafá. Isso não ocorreu no Dia de Pentecostes. Assim, vemos que as profecias podem ser duais.

De mesmo modo, Deus inspirou muitas outras profecias com significados duais. Elas eram aplicadas como advertência aos israelitas naquele tempo e como advertências aos descendentes modernos deste povo. O povo da Grã-Bretanha, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia e as nações do noroeste da Europa, que representam essas pessoas que hoje fariam bem em prestar atenção a essas advertências.

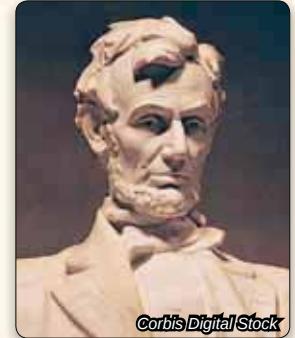
“Nos Tornámo-nos... Orgulhosos Demais para Orar ao Deus que nos Criou”

“Temos sido os beneficiários das mais variadas recompensas celestiais. Temos sido preservados por todos esses anos em paz e prosperidade. Temos crescido em número, riqueza e poder como nenhuma outra nação jamais cresceu.

“Mas temos nos esquecido Deus. Temos esquecido a Mão bondosa que nos preservou em paz, multiplicou, enriqueceu e nos fortaleceu; e temos presunçosamente imaginado, na falsidade de nossos corações, que todas essas bênçãos foram produzidas devido a nossa virtude e sabedoria superior.

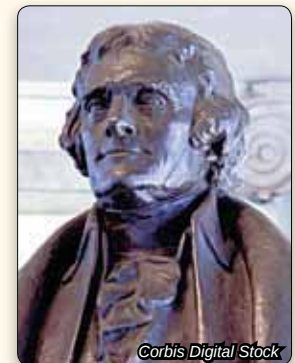
“Intoxicados com o sucesso contínuo, tornámo-nos muito autossuficientes para percebermos a necessidade da graça redentora e protetora, orgulhosos demais para orarmos ao Deus que nos criou.”

—Abraão Lincoln, presidente dos EUA, 1861-1865.



“Eu temo pelo meu país quando penso que Deus é justo e que Sua justiça não dormita para sempre.”

“Deus que nos deu a vida, também nos deu a liberdade. E podem as liberdades de uma nação ser garantidas quando removemos sua única base firme, a convicção na mente das pessoas de que essas liberdades são dom de Deus? . . . Na verdade, eu temo por o meu povo quando reflito que Deus é justo e que Sua justiça não dormita para sempre.” Thomas Jefferson, presidente dos EUA, 1801-1809.



ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:
(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)
Igreja de Deus Unida
P O Box 541027
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:
United Church of God
P O Box 705
Watford,
Herts WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:
Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 7
Montes Claros – MG
CEP 39400-970
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet:
www.revistaboanova.org
www.gnmagazine.org
www.beyondtoday.tv
www.ucg.org
e-mail: info@ucg.org

Autores: Roger Foster, Jeff Patton, John Ross Schroeder

Contribuidores editoriais: Scott Ashley, Melvin Rhodes, Randy Stiver

Revisores editoriais: John Bald, Bill Bradford, Roger Foster,
Roy Holladay, Paul Kieffer, Burk McNair, Donald Ward

Capa: Shaun Venish

Design: Shaun Venish, Michelle Vautour

Tradutores: Angélica Moura, Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Se você quiser saber mais ...

Se você gostaria de aprender mais sobre os temas e assuntos mencionados neste livro, não deixe de ler as seguintes publicações gratuitas:

- A revista Boa Nova.
- O Evangelho do Reino de Deus.
- Os Dez Mandamentos.
- O Caminho Para a Vida Eterna.
- Feriados ou Dias Santos: Importa Quais Dias Observamos?
- O Plano dos Dias Santos de Deus: A Promessa de Esperança Para Toda a Humanidade.
- *O Sábado: De Pôr-do-sol a Pôr-do-sol, O Dia do Descanso de Deus*
- A Igreja que Jesus Edificou
- A Bíblia Merece Confiança?
- Você Pode Entender a Profecia Bíblica
- O Livro de Apocalipse Revelado
- Estamos vivendo no tempo do fim?
- Qual é o Seu Destino?

Todos são gratuitos para você solicitar a qualquer um dos nossos escritórios ou baixá-los de nosso site
www.revistaboanova.org/literatura

